VERÔNICA

A FALSA CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO

TORUATO VERISSIMO NETO



VERÔNICA

A FALSA CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO

Torquato Verissimo Neto

North Press

Rondônia

Neto, Torquato Veríssimo

Verônica: A Falsa Crucificação de Cristo

Ariquemes 2018

Pp. 280

1. Crucificação de Cristo 2. Estudo dos Manuscritos da Bíblia

Para
Elizeu Torquato Veríssimo de Almeida
(in memoriam)
Vitalina Gonçalves de Almeida
Lucilene T.V. de Almeida
Edilene T.V. de Almeida
Ronaldo.T.V. de Almeida
(Minha Sagrada Família).

PREFÁCIO

O cético é aquele que vai mais longe em busca da verdade. Muito embora isso possa parecer uma observação fria, é bastante razoável. Talvez na posição de cético sinto-me com autoridade para discorrer sobre um assunto pouco propalado, porque não dizer, quase que secreto. Mas, como um **truth seeker**[1] achei por bem ser duro na senda da verdade, ao mesmo tempo em que, sempre tolerante às verdades até então consagradas, ou pelo menos, tidas como indeléveis na história da Bíblia. Há aproximadamente 1600 a.C. as histórias do Velho Testamento passaram a ser documentadas em grandes manuscritos e as histórias do Novo Testamento surgem a partir de um manuscrito que relatavam a Paixão e Morte de Jesus Cristo ainda na primeira metade do primeiro século da Era Comum. Tanto o Velho como o Novo Testamento são os documentos históricos mais estudados e contestados na história da humanidade. Isso decorre do fato de que, seus autores afirmam que seus escritos são revelações do Criador do Universo, e que por isso, os livros foram escritos inspirados por ELE, como em 2 Timóteo 3:16.

No inverno da década de 1990 quando concluir a profícua leitora da Bíblia de J.F. de Almeida me veio à cabeça as palavras da minha Iracema (todo mundo já teve sua Iracema), de cabelos negros como a asa da graúna na sua aula de redação. Ela dizia com o seu sorriso inolvidável: “Uma boa história deve ter – começo, meio e fim” – finalmente compreendi o que ela queria dizer. Nenhum outro livro que se ocupa da origem do homem apresenta, por assim dizer, estes

---

1 Aquele que busca a verdade

três requisitos. O estilo literário dos autores da Bíblia esta muito além de qualquer modernista de hoje, a pesar de ter sido escrita há tantos séculos. Infortunadamente o processo de cópias a partir dos manuscritos originais ou Autógrafos i.e., escrito pelo próprio autor do texto, maculou sua fantástica história de como ela tem sido supostamente preservada do decorrer dos últimos 3500 anos.

O fato é que, muitas cópias dos manuscritos originais são apoiadas por um bom número de versados no assunto, ao passo que, outras embora mais antigas pareçam ter menos apoio. Entretanto, isso em se tratando dos manuscritos da Bíblia não pode ser tomado como verdades absolutas, até porque ainda que em menor número, todos os manuscritos sofreram alterações no processo de cópias séculos afora. Além do fato de não haver em absoluto nenhum original em existência.

Em que pese tudo isto, parece haver uma prova incontestável da acuracidade dos escritos, a profecia do Salmista 12:6-7 que garantiria sua preservação as futuras gerações ao longo dos séculos de perseguição e destruição dos escritos pelas autoridades religiosas.

Nesse ponto a Bíblia tem sido infalível, uma vez que seus manuscritos sobreviveram quase que incólume as mais duras perseguições, inclusive nem com a destruição da biblioteca de Alexandria, onde estavam mais de 400 mil livros sob a tutela de Ptolomeu conseguiram escapar das chamas. Tudo fora totalmente reduzido às cinzas, entretanto, os manuscritos ressurgem miraculosamente.

Por outra parte, à luz da arqueologia a Bíblia tem sido confirmada como uma fonte histórica fidedigna. Isso porque muitos locais, cidade e povos descritos na Bíblia foram descobertos exatamente como descritos. As escavações arqueológicas são hoje provas incontestáveis da exatidão dos relatos bíblicos do ponto de vista histórico. Basta mencionar o episódio do capítulo 3 do Segundo Livros dos Reis que relata a campanha contra os Moabitas. A famosa Pedra dos Moabitas descoberta por um arqueólogo alemão

1868 descreve esse mesmo conflito entre o rei Mesa de Moab e Jorão, rei de Israel.

Embora, essa obra seja fruto do trabalho de muitos anos de pesquisas de um Layman[2], não há nenhum traço Sherlockiano em qualquer uma das minhas argumentações. Tudo se fundamenta do prólogo ao epílogo na opinião das mais gabaritadas autoridades sobre o tema. A dissonância que parece haver entre eles, talvez seja o âmago desta obra porque, a partir desse prisma é que se deve estabelecer uma linha de raciocínio para que a leitura seja efetivamente plena.

Durante todo o pós-texto para que essa obra viesse à luz, tive o cuidado de confrontar as opiniões divergentes de renomados autores que dedicaram as suas vidas ou boa parte delas escrevendo sobre a Bíblia como: Clemente de Roma, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Policarpo, Wicleffe, Lutero, Tyndale, a famosa evangelista Ellen G. White, David O. Fuller, William P. Grady, Miles Smith, o conferencista Billy Gaham, o brilhante autor de "Misteries of Ages" Herbert W. Armstrong, entre outros como: Brook F. Scott, Henry M. Morris, Clerence Graig, Fleming James, Dr. Layman abbot, M.R. James, Robert F. Hock, Andrew Berhardt, Geoff Trowbride, Dr. Karen King entre outros doutores como: Dr. Maneh Hammad Al-Johani, Abdurrahman Abdul-Khaaliq, Prof. Dr. Mahamoud H. Zakzouk, Dr. Ahmed A. Galwash, e outros como o teólogo italiano Bruno Forte, Karl Barth do exclusivismo e John Hick do pluralismo religioso etc.

Devo confessar que o tema abordado em cada página não é absolutamente novo, talvez seja tão antigo quanto à invenção da roda, e por isso, tantos autores têm se debruçado sobre o assunto há muitos séculos. Nenhum outro autor antes se ocupou em focar em pontos que, a meu entender, são cruciais para se compreender todo o

[2] Leigo

processo de consolidação da Bíblia que via de regra sustentaram a FALSA CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO até hoje – A canonização e tradução para as línguas modernas. O processo de canonização da Bíblia sempre foi muito obscuro, e em nenhum momento da história houve, por assim dizer, "uma intervenção divina", para que esse ou aquele livro fosse escolhido. Todo o seu processo foi fruto das decisões dos homens. Essas decisões sempre tomadas levando em consideração as ideologias dominantes da época foram confirmadas nos vários concílios durante muitos séculos até que a Bíblia foi dada por completa em 1826.

Com relação ao processo de tradução da Bíblia para as línguas modernas o "crente" também nada sabe a respeito. Tudo parece ser bastante obscuro, tanto que o assunto é visto como de interesse dos lingüistas e teólogos e de ninguém mais. Mas isso é um erro, pois ao desconhecer certos termos, o crente não tem a real dimensão das implicações contidas no texto. Por exemplo, um dos doze escolhidos por Jesus se chamava Simão Zelote, para um crente de hoje o termo Zelote, parece mais um sobrenome do que a designação de um grupo de extremistas políticos. Na verdade, os zelotes faziam parte de um grupo de judeus extremistas que não aceitavam de modo algum a forma opressiva que as autoridades romanas estavam impondo sobre os judeus. Eles foram duramente combatidos pelo Imperador Romano Calígula, até serem completamente aniquilados por volta do ano 70 d.C.

Então, a partir desse prisma, fica fácil vislumbrar um cenário totalmente diferente daquele descrito pelos evangelistas de que os discípulos de Jesus eram todos parecidos com os humildes pescadores Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão. De certa forma, pode se dizer que Jesus escolheu um guerrilheiro como um de seus discípulos. A farta documentação histórica mostra claramente que os Zelotes eram um tipo de FARC[3] israelense da

---

3 Força Armada Revolucionaria da Colômbia.

época de Jesus. Baseado num erro de tradução é que se consolidou um dos mais fortes pilares do cristianismo – a Virgindade de Maria Mãe de Deus – isso decorre do fato de que os teólogos da igreja primitiva preferiram sustentar que o termo aramaico *almah* empregado pelo profeta Isaias quer dizer “Virgem” e não “Jovem” como os versados em aramaico afirmam.

Pelo exposto creio que essa obra será um divisor de águas na literatura religiosa em língua portuguesa. Nunca antes na história verdades como estas contidas nestas páginas foram disponibilizadas para todos de uma maneira geral. São verdades iluminadoras que fundamentarão muitos questionamentos de inúmeros crentes “inquietos”.

Introdução à primeira Parte

A FALSA CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO é um ESTUDO diferente de tudo aquilo que já foi escrito sobre a VIDA de JESUS de Nazaré, e certamente uma obra impar do gênero no Brasil porque esta estruturada sobre um conjunto comprobatório de evidência textual tanto bíblica como extracanonica da manipulação dos eventos que levaram Cristo ao suposto drama da crucificação. Os inúmeros elementos encontrados ao longo da investigação dão sustentação para o enredo montado para tirar Jesus ainda vivo da Cruz por uma mulher que a tradição cristã reconheceu como Verônica - sendo aquela que enxugou o rosto de Cristo durante sua queda na Via Crúcis e José de Arimatéia.

Para entender melhor como tudo isso se passou naqueles dias do tempo de Jesus, se faz necessário uma longa viagem dentro da história e desenvolvimento do Cristianismo, que compõe a primeira parte do livro. O embarque começa no capítulo Das explanações sobre versão e tradução da Bíblia para as línguas modernas; um mundo totalmente desconhecido para milhares de cristãos de hoje. Doravante, o leitor passa a ser como explorador espanhol Cristóvão Colombo que descobriu um MUNDO NOVO quando estava a caminho das Índias. Um novo mundo se descortinará diante dos olhos do explorador “inquieto” a cada novo capítulo. Nunca é demais salientar que, é praticamente impossível compreender as histórias da Bíblia sem um know-how prévio do contexto histórico no qual seus livros foram escritos, talvez, por isso, o celebre evangelista moderno Herbert W. Armstrong tenha dito que a Bíblia é um livro codificado. Portanto, os capítulos seguintes como: Das explanações sobre os manuscritos antigos, Considerações sobre o Codex Sinaiticus e Vaticanus, Considerações sobre os Livros canônicos e apócrifos, Explanações sobre os escribas Aarônicos e

Masoras, Versões mais antigas, Gênios das traduções, O pré-reformador João Wycleffe, O reformista Martinho Lutero, e Da obra de William Tyndale, seguramente serão as chaves para decodificar a Bíblia Canônica atual.

A segunda parte versa sobre a "Bíblia Apócrifa" i.e., os textos apócrifos descobertos no Egito nas ultimas décadas do século passado. No entanto, somente comentários sobre os textos tidos como evangelhos fazem parte deste livro, apesar de existirem centenas de outros manuscritos, principalmente em cópta rotulados como apócrifos ou heréticos segundo a concepção religiosa da época.

No capítulo sobre o EVANGELHO DE MARIA MADALENA, o leitor descobrirá uma mulher totalmente diferente daquela descrita pela Igreja de Roma. Já no surpreendente comentário sobre o EVANGELHO DE NICODEMOS ficará sabendo que após a ressurreição de Jesus ele primeiro apareceu para José de Arimatéia que havia sido preso por ordem de Anás e Caifás e não para Maria Madalena como relata o escritor bíblico Marcos. Nos comentários relativos ao EVANGELHO DE FILIPE pode – se entender claramente porque diversos comentaristas bíblicos apontam Maria Madalena como esposa de Jesus. Na narrativa do EVANGELHO DE BARNABÉ a curiosa história de como Judas Iscariotes foi crucificado no lugar do Cristo. No EVANGELHO DE PEDRO o inconcebível – Pedro reconhece Maria Madalena como discípula do SENHOR. E o que dizer do EVANGELHO DE DÍDIMO TOMÉ que se diz ser irmão gêmeo de Jesus Cristo.

Por conseguinte, talvez o mais estarrecedor de todos: O EVANGELHO SECRETO DE SÃO MARCOS que versa estranhamente sobre práticas homossexuais entre Jesus e o jovem nu do jardim do Getsêmani. No capítulo sobre o EVANGELHO DE TIAGO MENOR o relato da formação da família de Jesus detalhadamente, fatos ignorados pelos autores canônicos. Maria dá à

luz a Jesus aos sete meses no EVANGELHO DOS HEBREUS num relato no mínimo folclórico do ponto de vista teológico. Por outra parte, no - EVANGELHO SEGUNDO OS EGIPCIOS - vê-se nitidamente uma repulsão as relações sexuais e o aparecimento da doutrina que defende o celibato fruto das correntes gnósticas da época.

No EVANGELHO DOS EBIONITAS compilado por uma seita judaico-cristã que floresceu nos primeiros séculos do cristianismo percebe – se que os Ebionitas negavam o nascimento virginal de Jesus, afirmando que Jesus era filho carnal de José e Maria. O EVANGELHO DOS NAZARENOS produzido por um grupo religioso do qual a família de Jesus fazia parte, foi paulatinamente aniquilado após a invasão dos romanos na Palestina. Segundo o autor G. Trowbride o EVANGELHO DA INFANCIA DE JESUS SEGUNDO TOMÉ foi provavelmente a primeira tentativa de se documentar os primeiros doze anos da vida de Jesus.

E, por fim, no EVANGELHO DE BARTOLOMEU o tema central parece ser os mistérios que envolvem Jesus no momento da crucificação. No último capítulo no EVANGELHO DE JUDAS o leitor encontrará um Judas distinto daquele do Novo Testamento. Um vilão que vira herói. Judas não é mais o traidor inescrupuloso, mas escolhido para cumprir a missão de Jesus Cristo.

A terceira parte constitui – se de uma explanação de como se deu o resgate de Cristo ainda VIVO da cruz a partir do plano de Verônica (Claudia Procula esposa de Pilatos) que seguia Jesus secretamente (Mc. 5:34) com a ajuda de Arimatéia e Nicodemos, amigos do casal que frequentavam a Fortaleza de Antônia, residência oficial de Pôncio Pilatos em Jerusalém. Esmiuça a trama da crucifixão tim-por- tim do falso enterro no túmulo vazio próximo de onde Jesus foi pendurado na cruz até sua fuga com apoio do apostolo Paulo para Damasco ou possivelmente até mesmo para a casa de Paulo em Tarso.

CAPÍTULO I

Das explanações sobre versão e tradução da Bíblia para outras línguas

A Bíblia é um best-seller mundial, o que faz dela o livro mais traduzido do planeta e na maioria das casas no Brasil e no mundo chega a ser o único livro, o que a torna também o livro mais lido da Terra. Entretanto, a grande maioria das atuais Bíblias que estão no mercado é apenas mais uma tradução de outras traduções. Daí a importância saber se sua Bíblia é uma versão ou tradução, uma vez que as traduções até mesmo as melhores não seguem a grande maioria dos manuscritos antigos fielmente, ao passo que as versões seguem mui de perto tais originais. Atualmente existem entre 5250 a 5309 manuscritos das Escrituras Sagradas ou parte deles. Manuscritos são documentos feitos à mão. É, a partir dos manuscritos do Velho e Novo Testamento que surge a Bíblia que nada mais é do que uma coleção de livros, como a própria palavra de origem grega significa "biblos" livros ou coleção de livros. O Velho Testamento é uma coleção de 39 livros os quais foram originalmente escritos em sua maioria em hebraico. Já o Novo Testamento foi escrito originalmente em grego e algumas partes provavelmente em hebraico ou aramaico, uma vez que há várias referências no novo Testamento onde os escritores foram influenciados pelas línguas semíticas. Todos os manuscritos existentes são cópias dos originais, de maneira que, não existe um único original da Bíblia preservado até os nossos dias. As cópias em existência são manuscritos feitos por um grupo de escribas que eram encarregados de preservar os antigos originais e garantir que os textos não fossem alterados sob hipóteses alguma.

A partir destas cópias foram feitas as primeiras versões. Versão é uma tradução feita diretamente da língua original. Haja vista que todas as traduções feitas do hebraico ou grego para o latim, alemão, inglês ou francês são versões, enquanto que, uma tradução é feita a

partir de um texto já vertido para uma segunda língua. De modo que, não se pode considerar uma tradução do latim para o português como uma versão é sim uma tradução de uma tradução. A maior parte dos erros encontrados nas Bíblias modernas, ocorre devido às traduções das traduções das Sagradas Escrituras não serem versões dos manuscritos antigos o que impossibilita seguir fielmente o texto em sua totalidade. Prova disto, é uma das mais criticadas traduções conhecida como NKJV (New King James version)[4], em língua inglesa a qual segue quase que fielmente duas versões anteriores da Revised Standard[5] e New American Standard Version[6], onde se verificou mais de 100.000 alterações, uma media de 82 alterações em cada uma das 1219 páginas.

Uma coisa é certa, ao longo dos séculos as tentativas de disponibilizar a Bíblia a todos causaram um prejuízo enorme no que se refere á fidelidade dos textos bíblicos atuais, tanto o texto bíblico esta totalmente desfigurado, além do que a Bíblia não pode e nem deve ser traduzia ao pé da letra, porque grande parte dos relatos e profecias faz parte de uma misteriosa simbologia usada por Deus para fazer com que o seu povo o reconheça como Rei e Senhor sobre todas as criaturas. Com efeito, a ideia de que a Bíblia fora ao longo dos séculos preservada de maneira quase que milagrosa apesar de todos os conflitos humanos sempre causou estranheza nos pesquisadores, bem como também se deve atentar para o histórico de alguns dos tradutores que estiveram imbuídos no árduo trabalho de versão e tradução do único livro que sobreviveu a incêndios e a duas grandes guerras mundiais como a verdadeira fonte de sabedoria para resolver todos os problemas para sempre na Terra.

Há algum tempo atrás após ter lido a respeito dos tradutores da versão inglesa com maior credibilidade nos países anglofonos percebi que todas as versões e traduções que vieram à luz desde João wycleffe até João Ferreira de Almeida e Figueiredo, quase todos eram exímios conhecedores do hebraico e grego e muitos deles

---

[4] Nova Versão do Rei James.

[5] Versão revidada padrão.

[6] Nova Versão Padrão Americana.

eruditos em muitas línguas, como explicarei mais detalhadamente em um capítulo à parte. Então, porque não existe uma concordância entre eles. As discrepâncias são enormes, será que esses homens tão respeitados no seu tempo teriam tentado impor suas ideologias desvirtuando os textos de maneira tão grosseira, como se percebe em inúmeras traduções modernas. Foi a partir destas dissonâncias que em uma manhã chuvosa como todas no mês de janeiro aqui na Amazônia que resolvi empreender uma árdua tarefa de aprender e traduzir do grego para o português o Evangelho de Jesus segundo S. João. Durante um ano estudei com afinco integralmente a gramática do Grego clássico e neo-testamentario ao som de um peito-de-aço numa castanheira com mais de um século de vida á porta do rancho, silêncio só quebrado por uma revoada de *guachos* [7]num velho escurega-macacos cheio de ninhos ao cair da tarde. Dentro de um isolamento quase que total durante esses doze longos meses estudei os casos declínativos do artigo e Aoristo e os complexos tipos de ação desenvolvidos pelos verbos gregos, bem como, as flexibilidades e irregularidades comuns á toda língua no rancho da família encravado no meio da vasta floresta amazônica.

Receio que o meu conhecimento do grego antigo como era falado pelos apóstolos não me capacita como uma autoridade no assunto, tampouco seria essa a minha mais remota e humilde pretensão na construção e elaboração deste trabalho. Não obstante, estou certo de que, ele será sem sombra de dúvida, o primeiro trabalho de versão do texto grego feito por um pesquisador isento de preconceitos religiosos no sentido de suscitar algumas dúvidas muito pertinentes para a maioria dos leitores das Sagradas Escrituras – que querem comparar passagens dos textos bíblicos tendo como base de interpretação as traduções modernas. Ademais sempre que se fala sobre as Escrituras, as referências aos textos originais se tornam ainda mais comuns. Fico imaginando como no decorrer do longo período de tentativas da Igreja de banir as versões e posteriormente

[7] Ave da família dos...

as traduções, como a verdade foi mantida no mais absoluto sigilo do fechado mundo da denominada Santa Igreja. A verdade é que, o instrumento de dominação da Idade Média era profundamente importante para a Igreja, de modo que ela pudesse manter sua autoridade dominante. Milhares de vidas foram ceifadas em nome da verdade. Contudo, a tão sonhada verdade ainda se mantém totalmente mergulhada no mais profundo segredo aos olhos dos leigos.

Porém, não foi em nome dos leigos que Martinho Lutero foi perseguido e se refugiou no castelo de Wartburg[8] para traduzir a Bíblia para o alemão, de modo a suscitar a verdade e trazer á tona tudo aquilo que foi negligenciado pelas autoridades eclesiásticas da época. Tema que ganhará mais fôlego em um capítulo especial sobre o próprio Martinho Lutero e sua visão crítica em disponibilizar as Sagradas Escrituras na língua do povo i.e., o alemão falado no dia-a-dia das pessoas. Na medida em que um número maior de pessoas passaram a ter acesso as escrituras em suas línguas nativas, a Igreja secular começa seu declínio levando ao estagio de esfacelamento total do corpo eclesiástico culminando no surgimento de milhares de religiões que aumentou ainda mais a distância entre os homens e seus deuses.

[8] Türingen, Alemanha.

É voz corrente entres os mais renomados estudiosos que, não existe nenhuma parte dos originais da Bíblia escrito pelos seus mais de 40 autores que entre o Velho e o Novo Testamento seguiu –se um período de aproximadamente 1500 anos. Tudo que se tem hoje são cópias provavelmente dos originais como foi dito no capítulo anterior. Estas cópias são na verdade os Manuscritos que estão nos museus em alguns países do mundo como: Inglaterra e Egito e bibliotecas como a do Vaticano por exemplo. Os manuscritos do Antigo Testamento foram escritos em diferentes lugares, de modo que, foram também agrupados por famílias de acordo com a área em que foram escritos o que justifica, a meu ver, as diferenças que há em determinados manuscritos. No tocante ao número de famílias não se pode afirmar com certeza absoluta o número exato, de maneira que alguns especialistas, confirmam a existência de três famílias principais, outros dizem haver quatro ou cinco no Novo Testamento. Com efeito, o fato é que não há uma certeza, porque os métodos de avaliação nesses casos, ás vezes, também diferem. A grande maioria dos textos que têm sua origem na Itália os chamados textos ocidentais ao lado dos textos produzidos na Ásia em Constantinopla e Bizâncio mais os manuscritos Alexandrinos no Egito formam as três famílias fundamentais.

Uma quarta e quinta família seria os textos da Mesopotâmia ocidental e os da Palestina conhecidos como versões Cesarianas. Entretanto, a divisão em duas famílias de textos os Greco-Alexandrinos e Greco-Bizantinos é a mais aceita pelos teólogos. Nestes manuscritos fica claro que o isolamento geográfico ao logo dos séculos contribui para as diversas uniformidades encontradas em ambos os manuscritos. Parece haver um ponto pacifico entre os estudiosos dos manuscritos antigos quanto aos textos Alexandrinos

por serem mais antigos, provavelmente do século quarto depois de Cristo, muito embora estes manuscritos representem uma pequena minoria dos textos, cerca de pouco menos de 45. Ao passo que os manuscritos Bizantinos são mais de 5000, porém do século VII A.D. Embora o cuidado dos escribas tenha sido extremo para garantir a fidelidade dos textos, muitos erros aconteceram no processo de cópias, cerca de 20.000, sendo que a maioria são erros de ortografia, os restantes por volta de 300 são diferenças realmente substanciais de significado. Os textos Alexandrinos representam somente 5% dos manuscritos existentes, não obstante, eles omitem cerca de 200 versículos o que corresponderia a deletar o Primeiro e Secundo livro de Pedro. Por outro lado um único manuscrito foi escrito por diversos escribas egípcios durante um longo período. Entre os 45 textos que representam os manuscritos Alexandrinos estão o Codex Sinaiticus e o Codex Vaticanus que tem servido como textos ás traduções modernas. A palavra Codex significa manuscritos em forma de livro, i.e., não mais em forma de rolo. Antes, porém, ao se fazer algumas considerações sobre o Codex Sinaiticus e Vaticanus; é importantíssimo dedicar um capítulo inteiro a estes dois manuscritos por duas razões: Primeiro porque neles existem provas da coexistência de outros Evangelhos que não estão nas atuais Bíblias. Segundo por causa do famoso romance Código Da Vinci do escritor Dan Brown. Na construção deste modesto trabalho tenho tido como princípio fundamental a total isenção de não dar a obra um caráter preconceituoso do ponto de vista teológico e moral. Outrossim, em momento algum afirmo sobre a condição de a Bíblia ser um livro de inspiração divina, tampouco faço apologias para contestar o seu conteúdo. Meu sincero desejo e compartilhar meus achados, que na realidade não são só meus, mas de inúmeros estudiosos que têm incansavelmente ao longo de décadas vasculhado em montanhas de livros de incontáveis autores nas mais remotas partes do mundo. Quando li o romance de Dan Brown, muito embora, percebendo uma carga assombrosa de fantasia beirando a insanidade, não me causou estranheza as alegações a cerca da existência de outros evangelhos que por algum motivo não estão incluídos na Bíblia, os

chamados evangelhos secretos. O Codex sinaiticus que foi descoberto em um monastério próximo ao Monte Sinai é prova mais que cabal de que, existiram outros escritos como: Pastor de Hermes é Epístola de Barnabé, por exemplo.

Aos olhos de um leigo a descoberta feita por estudiosos de ambos os manuscritos é efetivamente estarrecedora, uma vez que, estes dois textos que são aceitos amplamente por uma boa parte dos tradutores apresentam entre si uma discordância assustadora. É importante salientar que, apesar de serem os manuscritos mais antigos em existência, eles ficaram ocultos por um período de mais de mil anos. Por exemplo, o Codex Sinaiticus datado do século quarto só foi encontrado acidentalmente por volta de 1844 esquecido totalmente no Monastério de St. Catarina localizado próximo ao Monte Sinai no Egito. Verificou- se nele quase todo o Novo Testamento, contudo existiam livros adicionais no conjunto que formam os livros canônicos do Novo Testamento. Portanto, uma confirmação real para o romance do lunático Sr. Dan Brown. Porém, o Código Da Vinci do Sr. Brown deve ainda assim ser visto como pura ficção. Por conseguinte, é inegável a existência de outros relatos sobre a vida de Jesus Cristo é dos próprios evangelistas, escritos entre o primeiro é quarto século. Infortunadamente, apesar de ser um dos textos mais antigo que é um ponto muito importante a seu favor, os erros e correções encontrados já falam por si só. É difícil imaginar que não se tenha tido o menor cuidado por parte daqueles que o manipulavam no dia-a-dia para evitar fazer tais correções. Se o fizeram bem intencionados no período correspondente ao sexto e sétimo século, hoje tais correções geram dúvidas. Por outro lado, o que não deixa dúvida nenhuma foi o número de revisores dessa mesma época tentando sistematicamente resolver os descuidos desastrosos dos escribas página por página nas 147 folhas subdivididas em 4 colunas de 48 linhas, já que o Codex Sinaiticus, como foi dito anteriormente, era em forma de livro. De acordo com alguns estudiosos dos Manuscritos antigos, pelo menos 10 revisores participaram no processo de correção do Aleph como também é conhecido o Codex Sinaiticus. Aleph é a primeira letra do alfabeto Hebraico. Há uma explicação que a

mim me parece mais razoável no que se refere ao esquecimento deste texto por dez séculos nas prateleiras do Monastério de St. Catarina. Este manuscrito era muito grosso e caro. Outrossim, quando comparado com as facilidades de manuseio das Bíblias atuais, não deixa dúvida que o seu uso deveria ser uma tarefa nada fácil. Por outra parte, há uma corrente que defende a ideia de que, o seu desuso não é uma obra do mero acaso. Esse silêncio milenar teria sido proposital, de modo que, sua credibilidade até então não fosse colocada á prova. A verdade é que o Codex Sinaiticus foi usado por mais de 300 anos pelas autoridades religiosas da época.

O Codex Vaticanus que é o segundo maior manuscrito Alexandrino não foge a regra do outro Codex. Embora tenha sido escrito em pele de antílope um tipo de pergaminho caríssimo no século quarto, quando ele foi provavelmente escrito, omitem partes das escrituras em Gênesis, Hebreus entre outros livros. Ficou adormecido na Biblioteca do Vaticano, em Roma até 1481. Mais de um milênio de total solidão curiosamente. A origem deste manuscrito é interessante, porque segundo os eruditos ele faz parte de uma grande quantidade encomendada do Egito pelo imperador romano Constantino. Apesar de serem também largamente usado pelos tradutores das versões atuais, erros, correções, omissões e algumas alterações são abundantes em todos os livros. Ao observar suas páginas fica evidente também o descaso dos escribas ao copiá-lo.

Há Casos onde a mesma palavra foi transcrita duas vezes ou sentenças em sequência. Parece-me que, os escribas egípcios de Alexandria, não estavam muito interessados em agradar o Imperador. Antes pelo contrario, o Imperador Constantino era tido na mais autoestima pelos eruditos egípcios. As evidências de que no decorrer de 1000 anos este manuscrito foi alterado é prova mais que contundente de que as autoridades eclesiásticas daquele tempo não o aceitaram e tentaram moldá-lo ao logo do tempo. Segundo aqueles que dedicaram boa parte de suas vidas para investigar e dirimir as dúvidas tanto do Codex Sinaiticus quanto do Codex Vaticanus existem mais de 3000 discordâncias consideráveis. As inúmeras observações feitas por eruditos no assunto são bastante esclarecedoras quanto ao número de

“passagens” omitidas no Codex Vaticanus, por exemplo: Gênesis do capítulo I versículo 1 até o capítulo 46 e versículo 26. No livro dos Salmos de 106 até138 e Mateus capítulo 16, versículos 2 e 3.

Há uma série de outras omissões, a saber: nos livros de Romanos, Hebreus e Revelação. Os estudiosos mais ortodoxos estão convictos de que essas omissões não foram feitas ao acaso, mesmo porque, seria quase que inconcebível imaginar tal ideia. São passagens bíblicas realmente iluminadoras como os detalhes fundamentais da criação do universo e da própria crucificação de Jesus Cristo. Não há mister de dizer que, como já exposto até aqui, que estas discordâncias são, de fato, provas para a não aceitação das versões e posteriormente traduções que adotaram tanto o Codex Sinaiticus quanto o Codex Vaticanus. Causou - me estranheza que, muitos tradutores tenham adotado ambos os textos, para as atuais Bíblias. Assim sendo, parece que todas as correções e adequações realizadas nesses manuscritos Gregos-Alexandrinos os quais são tão nítidas, porque não foram feitas por um único revisor e sim por vários, não bastaram para que eles os rejeitassem.

CAPÍTULO IV
Das considerações sobre os livros Canônicos e Apócrifos

Um velho amigo meu ficou chocado após ter lido o livro Código Da Vinci, do autor Dan Brown. 0s evangelhos secretos eram a causa de todo esse pânico. É muito doloroso para um crente fervoroso como ele a negação de qualquer parte de sua Bíblia. E, é para todos aqueles que acreditam piamente nela. De maneira que acrescento neste capítulo as considerações sobre os livros canônicos e apócrifos tão somente para aclarar todos os pontos no trabalho de versão e tradução da Bíblia, sem levar em consideração sua autoria divina ou humana. Nos meus alfarrábios lembro-me que anotei em uma certa ocasião que existiam nos primeiros séculos mais de 400 evangelhos sobre a vida de Jesus Cristo. Não obstante, somente os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João fazem parte da Bíblia, porque estes quatro personagens foram escolhidos por Constantino como autores das fontes sobre a vida do Messias. Ficção ou não como no caso do best-seller do Sr. Brown, o fato é que, outros livros existiram tanto no Velho como no Novo Testamento realmente. Daí serem livros considerados Canônicos ou Apócrifos já são outros quinhentos. O termo canônico vem do vocábulo hebraico *ganeh*, que quer dizer, cana: um instrumento usado como meio de medida. Seu significado secundário vem da palavra grega kanon, quer dizer, verdadeiro.

Logo os livros canônicos passaram a ser reconhecidos como inspirado por Deus, portanto verdadeiros. Para se chegar aos 66 livros canônicos da Bíblia protestante não foi tão fácil. Houve aí um longo caminho de discussões ardorosas entre aqueles que defendiam estes ou aqueles como obra divina da providência do criador. O processo de canonização não é em si, um processo feito pela intervenção divina, pelo contrário, pois é o resultado de muitas ponderações e conclusões puramente humanas. As autoridades religiosas daquele tempo se reuniam em uma determinada cidade para daí decidirem se aqueles escritos que vinham sendo utilizados até então eram realmente verdadeiros,

i.e, inspirados por Deus. O Velho Testamento não foi canonizado de uma única vez. Ao que parece, embora haja poucos relatos concretos do processo de canonização no Velho Testamento, eles foram canonizados durante 1600 anos. Os livros de Moises como eram conhecidos Gêneses, Êxodos, Levíticos Números e Deuteronômio foram os primeiros livros a serem canonizados no século XV a.C.

Os demais foram até o ano de 450 a.C devidamente reconhecidos como autênticos. Quanto à ordem dos livros, pode-se dizer que, era bastante diferente da atual divisão. Os livros estavam divididos em um tri-pé judaico, ou seja, os cinco primeiros eram "As Leis, depois se subdividia em livros dos Salmos e livros dos profetas. Outrossim, o número de livros era menor, somente 22, isto porque os judeus consideravam os livros de Josué e Juízes um só por terem sido escritos em um só rolo também. O mesmo acontece com os demais que estão subdivididos em dois, mas que ambos são do mesmo autor e estão no mesmo rolo. Essa divisão, embora diferente do modelo hoje usado foi elaborada por um escriba e sacerdote chamado Esdras provavelmente pouco antes de sua canonização ter sido dado por completa.

Os apóstolos e o próprio Jesus usavam o Velho Testamento já canonizado. Isto significa dizer que, Jesus reconhecia estes livros como frutos do trabalho de inspiração de Deus dada aos autores dos textos. Mas mesmo tendo sido utilizado por Jesus e seus discípulos durante toda a vida deles, o Velho Testamento ainda passaria por mais um processo de canonização por volta do Ano 90 d.C.

O processo de canonização do Novo Testamento parece ter sido iniciado pelo suposto apóstolo João, pelo menos parece que ele se ocupou em selecionar os escritos que se juntariam ao Velho Testamento integrando as Sagradas Escrituras. Tudo leva a crer que ele teve um papel fundamental como parte do processo de canonização também ao receber as Epístolas que Paulo havia também selecionado entre as inúmeras cartas que ele teria escrito ás varias igrejas. O apostolo João sobreviveu a todos os outros apóstolos, por isso, há fortes indicações do seu trabalho tão importante no processo de seleção, escolha e confirmação dos 27

livros como sendo a mensagem final do Criador e de seu filho Jesus Cristo até o fim do mundo.

Contudo, a canonização oficial ocorreu somente quase 400 anos depois. O Sínodo de Cartago canonizou os 27 livros que compõem o Novo Testamento depois de os mesmos terem sido usados durante aproximadamente 4 séculos. Isso aconteceu por volta do ano de 397 d.C. Ao que parece, não foi mais uma canonização e sim uma confirmação, porque o povo já havia aceitado e tinham cópias completas do Novo Testamento distribuídas provavelmente pelo apostolo João para as igrejas na Terra Santa e Ásia Menor. Por outro lado, todas as igrejas do vasto e colossal Império Romano faziam uso das cópias que vinham sedo também distribuídas por mais de 300 anos.

É interessante notar que, todo o respaldo que goza os manuscritos do Novo Testamento é justamente por terem sido utilizados largamente nesse período, assim se tornando a obra com o maior número de manuscritos, mesmo quando comparado com obras mundialmente conhecidas e muito mais recentes como Ilíada de Homero ou todos os escritos de William Shakespeare. A primeira cópia de um manuscrito do Novo Testamento foi provavelmente feita 25 anos após eles terem sido considerados completamente canonizados. O fato é que, historicamente o Novo Testamento, embora seja muito mais recente que o Velho Testamento o processo de canonização parece um pouco mais obscuro, do ponto de vista documental. Entretanto, parece não haver muitas discrepâncias nos relatos que comprovam a participação dos próprios discípulos de Jesus Cristo nesse processo.

Durante todo o processo de pesquisa para a composição deste texto foi-me frequente a indagação de como as fontes são divergentes quando o assunto é provar a veracidade dos processos de canonização. Não há dúvida de que os rastros foram apagados ao longo dos séculos acintosamente. Um Everest de informações oficiais certamente desapareceu por trás das grossas paredes de pedras de muitos mosteiros e castelos nos últimos 2000 anos. Para muitas autoridades religiosas tem sido uma tarefa embaraçosa explicar porque as informações são contraditórias onde elas realmente existem. Na contra mão, estão os livros que não foram canonizados ou apócrifos, onde a documentação parece ser bem

mais abundante. Aqui me cabe discorrer a respeito dos livros que não passaram pela aprovação nos vários concílios de canonização. Talvez a mais forte evidência a sua rejeição seja o fato de os manuscritos terem sido escritos em grego e cópta, ao passo que, os demais manuscritos que formam o cânon do Antigo testamento foram escritos em Hebraico ou Aramaico, como já dito anteriormente.

Daí as autoridades eclesiásticas da época escolheram a palavra grega "*Apokrypha"* que serve para descrever qualquer coisa de origem desconhecida ou secreta para estes documentos de origem duvidosa. Mas até onde meu grego antigo permite, pareceu-me mais apropriado traduzir como "forjado" que com certeza traduziria melhor a ideia dos examinadores destes manuscritos na época. Ora, isso significa dizer que, esses manuscritos ou 16 livros rechaçados também por decisões puramente humanas poderiam sim também ser inspirados ou não. Talvez seja, por essas e outras razões, as opiniões e observações tão contraditórias dos estudiosos do tema. Para os leitores da Bíblia pode parecer assombrosa tal divagação, embora muito bem embasada em fatos e documentação oficial.

Assim como William Miller precisei debruçar sobre uma literatura quase que infinita para verificar in loco, por que quanto mais teológico é o ponto de vista, mais divergente é a resposta. É inegável que a natureza dos manuscritos apócrifos exige uma reflexão ainda hoje, em que pese todas as diferentes conclusões que chegaram os estudiosos séculos afora. É uma lástima que como acontece até os dias atuais, poucos pessoas sabe a respeito da história dos manuscritos apócrifos.

Talvez nesse sentido o Sr. Brown com o seu best-seller Código Da Vinci suscite a curiosidade de milhares de crentes que estão à mercê das ondas dogmáticas e desconhecem totalmente o processo milenar de canonização das Sagradas Escrituras. Naturalmente o Código Da Vinci, embora use uma linguagem codificada, e não pode ser entendido como relatos verídicos dos evangelhos, é um tipo de literatura que aguça a curiosidade investigativa do leitor. Dessa forma, penso que sua obra fantasiosa e imprecisa funcionará aos avessos, isto é, levará muitos a verdade sobre os outros evangelhos "secretos". Em

outras palavras, seu romance pode abrir um precedente, de tal forma que, estes evangelhos ou manuscritos abscôndito possam vir á luz.

 É bem verdade que esse tipo de contestação no que diz respeito aos livros “Sagrados” de muitas denominações é muito mais comum do que se pensa. O Alcorão livro sagrado da religião islâmica também tem sido alvo de duras investigações séculos afora no tocante a sua autenticidade. Penso que seria um dislate negar a importância do Alcorão no mundo de hoje. Por isso, pareceu-me conveniente acrescentar aqui algumas informações adicionas sobre o cânon do Alcorão para que sirva de parâmetro entre o cânon bíblico e o islâmico.

Com isso, pode-se entender que o processo de tradução de ambas as obras apresentam ou apresentaram aos tradutores enormes dificuldades. De modo que, existem muitas traduções do livro sagrado dos muçulmanos feitas pelos “eruditos” que são realmente péssimas e ferem o sentido real do texto, como pude observar em três versões do árabe para o inglês, espanhol e recentemente li uma versão para o português. Quando comparadas as três traduções, se pode observar discrepâncias igualmente assustadoras como ocorre nas traduções modernas da Bíblia. O Alcorão foi escrito a mais ou menos 1400 anos atrás por 27 escribas entre eles 4 califas , que escreveram em madeiras, couros, ossos entre outros materiais. O Alcorão foi revelado ao profeta Maomé quando ele tinha 11 anos durante uma viagem a Síria em uma caravana junto com seu tio Abdul Muttalib. O prof Dr. Mahamoud H. Zakzouk contesta esta versão no seu livro intitulado: Islamic facts refunding the alegations against Islam. Hoje no mudo islâmico a versão mais aceita é de que Maomé recebeu a mensagem inspiradora pelo anjo Gabriel, que o teria feito memorizar toda a revelação durante um período de 20 anos, já que Maomé era analfabeto.

O ato de memorizar textos era uma prática muito comum entre os árabes naquele tempo. De maneira que Maomé o fez e o recitou aos 27 escribas que transcreveram a revelação para os vários

materiais ditos anteriormente. Um ano após a morte de Maomé 70 dos seus seguidores que haviam aprendido de cor o Alcorão completamente foram mortos, Assim sendo, temendo o desaparecimento da mensagem do profeta Maomé, dá-se inicio no processo semelhante ao de canonização da Bíblia. A forma atual do Alcorão foi o resultado de uma exaustiva coletânea de todos os materiais nos quais havia algum tipo de relato sobre as revelações de Maomé. Mas tarde, foram colocados a disposição de um comitê organizado para compilar o que veio a ser o Alcorão. Visto que, muitas partes dos escritos estavam dispersas entre o povo, se tornou necessário uma investigação para verificar a autenticidade do material coletado. Fato que resultou na exclusão de um farto material escrito. Os livros apócrifos do Alcorão. Isso prova que, os manuscritos apócrifos da Bíblia não foram uma exceção aparte. Coube a Sayd Tabit a árdua missão de compilar o Alcorão completo.

Provavelmente esse trabalho marcou o inicio do processo de canonização que foi ratificado por 4 escribas durante o califado de Otoman Ibn. Os escribas entre eles o próprio Sayd Tabit, Produziram 5 cópias a partir dos manuscritos originais que haviam sido preservados por uma jovem chamada Rafsa que o guardou com muito zelo depois da morte do seu pai. Os copistas enviaram uma cópia para Meca, Medina, Basra, Kufa e Damasco. Destas cópias foram produzidas inúmeras outras que foram se espalhando como a base do mundo Islâmico. Os manuscritos copilados a mais de 1400 anos atrás foram se diluindo século afora, sendo que, dois deles somente ainda podem ser visto. No museu Topkapi Saray em Istambul,Turquia está um dos manuscritos antigos e o outro pode ser visto em Tashkent, Rússia. Em resumo, embora existam manuscritos antigos tanto da bíblia como do Alcorão, o fato de um bom número de estudiosos confirmarem sua autenticidade, não significa exatamente que eles estão efetivamente certos. No mundo árabe parece haver pouca contestação sobre a autenticidade dos manuscritos e por conseguinte que Maomé recebeu mesmo a revelação da parte de Alá, por intermédio do anjo Gabriel.

Por outro lado, parece não haver um ponto pacífico com relação a quando o profeta Maomé teve a revelação. Durante meu processo de pesquisa para composição do capítulo - Das explanações sobre os livros canônicos e apócrifos - recebi uma centena de livros publicados nas cidades do Cairo e Alexandria no Egito, bem como alguns vindo dos Emirados Árabes relatando a obra e a vida do profeta dos muçulmanos. Pelo que pude observar a biografia do profeta e bastante semelhante quando fala da vida humilde de um homem analfabeto, órfão de pai e criado por um tio e que sua esposa Kadija era rica. Até aí é um tipo de biografia que se pode chamar univitelinas, pois são idênticas. Entanto, todos diferem sobre o período e local da revelação, até mesmo a fonte, às vezes, é diferente. Segundo alguns autores ele teria recebido com 11 anos a mensagem de um monge cristão durante uma caravana rumo à Síria. Outros mais ortodoxos afirmam que isso ocorreu por volta de quando Maomé tinha 40 anos.

Segundo o pensamento do povo mulçumano e de acordo com suas tradições populares sobre a revelação, isso teria ocorrido no ano de 610 d.C., em uma caverna conhecida como Gar Hira. Este local era usado habitualmente por Maomé antes de sua chamada para ser profeta como refúgio para suas reflexões, visto que ele andava mui descontente com as praticas religiosas do mundo árabe. Aqui, devo acrescentar ainda que no islamismo, não se dá tanta importância às traduções do Alcorão como no caso da Bíblia. Sendo que às vezes se proíbe qualquer tipo de tradução para outras línguas a fim de evitar a perda da pureza e força expressiva do idioma árabe. Por isso, o árabe é a língua obrigatória para se ler o Alcorão.

CAPÍTULO V
Das explanações sobre os Escribas

Os escribas responsáveis pelo processo de copiar os manuscritos a partir dos textos originais primeiro foram os pastores Aarônicos e mais tarde os masoras. Os masoras eram conhecidos como doutores de tradição. Essa profissão era muito importante para os judeus naquele tempo. Por essa razão, transcrever as Escrituras era para eles a tarefa mais importante que um ser humano poderia ter. Eles tinham um zelo profundo por cada manuscrito que possuíam em mãos, pois deles viriam à luz as novas cópias que seriam distribuídas nas sinagogas. A difícil é morosa tarefa de copiar era executada por meio de uma metodologia sistemática para evitar que erros fossem cometidos. Posto que, os manuscritos antigos foram escritos com letras maiúsculas e sem espaços entre palavras, muitos erros de ortografia e até mesmo a repetição da mesma oração duas vezes na sequência era muito comum. Para resolver o problema eles desenvolveram um método simples de contagem de cada letra e palavra do novo manuscrito. Logo que o trabalho de cópia era feito um dos escribas lia sentença por sentença em voz alta enquanto um segundo examinador verificava palavra por palavra no manuscrito original. Se uma única letra fosse adicionada ou ocorresse uma rasura a nova cópia era rejeitada completamente. Há um fato curioso em todo esse processo de transcrição adotado metodicamente pelos doutores de tradição ou masoras, que me chamou a atenção, descrito pelo notável autor W. Scott em sua obra, mas que prova a extrema reverência deles a um ser poderoso e digno de toda devoção. Todas às vezes que, o tetragrama hebraico que representa o nome de Deus era escrito, os escribas enxugavam a pena de escrita e se purificavam com um banho. Se o procedimento fosse esquecido e o tetragrama inserido no manuscrito, uma vez percebida o lapso imperdoável, o tetragrama era rasurado e a cópia inutilizada e destruída totalmente.

O tetragrama hebraico *YHWH* que se acredita ser o verdadeiro nome de Criador do Universo é um dos maiores mistérios da Bíblia, senão o maior. E, isso aconteceu devido à influência do mundo grego na religião judaica por volta do ano 300 d.C., que passou a proibir o uso excessivo do nome de Deus. Algumas autoridades religiosas no assunto argumentam que o nome sagrado de Deus era usado livremente antes de Jesus Cristo e que a grande maioria dos judeus desconhecia qualquer proibição nesse sentido. Os hebreus continuaram usando o nome abertamente até o inicio da Apostasia. Ainda assim, nenhum historiador pode asseverar categoricamente que as quatro letras YHWH que aparecem nas Escrituras Hebraicas, é realmente o nome sagrado de Deus. O fato é que a desastrosa doutrina teológica do século IV acabou abscôndita por trás desse código indecifrável que aparece milhares de vezes no texto hebraico original.

Boa parte dos eruditos versados no assunto presume que as quatro consoantes hebraicas significam - JEHOWAH- que seria formada a partir da raiz do verbo *hayay*[9], pelo menos essa é versão mais aceita, se bem que, até hoje alguns historiadores e teólogos discordam de tal a afirmação.
No livro de Êxodo capítulo 6 versículo 3 Deus revela seu nome a Moises, dizendo que ele havia antes aparecido a Abraão, Isaac e Jacó como Deus todo Poderoso, mas que não lhes revelara o seu nome. Logo Moises foi o primeiro patriarca a ficar sabendo do verdadeiro nome do seu Criador. No texto hebraico os escribas usaram o tetragrama que também aparece no texto grego da Septuaginta ou versão Setenta que era utilizada nas sinagogas no tempo de Jesus. Os tradutores da versão King James elaborada há pelo menos 400 anos atrás traduziram o texto assim como segue:

"And I appeared unto Abraham, unto Isaac and unto Jacob, by the name of God Almighty, but by my name JEHOVAH was I not known to them"[10].

---

[9] Vir a ser
[10] e eu apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó pelo nome de Deus todo poderoso, mas eu não lhes declarei o meu nome Jeová.

Todavia o grande padre e tradutor católico Antônio Pereira de Figueiredo que morreu em 1691 sem concluir sua obra de tradução da Bíblia inteira traduziu a mesma passagem, porém adotou outro termo para o tetragrama. Onde se lê JEHOVAH na versão em inglês acha-se Adonai na tradução portuguesa.

“Apareci a Abraão, Isaac e Jacó como o Deus todo poderoso: Mas eu não lhes declarei o meu nome Adonai”.

Nota-se que as duas mais conceituadas traduções adotam uma terminologia diferente para um termo que deveria, por assim dizer, ter o mesmo significado. No prefácio da tradução NIV[11] da International Bible Society em inglês, publicada 350 anos depois da versão King James e a versão de A.F. de Almeida, acha-se uma explicação que denota claramente o tamanho da dificuldade para se traduzir tanto o tetragrama YHWH como Adonai. Segundo o comitê dessa tradução moderna, houve-se por bem traduzir o tetragrama como LORD com letras maiúsculas, ao passo que Adonai com letras minúsculas como os dois termos já vinham sendo traduzidos pela maioria das versões em inglês. Porém eles fazem uma distinção entre YHWH e Adonai. Isso porque sempre que o termo YHWH aparece no original se refere ao nome de Deus propriamente dito, por outro lado, a palavra Adonai que também significa Lord sempre é traduzida como senhor de forma genérica.

Ocorreu-me que há casos em que os dois termos são empregados juntos como em Deuteronômio 3:24 e Ezequiel 39:13. Os eruditos da versão King James liderados pelo brilhante linguista Dr. Andrews Lancelot traduziram tanto Deuteronômio como Ezequiel onde aparece no texto hebraico original Adonai YHWH - como Lord God, isto é, Senhor Deus e a versão Almeida, revista e corrigida - Senhor Jeová. Isso me leva a pensar que o Dr. Lancelot, um homem fluente em hebraico é muitas outras línguas antigas não tinha tanta certeza que o tetragrama representava de fato o nome Jeová como presumiu Charles T. Russell 300 anos

[11] New International Version

mais tarde. No entanto, o mesmo grupo do Dr. Lancelot transliterou o tetragrama em Êxodo 6:3 e Isaias 12:2 como JEHOVAH. Cabe-me lembrar que a NIV, cuja tradução, segundo seus editores foi elaborada na linguagem de hoje traduz o tetragrama YHWH – como LORD nos dois casos. Importante é valido ressaltar também que a NIV não usa o termo Jeová em Deuteronômio 3:24, Salmo 83:18, Isaías 12:2 e Ezequiel 39:13. Naturalmente que isso prova que os tradutores não apoiam a ideia de que YHWH, as consoantes hebraicas do nome divino poderiam ser lidas literalmente como Yahweh, Jehovah ou simplesmente Jeová, tendo em vista que, não há como saber quais eram as vogais usadas. Parece haver um consenso no sentido de que o tetragrama representa de fato a forma causativa do verbo hebraico *Ehyeh* - SER ou vir a Ser. Portanto, o tetragrama não é o nome de Deus propriamente dito, mas uma expressão da sua vontade às futuras gerações.

Basta mencionar que em Êxodos 3.13-15 quando Deus quer enviar Moises ao Egito para assegurar a libertação do Povo Hebreu, Moises diz que se ele for enviado em nome de Deus, os egípcios vão querer saber o nome daquele que o enviou. O capítulo 3 do livro de Êxodos não deixa dúvida de que os escribas estavam preparando o caminho para que o nome de Deus fosse introduzido. Deus disse a Moises: Eu serei o que serei para sempre.

Alguns autores modernistas dizem que nenhuma das versões e traduções existentes conseguiu extrair o verdadeiro significado do tetragrama hebraico, e por esse motivo sempre há a necessidade de uma nova tradução, quer a partir dos textos originais ou uma nova revisão de textos já consagrados, mas que apresentam leituras diferentes para uma mesma passagem no texto bíblico.

Os autores que se opõem à famosa Authorized Version[12] dizem que o termo LORD não exprime verdadeiramente o significado doutrinal do correspondente hebraico Yahweh. Por conseguinte, a

[12] Versão Autorizada

meu ver, traduzir Yahweh Elohim, como LORD GOD é sobremodo despropositado. Parece-me que agora tanto séculos depois que o nome divino foi proibido, será impossível compreender o significado real dessa expressão enigmática. É lastimável que os eruditos do passado não tenham tido o mesmo zelo que os pastores Aarônicos e masoras tiveram ao preservar o tetragrama nos manuscritos antigos. Devo dizer, com certo pesar que os modernistas também parecem seguir os mesmos passos dos escribas egípcios que não se importavam muito com o trabalho de copiar fielmente os textos bíblicos. Ademais, tudo isto me leva a crer que daqui a 100 anos, se o cristianismo sobreviver à divulgação massivas dos evangelhos encontrados em Nag Hammadi, os poucos cristão que sobrarem não conseguiram distinguir Huey, Dewey e Louie[13] de Pai, Filho e Espírito Santo como disse certa vez um comentarista bíblico em relação à Santíssima Trindade.

[13] Os nomes dos três sobrinhos do personagem Pato Donald da Disney na versão original. No Brasil eles receberam os nome de Huguinho, Zezinho e Luizinho respectivamente.

CAPÍTULO VI

Algumas explanações sobre os evangelistas

Historicamente a compilação dos evangelhos do Novo Testamento sempre foi contestada por ser fantástica e intrigante ao mesmo tempo. Segundo a versão dos estudiosos com maior credibilidade no assunto, por razões políticas o Imperador Constantino impôs no concilio de Nicéia em 325 d.C., os atuais quatro evangelhos. Naturalmente, naquela época já existiam algumas centenas de escritos que poderiam ser considerados autênticos e representavam fielmente a mensagem dos inúmeros evangelistas daquele tempo. Meu argumento é que se aqueles manuscritos não fossem mais autênticos do que os presentes em uso, por certo teriam igual credibilidade. Embora haja algumas discrepâncias a respeito de certos relatos descritos por Mateus, Marcos, Lucas e João, eles são realmente, por assim dizer, politicamente corretos para o poderoso Império de Constantino. Disso tudo, uma coisa fica evidente, quase 2000 anos após a morte de Jesus Cristo ainda sabe-se muito pouco sobre sua vida e obra.

No livro de Abdul Malik –The Bible led me to Islam[1]- ele faz um breve comentário sobre os quatro evangelistas, infortunadamente por questão de copyright não poderei transcrevê-lo para que o leitor tire suas próprias conclusões. Segundo esse autor, os evangelhos atuais não foram inspirados por Deus a Mateus, Marcos e Lucas, por motivos óbvios. Eles nunca teriam estado com Jesus. Na cidade de Alexandria, Egito o evangelista Marcos escreveu seu relato a respeito do nascimento e a vida de Jesus Cristo por volta do ano 60 a 75 A.D., provavelmente.

Apesar dele nunca ter estado ou visto Jesus, seu manuscrito é considerado o primeiro evangelho, que mais tarde seria usado como fonte, por assim dizer, aos outros dois evangelistas, Mateus e Lucas. Importante e válido salientar que, Marcos era filho da irmã de Barnabé, e ao contrário do que muita gente imagina, ele também não era um dos doze discípulos escolhidos por Cristo. No

[1] A Bíblia me leva ao Islã.

seu evangelho ele menciona diversos eventos, os quais não constam dos outros três evangelhos. Isso é um fato curioso porque Mateus e Lucas tendo usado seus escritos como fonte acharam por bem omiti-los. Assim tudo leva crer que os evangelistas tinham ou adotavam opiniões próprias ao copilar seus relatos.

Por outra parte, o evangelho de Lucas que usa como pilar o livro de Marcos é bastante curioso, no sentido de que seu autor o médico Lucas ao escrevê-lo dedica o a um amigo - o excelentíssimo Teófilo - um oficial romano. Lucas era o biógrafo e tradutor de Paulo, assim como Marcos ele nunca esteve também com Jesus.

O apóstolo Paulo fez com que o seu biografo se convertesse ao cristianismo. Talvez por essa razão, seu evangelho seja um trabalho biográfico baseado na pregação do apóstolo Paulo e nos escritos de Marcos. Convertido ao cristianismo pelo apóstolo Pedro Mateus escreveu seu evangelho na cidade de Roma, Itália sob a orientação do próprio apóstolo Pedro. Assim sendo pode-se observar que Mateus usou a mesma fonte que Lucas, o Evangelho de São Marcos.

Evidentemente que, embora o evangelho de São Mateus seja o primeiro nas atuais Bíblias seus escritos acerca dos acontecimentos sobre a mensagem de Cristo não foram os primeiros a ser compilados. Em que pese às contradições e pequenas alterações que cada evangelista julgou ser importante, a mensagem central foi mantida por São João. Sem sombra de dúvida que João foi o único dos 4 escritores evangelistas que realmente esteve com Jesus. Por uma razão muito simples. João era sobrinho de Jesus. Foi no casamento de São João que Jesus transformou água em vinho. Tendo testemunhado esse milagre, São João resolveu seguir Jesus deixando para trás sua esposa. Mais tarde na cidade de Éfeso São João escreveu seu evangelho em grego.

Aparentemente, o evangelho de São João é o mais autêntico e retrata fielmente a vida de Jesus. Com relação aos 4 evangelhos, muitos estudiosos e versados no assunto discordam entre si em diversos pontos. Alguns autores negam que São João o sobrinho de Jesus tenha escrito o atual evangelho. O sobrinho de Jesus teria

morrido em 44 A.D. e o evangelho de acordo com São João teria sido compilado no ano 100 A.D.
Do mesmo modo que, outros teólogos defendem que Mateus o coletor de impostos, também não é o mesmo São Mateus evangelista. É verdade que, os 4 evangelhos foram impostos pelo tirano e assassino Imperador Constantino e que os autores originais destes relatos não denominaram seus escritos como evangelhos. A palavra evangelho foi acrescentada aos quatro livros muito depois por copistas.
É interessante notar que, antes que a palavra evangelho fosse acrescentada aos 4 primeiros livros do Novo Testamento, havia somente a expressão –Kata Matthaion- que quer dizer em grego- conforme ou de acordo com Mateus - na opinião do escritor Abdul Malik a expressão acima caracteriza por si só a ideia de que já existiam outros evangelhos conhecidos ou livros que continham as boas novas do Reino de Deus.
Embora a opinião de Abdul Malik pareça estar baseada na concepção do fundamentalismo muçulmano, segundo alguns críticos, a meu ver, pareceu–me pertinente suas observações e ponderações.

CAPÍTULO VII
Das versões mais antigas

A primeira versão da Bíblia para outra língua foi realizada aproximadamente 117 anos após a morte de Jesus. Provavelmente no ano 150 A.D. Essa versão conhecida como Peshitto, é fundamentalmente importante, porque foi realizada no momento em que surgiam os primeiros cristãos, haja vista que foi aí na cidade de Antioquia, Síria que os seguidores de Jesus passaram a ser conhecidos como cristãos. Ademais, esses primeiros fiéis não falavam hebraico tampouco grego as únicas duas línguas originais das escrituras no inicio do segundo século.

Portanto a versão em sírio da Bíblia veio à luz com a necessidade dos novos seguidores de Cristo em possuir uma bíblia em sua própria língua. A versão Peshitto que ainda é usada hoje por muitos cristãos nas planícies da Síria e montanhas do Líbano abriu caminho às novas versões que surgiriam logo depois.

Na Europa os primeiros fiéis precisavam de uma nova versão na língua a qual eles estavam familiarizados, o latim. Portanto, uma nova versão das escrituras originais foi realizada diretamente para o latim vulgar, que era a língua falada pela grande maioria da população do império Romano por volta do ano de 157 da era comum. Essa versão ficou conhecida como vulgata latina, hoje essa versão é conhecida como antiga vulgata, por causa da vulgata latina de Jerônimo compilada 220 anos mais tarde. A vulgata de Jerônimo que é certamente mais conhecida do leitor foi compilada para a igreja de Roma no ano de 380 A.D.

Com relação às duas vulgatas latinas é interessante ressaltar que vulgata de Jerônimo foi rejeita pelos povos da Europa por quase mil anos, entre eles os gauleses e celtas. Durante o período em que o latim foi usado como língua franca na Europa imposta pelas forças imperiais, a antiga vulgata foi adotada pelos cristãos ortodoxos como uma versão fidelíssima a partir dos manuscritos antigos originais. Antes do fim do primeiro milênio, muitas outras

versões importantes vieram à luz como: Bíblia Gótica (350), Bíblia em Armênio (400), e Bíblia Palestino- Sírio (450), seguindo fielmente os manuscritos Textus Receptus.

Numa tarde chuvosa, dessas de janeiro aqui na Amazônia recebi um livro pelo correio enviado por uma amiga particular que morra na cidade de Kent, Inglaterra. Esse livro- The great controversy- publicado em 1884 é hoje um bestseller mundial com mais de10 milhões de cópias vendidas e foi traduzido para cerca de 20 línguas. Essa obra prima da literatura religiosa mundial é fruto da mente brilhante da escritora Ellen G. White, que por meio dessa obra fantástica relata detalhadamente a vida e os reveses sofridos por João Wycleffe- o precursor da reforma e Martinho Lutero- o maior dos reformadores, bem como, William Tyndale com sua maravilhosa versão da Bíblia para o inglês. Portanto, os três capítulos seguinte se apoiam num tripé sobre a obra e a vida desses três personagens da história religiosa universal.

A meu ver, Ellen G. White foi absurdamente realista ao escrever sua obra a mais de um século atrás totalmente isenta dos preconceitos religiosos contra a igreja católica romana. Embora, sua obra tenha sido ao logo da história uma luz no fim do túnel para todos aqueles que de uma maneira ou de outra estavam insatisfeitos com as atrocidades cometidas pela Igreja. Certamente sua obra detalha de uma maneira muito dura a perseguição imposta pela igreja de Roma a esses três grandes revolucionários religiosos.

Os leitores que desconhecem a história da igreja, e todo o embate para chegar à liberdade religiosa, por certo ficam ainda hoje chocados ao ler as páginas reveladoras da obra de Ellen G. White. No capítulo XII ainda acrescentarei um quarto personagem de valor igual aos gênios da tradução João F. de Almeida. Ao tecer algumas considerações sobre estes personagens históricos, espero que minha pena tenha o peso suficiente para não macular de

alguma forma o trabalho singular desempenhado por eles na história de consolidação do texto canônico da Bíblia.

Com o auxilio de um grupo de fiéis seguidores João Wycleffe fez a primeira tradução completa da Bíblia do latim para o inglês, criando assim a base para o inglês moderno falado hoje. Posto que, as traduções anteriores existentes na Grã-Bretanha eram todas em anglo-saxão, língua utilizada na época em 709 A.D. em que o bispo de Sherboune traduziu grande parte dos salmos. Importante é valido salientar que, o primeiro evangelho a ser traduzido foi o de João no ano de 734 A D., ainda em anglo-saxão. O trabalho de João Wycleffe é importante porque após a invasão dos normandos no ano de1066 da nossa Era na Inglaterra, o saxão se misturou com o francês normando sendo que se tornou necessário uma nova tradução dos salmos e evangelhos disponíveis na época em anglo-saxão à nova língua que seria estruturada a partir da fantástica obra de tradução de Wycleffe. Este personagem brilhante da história abandonou sua cátedra de mestre no colégio Baliel, Oxford para dedicar sua vida a tradução da Bíblia.

Tornou-se pastor de Lutterworth 1374 e 8 anos depois começou traduzir os primeiros capítulos, trabalho que durou 2 longos anos. Dez meses eram necessários para fazer uma cópia da tradução da Bíblia ortodoxa. João Wycleffe conhecia a língua latina como a palma de sua mão e por esse motivo ele optou por fazer uma tradução e não uma versão para o inglês, já que ele não poderia lançar mão dos textos em hebraico ou grego. Wycleffe foi muito cuidadoso ao escolher a Antiga Vulgata uma versão dos textos originais 220 anos mais antiga do que a popular Vulgata de Jerônimo. Essa escolha não foi ao acaso, visto que ele estava ciente de que a antiga vulgata tinha sido usada em toda a Europa por quase mil anos, mormente porque os valdenses ao sul da Itália foram os primeiros cristãos a utilizarem essa versão centenas de anos antes da reforma. Eles possuíam a Bíblia inteira em

manuscritos na própria língua. O doutor dos evangelhos como Wycleffe era reconhecido também não confiou na vulgata de Jerônimo como muitos outros tradutores.
A fama de teólogo brilhante não foi obra de mero acaso, João wycleffe teve uma educação liberal e adquiriu um vasto conhecimento nas mais diversas áreas do pensamento eclesiástico, por essa razão, a igreja de Roma tentou barrar de todas as formas o trabalho de tradução, uma vez que com isso ele estava preparando o caminho para a Reforma que já estava às portas.
A partir do seu trabalho de tradução e fervorosa pregação metade da Inglaterra adotou a nova concepção religiosa. Muitos esforços foram empreendidos por parte de seus inimigos para interromper seu trabalho e tirar a vida dele. Entretanto, apesar da cruel perseguição seus oponentes não tiveram êxito. O doutor dos evangelhos morreu em paz aos 60 anos de idade. Porém, o ódio de seus inimigos ainda não havia cessado por causa do seu trabalho, tanto que 44 anos após a sua morte seus ossos foram desenterrados e queimados em praça publica pelas autoridades religiosas da época. Isso ocorreu para que ele fosse definitivamente banido e esquecido para sempre. As cinzas foram lançadas no rio Swift que corta a cidade de Londres. Esta foi a primeira prova para o movimento pré- reformista que começava a ganhar corpo de que a igreja de Roma não toleraria qualquer tipo de ataque á sua autoridade secular.

A típica história de menino pobre tão fascinante nos contos de fada parece não ser só deste tipo de literatura. A biografia de Martinho Lutero[14] se parece a uma destas fantásticas histórias de contos de fadas. Porém, muito mais dramática por não ser ficção e sim vida real. Martinho Lutero era um menino pobre de família humilde, filho de um trabalhador em minas de carvão. O pai de Lutero queria que o filho fosse advogado. Embora ele fosse um homem de grande caráter e de honestidade incontestável não desejava que o filho tivesse a mesma vida difícil e continuasse a viver numa casa humilde naquele vilarejo alemão.

Por este motivo, Lutero foi enviado ainda menino para um colégio para estudar. Por conseguinte, sua vida ainda seria muito mais dolorosa, porque passou a ser castigado por ser de origem humilde. Segundo a escritora Ellen G. White Lutero foi obrigado a pedir comida de porta-a-porta e diversas vezes passou fome. A pesar de todas estas vicissitudes Lutero manteve seu padrão moral e humildade como havia aprendido com sua família. Desde cedo se mostrou um jovem brilhante e sua capacidade intelectual aos 18 anos o levou a universidade de Erfuth em 1501. Nesta época a vida dos pais de Lutero havia melhorado bastante de maneira que Martinho Lutero pode se dedicar aos estudos tranquilamente. Com efeito, um dia enquanto examinava os livros da biblioteca da universidade Lutero encontrou meio que por acaso uma Bíblia inteira em Latim.

Esse fato mudou sua vida totalmente, porque quando ainda adolescente tinha ouvido somente fragmentos dos evangelhos e das epistolas e até então imaginava que aqueles fragmentos eram a palavra de Deus. Após 4 anos de estudo se formou e viajou para Roma em 1510 para fazer doutorado em teologia, concluindo em

[14] Em alemão Martin Luther.

1512 e dando inicio a sua pregação. Descontente com os rumos da igreja em 31 de outubro de 1517 pregou na porta da igreja suas 95 teses contra a venda de indulgências pelas autoridades eclesiásticas. Este episódio principiou a Reforma religiosa que levaria Martinho Lutero a ser excomungado e perseguido pela igreja.

A implacável perseguição o levou a se refugiar no castelo de Wartburg apoiado por aqueles que vislumbravam uma maior liberdade religiosa e pelo príncipe Eleitor da Saxônia. Muito embora o Imperador Carlos V tivesse decretado que Martinho Lutero tinha que morrer, diversos príncipes lhe apoiava abertamente por acreditarem que sua luta era justa. Assim, Martinho Lutero no Castelo de Wartburg, uma fortaleza isolada numa montanha começou a tradução a Bíblia para o Alemão. Esta tradução histórica teria durado um ano, e diferentemente do que se imagina a Bíblia não fora traduzida toda de uma única vez por ele. Na medida em que ele ia traduzindo os textos iam sendo disseminado por todos os lugares. Os textos do Novo Testamento foram traduzidos primeiro, em uma árdua tarefa que teria iniciado em dezembro de 1521, sendo publicado em setembro de 1522 AD.

Existe uma lenda curiosa e bem difundida entre os alemães a respeito do trabalho de tradução de Martinho Lutero que aprendi num curso de língua e cultura alemã. Isolado no Castelo de Wartburg encravado na montanha, enquanto traduzia ele teria sido tentado pelo Diabo várias vezes, até que aborrecido pelas tentações teria lançado seu tinteiro no Diabo e manchado a parede de pedra. O local é preservado até hoje. Fato ou lenda não importa devido à relevância monumental da sua obra. Graças à sua tradução criou- se a base do Auto-Alemão como idioma nacional falado atualmente.

Os alemães são endividados para sempre para com esse filho ilustre. A tradução de Martinho Lutero embora de cunho religiosa é uma obra impar na literatura mundial e tem a mesma magnitude

do ponto de vista dos filólogos, como Os lúziadas de Camões e Hamelet de Shakespeare[15].

Embora os dois últimos tenha criado a base para a sua língua moderna como escritores, Lutero fez trabalho de igual monta para o povo Alemão a partir de sua brilhante tradução das Sagradas Escrituras.

[15] Escritor inglês do também famoso romance Romeu e Julieta.

Biografias são sempre muito chatas. Partindo dessa premissa evitei um trabalho biográfico de João Wycleffe e Martinho Lutero, do mesmo modo seguirei a mesma metodologia com William Tyndale e João Ferreira de Almeida. Isso facilitará ao leitor absorver melhor as informações destes quatro personagens. Dói-me os ossos imaginar que William Tyndale tenha sido queimado como herege, simplesmente por defender suas ideias religiosas. Sumarizando a vida deste brilhante poliglota que era um expert em hebraico, grego, latim, italiano, espanhol e francês, bem como inglês sua língua materna, não é de se estranhar que sua versão seja inigualável.

O trabalho de versão de Tyndale foi largamente influenciado por Deciderius Erasmus que nasceu em Rotterdam, Holanda no ano de 1466. Erasmus de Rotterdam como era chamado pelos seus alunos do curso de Divindade da universidade de Cambridge havia publicado um importante texto grego do Novo Testamento com sua própria versão para o latim. Assim, Erasmus de Rotterdam criou a base do trabalho de Tyndale que não concordava com as ideias do auto clério que não permitia de modo algum que a Bíblia fosse traduzida.
Todavia ousadamente ele começou a traduzir o Novo Testamento até ser obrigado deixar sua casa e fugir para Londres, lá por um certo tempo trabalhou tranquilamente até seu trabalho ser interrompido novamente.

Fugindo para a Alemanha lá começou a imprimir o Novo Testamento em inglês. Duas vezes o trabalho foi interrompido, não obstante quando ele era proibido de imprimir numa cidade ele ia para outra. Por fim ele se deteve em Worms na Alemanha, onde encontrou diversos colaboradores produzindo cerca de 3 mil cópia do Novo Testamento.

Durante este período as autoridades inglesas vigiavam seus portos, mas mesmo assim, centenas de cópias eram levadas a Londres secretamente, em pouco tempo as cópias haviam sido disseminadas em todo o país. A pesar de ser uma grande ofensa possui uma cópia de Tyndale muitos correram o risco de serem presos e mortos pelos inquisidores.

A primeira tradução completa do Novo Testamento de William Tyndale foi impressa em 1526 e a Bíblia inteira 10 anos depois. Antes da versão de Tyndale todas as Bíblias em inglês tinham sido traduções de traduções, sendo derivadas a partir da Vulgata ou versões latinas mais antigas. O pioneirismo de William Tyndale foi de fato importante porque ele se debruçou sobre os originais em hebraico e grego. Sua versão baseada nos textos Bizantinos é uma obra prima, uma vez que, milhares de teólogos e revisores fizeram pouquíssimas mudanças no texto original nos séculos seguintes.

E, por esse motivo as melhores Bíblias em língua inglesa segue mui de perto o texto original de Tyndale. Numa sexta-feira, 6 outubro de 1536 William Tyndale foi entregue as chamas, após ter sido confinado em um castelo a 20 milhas de Antuérpia. Seus algozes ofereceram-lhe sua liberdade em troca do nome daqueles que patrocinavam seu trabalho. Em resposta ele serenamente disse: O bispo de Durham. Esta autoridade religiosa teria comprado todo o estoque de Bíblias de um amigo de Tyndale no intuito de destruí-las, barrando o trabalho de Tyndale seus colaboradores.
Porém, por ter pagado preço superior pelas Bíblias acabou ajudando ainda mais, uma vez que com o dinheiro eles compraram muitos materiais e melhorando trabalho dos copistas.

CAPÍTULO XII
Das traduções na língua de Camões

Pode parecer paradoxal, mas de todos os legados que herdamos da Coroa Portuguesa, a língua, a meu ver, é o pior deles. Ocorre que a língua portuguesa imposta pelos colonizadores suprimiu as línguas indígenas. Partindo do pressuposto de que a língua é uma unidade nacional, e por esse motivo dói- me os ossos imaginar que um país com mais de 192 línguas e dimensões continentais não tenha sua própria língua. Nesse ponto até hoje o Brasil continua sendo colônia de Portugal. Nacionalismo exacerbado da minha parte! Não, como Martin Luther king, eu tenho um sonho também.

Afirmo isso por um motivo simples, se o nhanga-tu tivesse sobrevivido ao julgo Português, provavelmente minha velha Bíblia gasta pelo uso rotineiro não seria em português, mas em brasileiro. Certamente um idioma nacional teria vindo à tona pelo padre Antônio Vieira ou outro jesuíta da sua época. Há em diversos lugares onde os colonizadores impuseram sua língua aos povos conquistados, sempre uma língua local como idioma oficial. Entretanto no Brasil o fraco nacionalismo, foi sucumbido pelo brilho de uma língua européia.

Com efeito, a flor do Lácio como instrumento de domínio é hodiernamente uma ferramenta cruel no processo cultural do brasileiro. Isso porque exceto entre os eruditos, tanto João Ferreira de Almeida e o padre Antônio Pereira de Figueiredo ambos são tradutores brasileiros da Bíblia para o português do Brasil. No entanto os dois nasceram em Portugal, o primeiro em 1628 em Torres de Tovares e o segundo em Tomar no ano de

1790. Posto assim este capítulo será de fundamental importância para suscitar e aclarar alguns dos erros mais frequentes entre os leitores brasileiros. As primeiras traduções da Bíblia para o português ou trechos dela remontam o final da Idade Média. Inicia- se durante o reinado do rei português D. Diniz que por volta do ano 1400 teria começado a traduzir a partir do livro de Gênesis.

É voz corrente entre teólogos e historiadores que D. Diniz era um exímio conhecedor do latim clássico é por esta razão teria dado o ponta pé inicial no processo de tradução para a língua de Camões. Bom dizer totalmente distinto do português grafado e falado pelo próprio Camões. Embora D. Diniz tenha iniciado seu trabalho de tradução com base na vulgata de Jerônimo a partir do primeiro livro do Velho Testamento i. e., Gênesis, os evangelhos são sempre os primeiros na escolha dos tradutores, com raríssimas exceções. Tal fato fica evidente no trabalho de tradução apoiado pelo rei português D. João I que percebeu a importância de se ter uma tradução na língua do povo.

Por esta razão, ele também traduziu o livro dos Salmos ainda no século XIV. Num processo mui lento os livros iam sendo traduzidos até que em 1445 veio á luz a primeira tradução completa dos evangelhos. Esse trabalho foi elaborado por Valetim Fernandes 10 anos após uma primorosa tradução realizada pelo tradutor da Real Abadia de Alcobaça, frei Bernardo. Até o celebre João Ferreira de Almeida do século XVI, todos os trechos do Novo Testamento haviam sido traduções derivadas da Vulgata de Jerônimo, com exceção daquela feita pela neta do rei D. João I, D. Felipa que havia feito uma tradução dos evangelhos usando como base um texto em francês.

Somente no ano de 1676 foi concluída a tradução completa do Novo Testamento por João Ferreira de Almeida, que só foi publicada oficialmente cinco anos depois na Holanda. Ao contrário do que se imagina João Ferreira de Almeida não teve tempo para terminar de traduzir a Bíblia inteira. Ele morreu em 1691 deixando a tradução do Velho Testamento incompleta. O

sonho do jovem que ainda na adolescência havia se mudado para a Ilha de Java, colônia holandesa da Indonésia só foi concluído em 1753, quando o reverendo Jacobus Akker publicou a Bíblia completa em dois volumes.

Esta edição ficou conhecida entre os evangélicos protestantes como a Bíblia de João Ferreira de Almeida. A pesar de ele ter sido pioneiro em uma obra para a língua portuguesa a partir das línguas originais, sua obra pode ser entendida como um mix entre tradução e versão, haja vista que, o seu trabalho tem como base a Vulgata Latina de Jerônimo e o texto grego Textus receptus do Novo Testamento. Ademais, como exemplificado no capítulo das versões e traduções, todo texto a partir dos originais tanto em Hebraico como Grego são versões e a partir da vulgata de Jerônimo uma tradução.

CAPÍTULO XIII
Da versão do padre Antônio Pereira de Figueiredo

Seguindo a antiga tradição romana o padre Figueiredo começou sua tradução por volta do ano de 1790 lançando mão da Vulgata latina de Jerônimo como base de seus textos para o português. A árdua tarefa empreendida por ele durou 18 anos para ser completada. Logo que sua tradução foi publicada no ano de 1819 ela foi bem recebida pelos fies de língua portuguesa em Portugal e no Brasil, e principalmente por todos aqueles das colônias de fala portuguesa. O trabalho deste brilhante tradutor culminou na introdução dos livros apócrifos. Os livros apócrifos como se sabe, haviam sido rejeitados pelo Concilio de Jamnia no fim do primeiro século da era cristã, por não serem considerados divinamente inspirados.

Não obstante, o Concílio de Trento em 1546 havia legitimado sua autenticidade acrescentado 7 livros a mais ao cânone dos cristãos de Antioquia. Por essa razão, a Bíblia católico-romana difere dos 66 livros traduzidos por João Ferreira de Almeida e seus colaboradores. É valido ressaltar que o padre Figueiredo ao acrescentar os 7 livros considerados apócrifos deu continuidade na tradição romana no uso comum da Vulgata de Jerônimo do ano 380 d.C., a mesma que foi rejeitada durante mil anos, inclusive pelos primeiros cristãos como os Valdenses, Celtas e outras comunidades menores em toda a Europa.

É interessante observar que os livros apócrifos nunca foram citados por Jesus Cristo. Há uma corrente de eruditos do Velho Testamento que afirmam veemente que os próprios apóstolos tampouco fizeram qualquer tipo de menção aos livros apócrifos. Também é curioso notar que, embora a Igreja da Inglaterra em um artigo publicado em 1562 tenha negado a autenticidade destes livros que haviam sido reconhecidos pelo Concílio de Trento

pouco antes em 1546, somente os exclui quase três séculos depois em 1862, quando a Sociedade Bíblia Britânica deixou de publicá-los.

Por volta do ano 250 a.C., quando o domínio do Império Grego se estendia até o Egito, Ptolomeu Filadelfos incumbiu Demétrios Falérios a vasculhar todo o Império Grego e trazer uma cópia de cada livro que encontrasse. A intenção do Imperador Ptolomeu era ter na Biblioteca de Alexandria uma cópia dos livros mais importantes que haviam sido escrito até então. Ptolomeu como o mais ávido colecionador da história queria em sua biblioteca uma tradução das Escrituras dos Judeus. Sob a batuta do brilhante Demetrius iniciou-se um grande acordo político entre os eruditos Judeus e Ptolomeu para que as Escrituras fossem traduzidas para o Grego. Nessa época o Velho Testamento estava disponível somente em Hebraico.

Portanto, o Imperador foi obrigado a soltar 100 mil prisioneiros políticos para que sua tradução fosse realizada. Acordo fechado, a tradução começou sob o comando de 72 eruditos Gregos e Hebreus que foram selecionados 6 de cada uma das 12 tribos de Israel . O trabalho primoroso destes 72 eruditos ficou conhecido como Septuaginta i.e., versão setenta. Essa versão em grego foi adotada pelos judeus da Diáspora que viviam em Alexandria. Por isso, a Septuaginta ao receber livros como, Baruc, Éster, Tobias, Judite, os Macabeus, Sabedoria, Eclesiastes, passou a ser diferente do cânon, adotado por toda a comunidade de Antioquia, surgindo assim, por esse motivo, a Bíblia adotada pelos reformadores protestantes.

Até o ano 47 a.C., a Biblioteca de Alexandria foi o centro de pesquisa para todos os eruditos do Mundo Antigo. Ninguém podia imaginar que o fabuloso acervo com mais de 400 mil manuscritos em forma rolos ou livros, entre eles, cópias da Septuaginta a primeira maior versão da Bíblia da história fossem entregues às chamas. Tudo se transformou em cinzas quando o Imperador Júlio César resolveu atear fogo na sua frota marítima

no porto de Alexandria, por temer que seus navios caíssem em mãos inimigas.
Certamente, ele não previa que a biblioteca colossal fosse destruída. No entanto, o fogo abrasador marchou em direção ás docas e arsenais bélicos culminando no centro do Saber do Império. Bom dizer que, tal fato é um dos fortes argumentos dos eruditos da Bíblia que melhor descreve a preservação histórica dos manuscritos, em que pese todas as catástrofes naturais ou desencadeadas pelas mãos do homem.

É inegável que a Bíblia é uma obra impar na história da humanidade e continuara sendo séculos afora. O filosofo francês Voltaire ateu convicto afirmou que a Bíblia seria um livro esquecido e desatualizado em 100 anos. Por ironia do destino sua casa se transformou num depósito da Sociedade Bíblica Alemã 50 anos após sua morte em 1779. A gráfica de Voltaire usada para difundir os ideais Iluministas deste filósofo também passou a ser usada para imprimir novas Bíblias.

É surpreendente o fato de que o naufrago Robson Crusoe tenha uma cópia da Bíblia numa ilha deserta, mas o autor William Dafoe fez isso para seu herói. Por conseguinte, este fato ilustra uma ideia comum entre os eruditos de que se a Bíblia fosse totalmente destruída ela poderia ser novamente reconstituída a partir das milhares de citações em grandes obras religiosas ou de ficção.

O Ceticismo Absoluto como corrente filosófica certamente atrapalharia qualquer investigação dos manuscritos antigos. No entanto, ao se comparar às milhares de traduções e os grandes comitês de tradução da Bíblia uma coisa fica evidente - os limites da inteligência humana - O filósofo grego Pirro que nasceu em 365 e morreu em 275 a.C., a quem se credita o estabelecimento do Ceticismo Absoluto concluiu que as diferentes opiniões manifestadas pelos homens sobre os mesmos assuntos evidenciam isso. Tal Ideia pode ser comprovada ao se verificar as tantas opiniões divergentes em favor deste ou daquele manuscrito.

Do ponto de vista doutrinal, são ainda mais destoantes, ainda que tenham se alimentado da mesma fonte intelectual à vida toda. Com efeito, essas correntes de pensamentos têm sido uma doença degenerativa para as religiões. Tanto é que, muitos tradutores acrescentaram aos textos originais ideias próprias, como fez o filósofo Platão ao creditar a Sócrates ideias que na verdade eram suas. Vê-se que, muitos tradutores estavam realmente mal intencionados e por esse motivo, grandes comitês de tradução foram estabelecidos séculos afora para garantir a autenticidade do trabalho. Considerando que, poucos são aqueles que conhecem a relevância desta tarefa, achei por bem comentar a cerca dum dos mais célebres comitês da história da Bíblia.

Há 400 anos atrás principiou sob a batuta de Lancelot Andrews uma das maiores autoridades do saber do seu tempo, o comitê de tradução da King James Version[16]. Ele dirigiu este comitê constituído por 54 tradutores de igual peso em notoriedade e habilidades linguísticas. A extraordinária envergadura da sua genialidade estava no conhecimento das línguas originais. É comum ouvir, entre os versados no assunto que Mr. Andrews

[16] Versão Rei Jaime

falava duas dezenas de línguas com a mesma fluência do seu idioma materno.
Sabe-se que, embora várias versões e traduções, às vezes, representadas por um único autor a exemplo da Vulgata Latina de Jerônimo ou a Bíblia de João Ferreira de Almeida não são fruto de um trabalho solitário. A versão mais antiga das escrituras dos Hebreus - a Septuaginta- foi traduzida para o grego por 72 eruditos judeus das 12 tribos de Israel como mencionado anteriormente. A tradução de J. F.de Almeida só pode ser concluída graça ao empenho de Jacobus Akker e seus colaboradores após a morte do próprio J. F. de Almeida.
Do mesmo modo, o comitê de notáveis da versão King James perdeu 7 dos 54 escolhidos, antes que a versão fosse efetivamente terminada. É sabido que todos esses tradutores eram protestantes e foram divididos em 6 grupos que se subdividiam em outros 3 localizados em Westminster, Cambridge e Oxford. A fim de evitar biografias extensas e desnecessárias aqui delinearei somente algumas referências do *curriculum vitae* de alguns destes nobres cavalheiros da Coroa Britânica.

A experiência em hebraico de 13 anos como catedrático na universidade capacitou John Harding a estar entre os escolhidos. Não menos importante era Edward Lively um formidável linguista especializado nas línguas orientais. Expert em Latim, Grego e Hebraico Lawrence Chaderton era um fervoroso pregador, impar no Grego antigo. Um outro notável foi o Dr. Henry Saville que por sua genialidade em grego, latim, Caldeu, árabe e hebraico foi escolhido como tutor da rainha Elizabete durante o reinado do seu pai Henry VIII. Coube ao Dr. Miles Smith o prefácio da versão King James que evidenciava claramente que o tipo de inglês falado e escrito dos tradutores diferia enormemente da própria tradução.

Embora, eles tenham usado o inglês bíblico do século XVII que difere totalmente da língua inglesa moderna, são poucos os linguistas que vêem a necessidade de uma nova tradução para a linguagem de hoje. Ocorre que já em 1870 principiava um forte movimento para que se fizesse uma revisão da Versão King

James, coisa que veio acontecer em 1881 após a convocação de Canterbury. Entre a Versão King James de 1611 e a Versão King James Revisada de 1881 existem duas diferenças básicas. A primeira é que os tradutores da Versão King James optaram pelo texto hebraico do Velho Testamento Ben Chayyim[17] produzido pelos Masorás i.e., um grupo de doutores em tradição Judaica. Para o Novo Testamento, o Textus Receptus[18] anteriormente usados pelos primeiros cristãos.

Outrossim, nenhum deles nunca duvidou da inspiração divina das Escrituras Sagradas. Por outra parte, os tradutores da Versão King James Revisada optaram pelos manuscritos Alexandrinos, ou seja, o Codex Sinaiticus e o Codex Vaticanus considerados fraudulentos e alterados pelos copistas egípcios. Alguns teólogos são unânimes em afirmar que B.F. Westcott duvidava dos milagres realizados por Jesus Cristo como ele próprio teria confessado. John Hort era um evolucionista que julgava inaceitável a criação segundo o Livro de Gênesis. Tanto que Charles Dawrvin pareceu-lhe mais convincente ao explicar a criação no seu livro - A Origem das Espécies.

Bom dizer que, os outros tradutores não fogem a regra, todos têm um histórico semelhante. Historicamente todos os comitês de traduções têm sido divergentes. A cada nova versão ou tradução uma surpresa para o crente. Parece não haver fim nos erros cometidos ao se traduzir as Sagradas Escrituras. Salvo mui poucos casos onde certos termos são impossíveis de traduzir nos manuscritos mais antigos, a grande maioria não são o que se poderia chamar de “erros de tradução”, mais fraudes. Talvez, a mais brutal do ponto de vista doutrinal esteja no Livro de Tiago no capítulo 5 versículo 16. Não há dúvida de que os copistas católicos na ânsia de salvaguardar o papel proeminente dos padres dentro da hierarquia da igreja substituíram a palavra grega *praptomaata* por *hamartia* acintosamente.

---

[17] Texto original de Jacob Ben Chayyim impresso em 1524
[18] Texto adotado oficialmente pela Igreja Católica Grega

Acontece que no texto grego original do livro de Tiago "praptomata" significa simplesmente "culpa" ao passo que "hamartia" quer dizer "pecados". Desse modo fica óbvio que Tiago disse que se deve confessar uns aos outros as faltas/erros cometidos contra a própria pessoa. Isso implica dizer que somente a pessoa que foi ofendida pode de fato perdoar, nunca um terceiro, i.e., um padre como sustenta a Igreja. Os tradutores da KJV extraíram a partir do texto original como segue:

"Confess your faults one to another, and pray one for another that ye may be healed. The effectual fervent prayer of a righteous man availeth much"[19].

Essa tradução é perfeitamente fiel ao texto da Carta de Tiago, e, portanto não há a mais vaga ideia de que se deve confessar a um padre falhas cometidas contra outras pessoas, senão a elas mesmas. No entanto ao introduzir a palavra hamartia no lugar de praptomata criou-se a ideia de que os pecadores deveriam confessar seus pecados aos padres. Por conseguinte, algumas sociedades bíblicas modernas parecem ignorar o óbvio, uma vez que culpa e pecado são duas coisas bem distintas uma da outra. Numa tradução dita "en francais courant " [20]pode-se ver isso nitidamente. Compare:

"Confessez donc vos péchés lês uns aux autres, afin d'être guéris. La prière fervente d'une personne juste a une grande efficacité"[21].

Não precisa ser nenhum filólogo para se perceber que o comitê de tradução da King James Version foram fidelíssimos ao traduzir praptomata como faults, ao passo que o comitê francês em nome do "francais courant" ignoraram uma das premissas mais básicas num processo de tradução que é ser fiel ao texto, ainda que isso possa dificultar a compreensão do ledor. *Péchés* nem de longe

---

[19] Confessem seus erros uns aos outros e ore uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.
[20] "em francês corrente/atual".
[21] Portanto, confessem seus pecados uns aos outros, afim de que sejam curados. A oração fervorosa de uma pessoa justa tem uma grande eficácia.

tem a mesma conotação da palavra grega empregada no texto original por São Tiago.

Não é exagero nenhum dizer que, nunca, nem por um minuto sequer, já passou pela cabeça dos romeiros de Aparecida ou de qualquer um - numa igrejinha perdida na imensidão da Amazônia de que o cristianismo nada mais é do que uma fusão de cultos pagãos com o movimento religioso dos primeiros cristãos sobre a imagem do revolucionário Jesus.
De fato, durante os primeiros 300 anos de cristianismo Jesus não era nada mais nada menos do que um agitador político. Essa visão perdurou todo esse tempo desde o anúncio da sua execução. Basta para isso mencionar sua sentença de morte no Evangelho de Mateus 27:37 onde-se lê:

"And set up over his head his accusation written, THIS IS JESUS THE KING OF THE JEWS".[22]

Os historiadores são quase que unânimes em dizer que Jesus não passava de mais um fanático proclamando o fim do mundo no tempo de Pôncio Pilatos, tanto que o próprio Pilatos não dava a mínima para o que Jesus pregava. Somente mais tarde ao tentar se passar por rei dos Judeus e que ele teria chamado à atenção das autoridades romanas. Os romanos estavam acostumados com as insubordinações dos Judeus, acontece que naquele momento Jesus, talvez estivesse atraindo um número cada vez maior de seguidores, e por essa razão passou a representar um perigo iminente para a estabilidade política do Império.

Pode-se dizer que a crucificação de Jesus foi um crime puramente político, e que não houve nem de longe um enfoque religioso. Na verdade, o cristianismo só passou a ser religião quase três séculos depois da morte de Jesus. Foi no ano de 325 da Era Comum que o imperador Constantino que havia se convertido ao movimento

[22] E por cima de sua cabeça puseram escrita sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.

cristão há duas décadas atrás resolveu adotar o Cristianismo como religião oficial por razões meramente políticas. As bases dessa nova concepção religiosa foram estabelecidas por Constantino e seus bispos no Concílio de Nicéia, que naturalmente não contou com o apoio da maioria. Mas que mesmo assim foi imposto de forma impiedosa em todo o Império. Todos aqueles que de alguma maneira não aceitaram a nova religião foram excomungados e perseguidos.

Convém mencionar que é nessa época que muitos evangelhos que circulavam sobre a vida de Jesus foram queimados e banidos para sempre. Na verdade nesse período da história quase três séculos depois da morte de Jesus o que o imperador Constantino fez, foi uma varredura na "vida e obra" de Jesus e descobriu que Jesus era a pedra angular – o culto em torno dele - que os seus predecessores haviam rejeitado. Constantino percebeu que os bispos não sabiam exatamente quem era Jesus – um homem comum ou um deus. Á época muitos bispos diziam que Jesus e Maria eram deuses. Outros negavam que Jesus fosse um deus, tampouco esteve algum dia no ventre de Maria. Para eles Jesus era somente um homem, talvez um profeta, nada mais.

Devo salientar que a grande maioria das pessoas entre elas muitos bispos e historiadores do século IV A.D. acreditavam que Jesus cristo era um homem especial, mas não um deus ou o Filho de Deus. A bem da verdade, o homem - Jesus foi elevado à categoria de Filho de Deus no voto. Isso significa dizer que os gabaritados bispos do Império Romano não tinham certeza nenhuma quanto à natureza de Jesus. Então, eles convencionaram que Jesus era o Filho amado de Deus que foi crucificado por Pilados e ressuscitou no terceiro dia como estava escrito nos evangelhos. Naturalmente que os quatro evangelhos canônicos que Constantino e seus colaboradores haviam selecionado entre os milhares que existiam. Como é sabido, milhares de documentos contendo as histórias da vida de Jesus e seus apóstolos foram entregue às chamas, bem como muitos documentos que relatavam o cotidiano dos primeiros cristãos, mormente aqueles que descreviam a forma

aviltante da execução de Jesus que haviam sido compilados por outras pessoas que não pertenciam ao grupo do Messias.
No que me concerne, devo salientar que uma boa parte da história da humanidade desapareceu para sempre no processo de construção do Novo Testamento que foi estabelecido a partir do Concilio de Nicéia como a nova ordem em todo o Império Romano. Dessa forma, por mais confiáveis que sejam os manuscritos das Escrituras Gregas Cristãs[23] no que se refere à data e origem desses documentos - não se pode asseverar categoricamente que Jesus seja mesmo filho de Deus.

Afora isso, os grandes debates que sucederam durantes o primeiro milênio de cristianismo já falam por si só. Pode parecer espantoso afirmar que ao longo desse tempo muitos líderes religiosos do ocidente ainda não haviam engolido as histórias sobre a vida do fundador do cristianismo. Indubitavelmente que não se pode negar que o Jesus histórico realmente existiu, mas o que o Concilio de Nicéia aprovou foi uma verdade que os judeus dos dias de Jesus negavam veementemente. Para eles Jesus de Nazaré não era o Messias do qual os profetas das Escrituras Hebraicas[24] como: Samuel, Isaías e Daniel haviam profetizado séculos antes; mas um homem muito pior do que Barrabás. Não é curioso que o Evangelho de São Lucas aprovado por este concílio apresente um outro Jesus.

[23] Como o Novo Testamento é comumente conhecido.
[24] Bíblia Judaica

Não é assustadora a ideia de que passado mais 400 anos após o nascimento de Jesus em Belém da Judéia durante o reinado do rei Herodes, os eruditos que vinham acompanhado o desenrolar da história de Jesus não sabiam ainda se ele era de fato Filho de Deus. Nestor, patriarca de Alexandria dizia que Maria havia dado à luz a um homem não há um deus, portanto Maria era mãe de um homem comum, não a mãe de Deus. Para ele Jesus não tinha uma origem divina. Por causa dessas ideias deste herege segundo a visão da Igreja é que foi realizado o concílio de Éfeso em 431 A.D. para dirimir as dúvidas que existiam sobre NATUREZA de Jesus.

Com efeito, o concílio decidiu excomungar Nestor e depois anunciou que – A virgem Maria era a mãe de Deus. Os bispos também estabeleceram que Jesus é um Deus verdadeiro com duas naturezas, uma humana e outra divina. Não seria nenhum exagero dizer que mais uma vez por questões de conveniências a Igreja tomou essa decisão de elevar Maria a categoria de Mãe de Deus. Todos aqueles bispos reunidos em Éfeso sabiam que Maria não era a mãe de um deus, até porque todas as evidências históricas apontavam Jesus como um fanático visionário do primeiro século filho de Maria e José.

O historiador romano Seutônio que viveu na segunda metade do século I d.C., em sua obra[25] relata que os judeus perturbavam a ordem em Roma por causa de Cristo. Fica evidente que esses judeus sabiam que Jesus não era um deus, mas um líder carismático que teve coragem de desafiar o poderoso Império Romano por meio de suas palavras e suas interpretações das Escrituras Hebraicas.

[25] Os Doze Césares

Apesar de haver entre os discípulos de Jesus um Zelote[26] e do evangelista Luca dá a entender que os discípulos de Jesus Cristo andavam armados, Jesus usava somente seu poder de persuadir as pessoas. Mas ao mergulhar profundamente no relato do médico Lucas no capítulo 22:49-50 pode-se percebeu claramente que Jesus temia os confrontos que aconteciam no dia-a-dia de suas peregrinação pela Palestina.

[26] Membro do grupo de guerrilheiros judeus que combatiam a invasão romana na Palestina no tempo de Jesus.

CAPÍTULO XVIII
Do concílio de Calcedônia em 451 A.D.

Duas décadas depois do concílio de Éfeso anunciar que Jesus tinha duas naturezas uma divina e outra humana que se fundiam como ferro e fogo, um outro celebre patriarca de Alexandria chamado Dioscorous se opôs a essa ideia e por discordar das doutrinas que haviam sido confirmadas no primeiro concílio de Éfeso ele foi amaldiçoado e expulso da Igreja. Entretanto, muitas pessoas na Palestina e Jerusalém acreditavam piamente em suas ideias sobre Jesus. Os lideres religiosos reunidos em Calcedônia naquele ano foram obrigados a se posicionaram sobre o assunto. Mas uma vez, a Igreja insistiu em confirmar a origem divina de Jesus.

Apesar dos debates acalorados e das dissonâncias sobre o tema os bispos anunciaram que – A virgem Maria deu à luz ao nosso SENHOR e Deus, Jesus Cristo. Jesus era igual a Deus Pai em sua natureza divina, mas ao mesmo tempo igual aos humanos em se tratando da natureza dos homens. É nesse momento da história cristã que a divisão da Igreja de Roma torna-se uma realidade. Os lideres da Igreja Copta Egípcia não concordavam com as decisões impostas pelo novo concílio porque eles defendiam a tese de que Deus é um em três, Pai, Filho e Espírito Santo. Os religiosos coptas argumentavam que o Filho era na verdade uma mistura do Espírito Santo e da Virgem Maria.

Não há como negar que essa ideia é bastante curiosa. Mas em que pese tudo isso uma coisa é certa; os eclesiástas do século V não estavam nenhum pouco convencido da origem divina de Jesus.
Até mesmo um especialista em mata-burros e porteiras poderia ver isso *in loco* se os documentos dos concílios estivessem anexos a Bíblia Sagrada. Mas isso seria uma tragédia para a Igreja, porque toda a credibilidade que goza a Bíblia até hoje se deve ao fato de que os seus leitores nunca se deram ao trabalho de

averiguar de como as histórias contidas nela foram realmente estabelecidas.
É importante salientar que seria uma insanidade, à época, contestar o grande orador apóstolo Paulo quando disse:

"Tutta la Scrittura è divinamente ispirata e utile a insignare, a convincere, a correggere e a instruire nella giustizia".[27]
no segundo livro ao jovem Timóteo capítulo 3:16, quando não se tem o mínimo de conhecimento do obscuro processo de canonização do Novo Testamento. Mas mesmo no tempo do apóstolo Paulo suas doutrinas foram fortemente rechaçadas por muitos seguidores dele.

[27] Toda a Escritura é divinamente inspirada e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça.

CAPÍTULO XIX
Do concílio de Constantinopla em 869 A.D.

A malgrado de tantos concílios durante quase 900 anos de Cristianismo, o fato é que a Igreja de Roma ainda amargava duras disputas para impor suas concepções religiosas. Inúmeros patriarcas principalmente da Igreja cópta Egípcia negavam veementemente as doutrinas que haviam sido aprovadas em sete concílios anteriores nada representativos. Ainda no final do século IX A.D. os religiosos não haviam chegado a uma conclusão uniforme sobre a origem do Espírito Santo.

Por essa razão, os bispos do mundo grego organizaram no ano de 869 A.D. o concílio de Constantinopla. Nessa época Fosious patriarca de Alexandria havia disseminado a ideia de que o Espírito Santo se originou somente de Deus e que ele não tinha nada haver com Jesus. Do outro lado estavam os poderosos bispos de Roma que afirmavam categoricamente que o Espírito Santo havia se originado tanto do Pai como do Filho. Nunca é demais lembrar que a origem do Espírito Santo foi durante todos esses séculos uma questão praticamente esquecida.

Então, Fosious traz à tona o "caso" do Espírito Santo. Mais uma vez a Igreja de Roma toma uma decisão unilateral. Como de praxe acusou o dissidente de heresia e o expulsou da igreja. Em seguida anunciou que o Espírito Santo se originou tanto de Deus como de Jesus. E acrescentou que a Igreja de Roma era a autoridade final em relação ao cristianismo. Contudo, eles não imaginavam que Fosious se tornaria novamente patriarca de Alexandria uma década depois de ter sido excomungado.

Com efeito, Fosious convocou um novo concílio em Constantinopla em 879 A.D. e anulou todas as decisões do concílio anterior. Assim, ele estabeleceu sua doutrina que afirmava que o Espírito Santo originou somente do Pai (Deus).

Imediatamente excomungou todos aqueles que se opunham a sua nova doutrina. Pode-se dizer que as doutrinas hoje vigentes no mundo cristão foram, por assim dizer, impostas “no braço”. Essa afirmação decorre do fato de que cada concílio acusava o outro de heresia e suas ideologias iam sendo impostas a força.

Não há necessidade de muita imaginação para concluir que quase tudo, senão tudo que se refere à natureza de Jesus, a origem do Espírito Santo e do próprio DEUS é pura ficção teológica. Ao mergulhar de cabeça no escrutino dos documentos elaborados pelos concílios tive a nítida impressão de que a Bíblia não teria chegado aos nossos dias como um livro sagrado, se pelo menos metade dos cristãos dos primeiros 1000 anos do cristianismo soubessem dessas histórias.

Introdução à segunda Parte

É fácil imaginar porque boa parte dos eruditos modernos dos textos bíblicos da Biblioteca de Nag Hammadi ou Evangelhos Gnósticos prefere dizer que os ditos "Evangelhos Alternativos" só foram descobertos recentemente em 1945. Isso decorre do fato de muitos desses textos não foram descobertos, mas redescobertos nas últimas décadas. Uma grande maioria destes documentos tem circulado no mercado negro das artes há mais de 300 anos e os versados no assunto estão ciente disso, portanto, não é de hoje que as histórias dos Evangelhos Gnósticos não são segredo para ninguém.

Inúmeros autores têm falado abertamente sobre as várias correntes de pensamento do Cristianismo primitivo. No entanto, somente agora essas histórias de fontes extracanônicas tiveram um enfoque popular por meio do romance ficcional do homem de New Hemphshire.[28] Apesar do romance ter conseguido atingir fortemente a Igreja, coisa que muitos grupos de estudiosos contrários aos dogmas da igreja católica não tiveram êxito, nem o livro nem o autor devem ser levados a sérios, ainda que sua obra contenha algumas verdades absolutas, o autor ignora as premissas mais básicas do movimento gnóstico pré-cristão em sua tese conspiratória.

Nessa pequena análise introdutória à segunda parte dessa obra desejo esclarecer que é praticamente impossível compreender as implicações doutrinárias destes Evangelhos Perdidos sem um *Know-How* prévio dos antecedentes da visão gnóstica com relação ao homem de Nazaré. Basicamente pode-se dizer que o movimento gnóstico que floresceu durante os primeiros 500 anos não preconizava o sacrifício de Jesus como forma de salvação. Os gnósticos acreditavam que somente por intermédio do conhecimento interior é que o homem poderia encontrar Deus

[28] O Código Da Vinci, de Dan Brown.

dentre si. Eles refutavam os dois conceitos fundamentais nos quais os religiosos ortodoxos se apoiavam para justificar a origem divina de Jesus Cristo a ENCARNAÇÃO e RESSUREIÇÃO. Nesse momento da história os Gnósticos fazem sua "escolha" por um Jesus totalmente diferente daquela que os Padres da igreja tinham em mente.

Posto assim, eles passam a ser rotulados como "hereges" e seus escritos gnósticos proibidos pelo movimento cristão romano. Os evangelhos gnósticos, ao contrário, dos Evangelhos Canônicos, apresentam um Jesus verdadeiramente humano que acreditava na espiritualidade das mulheres tanto que ele as eleva ao mesmo patamar dos homens. No Evangelho cópta de Maria Madalena esse tipo de relato chega ao exagero quando Levi faz um comentário sobre Maria Madalena a Pedro. Ele disse:
"Se o Salvador a considerou justa, quem és tu para condená-la. Na verdade o Senhor a conhece muito bem, tanto que ele a amava mais do que a nós".

Não há dúvida de que os gnósticos viam a relação que Jesus tinha como as mulheres que o seguiam com bons olhos, e ainda que em menor grau os autores do Novo Testamento parecem corroborar com essa tese ao citar o nome de tantas mulheres textualmente, apesar dos padres da igreja primitiva tentarem bani-las para sempre, como fez com Maria Madalena o papa Gregório no século VI.

É claro que existem muitos exageros nos escritos gnósticos e distorções do papel de Jesus e seus principais seguidores na história do cristianismo. No entanto, o mesmo pode-se afirmar das fontes tradicionais da Bíblia canônica.
Contudo, essas fontes extracanônicas trazem à tona relatos de um período bastante obscuro da história da igreja, mormente sobre os conflitos em relação a quem pertencia de direito o ministério de Cristo.

É uma lástima que esses documentos rotulados como heréticos não tenham sido difundidos como a mesma velocidade que Bíblia

tem sido por séculos a fio. Talvez, agora com a popularização desses textos divulgados em forma de romances á velocidade da luz, eles sejam um tipo de tratamento de choque para milhares de crentes que sofrem da Síndrome da Gabriela.[29]

De resto, devo dizer que os comentários seguintes sobre cada Evangelho Perdido não podem ser entendidos como a última palavra sobre a vida e obra de Jesus. Infortunadamente por questões de copyrights[30] não pude anexas minhas traduções dos textos originais a cada capítulo correspondente ao evangelho.

Por outra parte, ainda que de maneira sucinta os comentários já abrem uma porta para um mundo desconhecido pela qual o crente "inquieto" pode começar uma viagem transformadora.

---

[29] Alusão a música da Gabriela de Cravo e Canela que diz:"'Eu nasci assim, eu cresci assim, eu vou ser sempre assim, eu não vou mudar".

[30] Direitos autorais.

Minha busca famélica pelos escritos apócrifos deixou-me profundamente estupefato quando a duras penas consegui traduzir a partir do texto grego os primeiros versos do Evangelho da infância de Jesus segundo Tomé. Penso ser fundamental assinalar que os textos apócrifos, assim como os canônicos não foram escritos com a divisão didática de capítulos e versículos das atuais Bíblias. Esse sistema foi elaborado em capítulos por Stephen Langton que foi arcebispo de Cantuária e somente em 1551 Robert Estinne a subdividiu em versículos.
Todavia, as traduções modernas dos textos em cópta de Nag Hammadi não apresentam o mesmo sistema. A visão de Jesus como um jovem delinquente e problemático seria realmente impensável, se não fossem os manuscritos apócrifos condenados pela igreja de Constantino, isso porque a Bíblia canônica não releva absolutamente nada sobre a infância de Jesus Cristo. Apenas o historiador e evangelista São Lucas menciona um fato que parece ter sido de maior monta nesse período bastante obscuro da vida de Jesus. Como se lê, no capítulo 2:42-47. Os tradutores da versão autorizada King James traduziram o episódio a partir do texto grego original como segue:

"*42 And whe he was twelve years old, they went up to Jerusalem after the cuastom of the feast.*[31]
43 And when they had fulfilled the days, as they returned, the child Jesus tarried behind in Jerusalem; and Joseph and his mother knew not of it.[32]

[31] 42 E, quando ele estava já com doze anos, eles subiram a Jerusalém conforme o costume do dia da festa.

[32] 43 E, tendo terminado aqueles dias, quando eles retornavam, o menino Jesus ficou em Jerusalém, mas José e a mãe dele não sabiam disso.

44 But they, supposing him to have been in the company, went a days' journey; and they sought him among kinsfolk and acquaintance.[33]
45 And when they found him not, they turned back again to Jerusalem, seeking him[34].
46 And it came to pass, that after three days they found him in the temple, sitting in the midst of the doctors, both hearing them, and asking them questions.[35]
47 And all that heard him were astonished at his understanding and answers."[36]

O evangelista deixa claro que desde cedo Jesus era realmente um menino prodígio. De fato, ele teria que ser um menino brilhante para ter chamado a atenção dos doutores daquela época. Essa narrativa me lembra de um episódio semelhante quando a maior autoridade da Republica Islâmica do Irã convidou o menino iraniano de 6 anos Muhammad Hussain para participar do Ramadan. Seu feito – M. Hussain havia memorizado o Alcorão.
É mais: sabia o significado de cada palavra do texto sagrado dos mulçumanos, além do que podia falar árabe fluente. Portanto é perfeitamente possível que o menino Jesus tenha impressionado os eruditos do templo com sua sabedoria aos doze anos de idade.
Só que os outros evangelhos apócrifos que relatam a infância de Jesus Cristo descrevem o comportamento de um menino igual a tantos outros de seu tempo, pelo menos em parte. Num desses evangelhos o autor diz que Jesus ordenou a um grupo de meninos para que buscassem os demais, de modo que, eles o adorassem como um grande rei.
Noutro episódio Jesus se irritou com um grupo de meninos que correram e se esconderam dentro de uma casa. Jesus teria indo até a casa e perguntado a mulher que estava na porta para deixar os meninos saírem. Porém, a mulher disse que não havia ninguém ali. Então, Jesus ouviu barulhos que vinha de dentro de casa. Ele

---

[33]44 Mas eles supondo que ele viria de companhia, andaram um dia inteiro e procuraram-no entre os parentes e conhecidos.
[34] 45 E, como eles não o encontraram, eles retornaram novamente a Jerusalém para procura-lo.
[35] 46 E aconteceu que passando três dias o encontraram no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.
[36] 47 E todos os que o ouviam ficavam atônitos com sua inteligência e respostas. (T. do A).

perguntou de quem era todo aquele barulho e a mulher lhe disse que eram bodes que estavam presos. Outra vez Jesus insistiu; ora se são bodes deixe que eles saiam. Quando ela abriu a porta, Jesus havia transformado os meninos em bodes que saíram correndo porta afora.

Há um fato bastante curioso descrito nas historias da infância de Jesus com relação ao sábado. Os judeus ficaram enfurecidos com o menino porque ele fez um casal de pardais de barro e ordenou que eles voassem. E, eles voaram. Então, os que viram essa cena ficaram atônitos e foram procurar José, porque Jesus havia desrespeitado a lei judaica de se observar o sábado sagrado. Por esse feito, nessa época ele era visto por muitos como um menino mágico. Estes mesmos documentos rejeitados pela igreja primitiva também acrescentam que Jesus foi implacável com seus "professores" que nunca foram capazes de lidar com seu temperamento arredio e agressivo.

O evangelista Tomé em seu evangelho sobre a infância de Jesus relata este outro episódio macabro:

"E, tendo passado alguns dias, Jesus caminhava pelo meio da cidade, quando uma certa criança lhe atirou uma pedra sobre o ombro: Jesus lhe disse: Tu não deveras continuar teu caminho, e imediatamente a criança caiu e morreu. As pessoas que estavam ali ficaram atônitas e disseram: De onde vem esta criança, que todas as palavras que ele diz se transformam em ações? Em seguida elas foram ao encontro de José e o acusaram dizendo: Não lhe será permitido habitar conosco nesta cidade, mas se Tu quiseres terás que ensinar a teu filho a abençoar as coisas e não amaldiçoa-las. Posto que ele mata nossos filhos. E, todas as suas palavras se transformam em atos".

Segundo Geoff Trowbride este evangelho foi provavelmente a primeira tentativa de se documentar os primeiros doze anos da vida de Jesus. São muitos os eruditos que afirmam que este manuscrito foi escrito originalmente em grego por volta do ano 150 da Era Comum. Outros autores acreditam que a língua na qual o texto foi originalmente escrito seria em Sírio. Contudo a

verdadeira origem do texto é desconhecida, o que existe realmente são especulações, uma vez que, não há nenhum original deste período. O texto mais antigo em existência deste evangelho é do século VI em Sírio. Esse texto foi usado pelo movimento gnóstico dualista pelo seu formato herético, tanto que alguns autores da igreja primitiva como Hipólito e Origines fizeram menção da existência deste evangelho sobre a infância de Jesus até ele completar doze anos.

Em sua obra- The other Gospels- o autor Ron Cameron sugere que o Evangelho da infância de Jesus segundo Tomé foi escrito no leste da Síria e em sírio, talvez grego. O texto segundo sua opinião seria propaganda missionária cristã para destacar a imagem de Jesus Cristo sobre os lideres do mundo greco - romano. Embora, Hipólito tenha se referido a esse texto, parece não esta muito claro se ele conhecia os outros textos creditados a Tomé. Constantino von Ticherdorf que esteve diretamente envolvido no processo de descoberta e tradução de mais de 20 manuscritos se tornou o guru dos inúmeros estudiosos que traduziram os evangelhos apócrifos usando suas traduções como padrão. A laboriosa tarefa de traduzir empreendida por alguns eruditos faz do evangelho da infância de Jesus segundo Tomé uma obra-prima. Entretanto, nem todas devem ser levadas a sério, uma vez que, algumas traduções não refletem a verdade e são, por assim dizer, igualmente dangerosas. Mas creio que o trabalho de M.R. James[37] a partir do texto latino produziu sem sombra de dúvida nenhuma, uma das mais belas traduções da língua inglesa. No livro Os Evangelhos Completos de Harold Attridge e Robert F. Hock[38] a tradução também representa uma obra de arte. Os autores usam uma linguagem clara e bastante acessível criando um estilo deveras peculiar, fazendo com que o leitor possa penetrar na atmosfera misteriosa que envolve o texto. Pode parecer um absurdo total sugerir a leitura destas traduções, mas elas fornecem os insights necessários a todos aqueles que estão abertos e dispostos a questionar as verdades estabelecidas no claustro de tantos concílios séculos afora.

---

[37] The Apocriphal New Testament/1924
[38] The Complete Gospels/1992

Na epístola de Paulo aos Gálatas pode se observar que naquela época já circulavam outros evangelhos sobre a vida de Jesus e sua mensagem do reino de Deus. O apóstolo Paulo alerta os primeiros cristãos acerca do perigo destes evangelhos, por não serem, a seu ver, verdadeiros, como aqueles que viam sendo ensinados nas sinagogas até então. Com efeito, não me acho mal avindo aqui ainda que de maneira sucinta comentar a respeito do evangelho da infância de Jesus segundo Tiago.

Este evangelho considerado como apócrifo pelas autoridades religiosas e, portanto excluído do canôn, teria sido escrito no século I da E.C. No entanto, parecer não haver uma data dada como certa, sendo que as autoridades no assunto têm opiniões bastante divergentes. Se os críticos que defendem o primeiro século como a provável data de compilação deste manuscrito estiverem certos, então este texto seria o primeiro a descrever a infância do menino Jesus.

Por conta disso, os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João lançaram mão deste manuscrito em hebraico para compor seus evangelhos. Razão para essa afirmação é que, o manuscrito é rico em detalhes sobre os episódios que envolvem a adolescência de Jesus que foi descrito vagamente pelos demais autores canônicos. O texto é considerado legitimo por ser conhecido pelos Pais da Igreja, dentre eles Clemente e São Justino. Se bem que, alguns teólogos discutem a respeito da autenticidade do texto e do autor. O curioso é que o manuscrito tem dois autores i.e., Tiago não teria escrito o texto sozinho. Isso porque, por um motivo que não esta muito claro, ele divide a autoria do texto com José Carpinteiro, pai de Jesus um rico construtor.

Na verdade, o Evangelho da infância de Jesus segundo Tiago contem outro livro apócrifo que teria sido escrito por José

Carpinteiro. E, mais: neste caso, o pai de Jesus não seria co-autor do evangelho, mas que seu livro foi acrescentado às memórias de Tiago posteriormente.

O texto parece focar mais no nascimento milagroso de Maria mãe de Jesus e sua trajetória de vida do que mesmo no próprio menino Jesus. Se o livro de Tiago como o texto também e conhecido foi realmente escrito por ele ou não, parece agora ser pouco relevante, visto sua importância como um documento histórico. O processo de tradução desse documento tem sido vital para aclarar vários pontos de controvérsia século afora, que sem ele seria impossível resolver. O primeiro aspecto positivo deste manuscrito é que ele descreve o processo de formação da família de Jesus detalhadamente que sempre foi marginalizada nos demais escritos.

Ainda que, os evangelistas tenham mencionado em algumas passagens sobre a família do Rei dos Judeus a real dimensão dos vínculos familiares é bastante obscura. Ana a avó de Jesus era uma mulher estéril e deu à luz a Maria da mesma forma que Maria viria a dar à luz a Jesus, fruto da intervenção divina. O avô Joaquim era um rico fazendeiro, que apesar de pagar seu dízimo em dobro, se sentia injustiçado por sua mulher ser seca.

O texto confirma a tese de que Maria deu à luz sendo virgem. Posto que a parteira Salomé tocou Maria para averiguar o sinal de sua castidade e a mão dela foi queimada, atestando sua pureza. Depois disso, ela se desculpou e rogou a Deus para que fosse perdoada por tão grande atrevimento e ao tocar o menino as queimaduras desapareceram milagrosamente. Por certo esse foi o primeiro milagre performado por Jesus diferentemente daqueles que foram realizados no período de sua pregação e mencionados na Bíblia.

Não há como negar a relação existente entre os quatro evangelhos canônicos e o livro de Tiago. A visita dos reis magos mencionados no Evangelho de São Mateus faz parte do texto, assim como a visita de Maria a Isabel, todavia a descrição do nascimento de Jesus numa caverna contraria a versão da popular manjedoura onde teria vindo á luz o Rei dos Judeus. Creio ser importante ressaltar também que, o texto responde cabalmente sobre os irmãos de Jesus, contrariando os protestantes que sempre

acreditaram que Tiago, José, Simão e Judas eram irmãos do mesmo ventre. Mas, o capitulo 9.1 narra que José Carpinteiro era velho e viúvo e já tinha 6 filhos, quatro homens e duas mulheres, quando recebeu a jovem Maria com 16 anos, após ter servido no templo dos 3 aos 12 anos como um sinal de agradecimento pela promessa feita por sua mãe Ana dando-lhe á luz.
O texto de Tiago nos dá a entender que Jesus tinha de fato outros irmãos como a Bíblia canônica fala, mas que não são irmãos de Jesus por parte de mãe como argumentam alguns autores bíblicos mais conservadores. E, esse fato por si só já resolve um problema bem antigo dos historiadores da Bíblia que nunca conseguiram dar respaldo a tese de São Jerônimo que sempre insistiu que os irmãos de Jesus mencionados em Mateus 12. 46-50, Marcos 3. 31-35 e Lucas 8. 19-21 não eram realmente irmãos legítimos de Jesus.
Além disso, o próprio texto de Tiago refuta a teoria de inúmeros eruditos que sustentam a tese de que Tiago teria se passado por Jesus nos episódios em que Jesus apareceu ressureto. Estes autores fantasiam que Tiago por ser muito parecido com Jesus ocupou o seu lugar enquanto Jesus se recuperava dos ferimentos na cruz. Segundos estes autores, Jesus teria escapado dá crucificação com a ajuda de José de Arimáteia que era muito amigo do procurador Pilatos. Basta lembrar que o texto canônico do Novo Testamento diz no capítulo 23. 50-54 do Evangelho de Lucas que:

"Il y avait un homme appelé Joseph, qui était de la localité juive d'Arimathée, cet homme était bon et juste, et espérait la venue du Royaume de Dieu. Il était membre du Conseil supérieur, mais n' avait approuvé ce que les autres conselliers avaient decide et fait. Il allá trouver Pilate et lui demanda le corps de Jésus. Puis il descendit le corps de Jésus de la croix, l'enveloppa dans um drap de lin et le déposa dans un tombeau qui avait été creusé dans la roc, um tombeau dans lequel on n'avait jamais mis personne"[39].

[39] Havia um homem chamado José, da localidade de Arimatéia que era bom e justo e aguardava a vinda do Reino de Deus. Ele era membro do Conselho Superior, mas que não aprovou as decisões que os outros conselheiros haviam decidido e feito. Ele foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. Então ele desceu o corpo de Jesus da cruz e o envolveu num lençol de linho e o colocou num sepulcro cavado na rocha, no qual ninguém ainda fora colocado.

Pode até parecer uma dedução grosseira afirmar que tal fato tenha se passado com base nesse texto. Mas, não resta a menor duvida de que é bastante inteligente supor que José de Arimatéia tenha realmente conseguido retirar Jesus antes que ele morresse asfixiado pregado na cruz. Talvez com uma certa dose de delírio é um pouco de conhecimento sobre o século I E.C. não seja tão difícil imaginar José de Arimatéia descendo Jesus Cristo ainda vivo da cruz e inventando um falso Enterro para o seu amigo. Haja vista que os criminosos que eram pregados em troncos de arvores (pois não havia crucificação da maneira que se vê nos filmes da Paixão de Cristo) na entrada de Jerusalém muitos deles permaneciam vivos por muitas horas, e ninguém ousava ajudar um único que fosse, embora o local não fosse vigiado pelos soldados romanos.
É, razoável supor que Jesus também tenha sido abandonado lá até que José de Arimatéia chegasse. Os discípulos de Jesus fugiram porque eles estavam sendo perseguidos pelos oficiais da guarda romana conforme se lê no próprio texto canônico, apesar de afirmar que o discípulo que Jesus mais amava estava perto da cruz (Jo 19 26-27). Ademais, o Evangelho de Marcos que é o texto mais antigo dos quatro evangelhos diz apenas que algumas mulheres observavam de longe, entre elas Maria, a mãe de Jesus. É possível dizer que os soldados romanos não permitiram aproximação de nenhum dos seguidores do tal “Rei dos Judeus” por temer algum tipo de revolta, e é bem certo assegurar que nem mesmo a mãe do crucificado pode chegar perto dele.
Ela deve ter assistido a todo aquele horror, se é que assistiu de uma distância bem confortável. E, mais: nem os discípulos nem a mãe de Jesus esperava que o corpo de Jesus lhes fosse entregue, uma vez que eles sabiam que os criminosos apodreciam ali perdurados como um lembrete a todos os viajantes que chegavam a Jerusalém. Logo, pode-se dizer que ninguém viu o suposto corpo de Jesus sendo levado por José de Arimatéia (talvez com a ajuda de alguns empregados seus) para ser enterrado no túmulo da sua família.
Pelo que se sabe, a família de Jesus parecia não apoiar a sua escolha, talvez só após a suposta ressurreição de Jesus e que eles

tenham realmente resolvido a apoiar a causa, no entanto, mais por uma razão política do que por acreditar na missão de Jesus. Certamente lhes pareceu um bom momento para atormentar ainda mais o poderoso império invasor. Nesse santiámen da história entre em cena Tiago o irmão de Jesus como seu sósia. Ele começa a aparecer de forma inesperada às pessoas ligadas ao circulo de Jesus e depois aos discípulos e em seguida desaparece para sempre. Um plano perfeito.

Esta é a chave do mistério do corpo de Jesus jamais ter sido encontrado. Há provas documentais históricas que comprovam que Tiago assumiu o movimento político-religioso do seu irmão supostamente crucificado em Jerusalém à época de seu desaparecimento como o fundador da igreja em Jerusalém. Nesse caso, Tiago não teria como se passar por Jesus se ele não fosse efetivamente irmão legítimo de Jesus.

Na minha vida de cético-religioso eu pensava já ter ouvido e visto de tudo um pouco, pelo menos era o que eu imaginava. Entretanto, me dei conta de que eu era um analfabeto bíblico no assunto. Isto é, desconhecia a verdade completamente sobre as Sagradas Escrituras. Fiquei aterrorizado ao saber da existência de outros evangelhos, contudo o Evangelho de Maria Madalena foi o mais chocante. Certamente essa descoberta tem o mesmo impacto fulminante na vida de qualquer cristão, principalmente àqueles que acreditam piamente que os atuais livros bíblicos são a última palavra quando se fala sabre a mensagem do Messias.

Ledo engano, pois o que poderia parecer o maior disparate afirmar que existem outros evangelhos, agora chega ser banal. Em um pequeno bazar nas ruas do Cairo, capital do Egito, um turista encontrou meio que por acaso um manuscrito antigo contendo o Evangelho de Maria Madalena. Essa descoberta fascinou os eruditos no assunto. Este texto escrito em cópta língua do antigo Egito teria sido compilado por Maria Madalena após a ressurreição de Jesus.

Esse manuscrito teria vindo da cidade de Alkimim também no antigo Egito. Neste texto Maria é vista como uma discípula de Jesus. A tradução do texto em cópta feita por um brilhante egiptólogo revelou que Maria Madalena era a discípula que Jesus mais amava. Isto é justificado no manuscrito porque Maria parece ter uma compreensão espiritual muito mais aguçada do que os outros discípulos. De modo que Maria Madalena seria o discípulo dos discípulos, um protótipo de tudo aquilo que Jesus esperava dos demais.

A partir da tradução do texto egípcio alguns egiptólogos presumem que Jesus tinha uma relação muito mais íntima com Maria Madalena do que se poderia supor. Entretanto, o texto que poderia confirmar isso seria outro evangelho conhecido como - Evangelho de Filipe – mas lamentavelmente parte deste texto foi devorado pelas formigas. Não obstante, em uma cópia em cópta

língua que alguns historiadores acreditam ter sido compilada a partir do texto grego descreve a cerimônia de casamento de Jesus Cristo com Maria Madalena às escondidas do rei Herodes Antipas na casa de um leproso. Boa parte dos historiadores modernos que sustenta a tese de que Jesus Cristo foi realmente casado com Madalena se apóia nesse relato.
Mas, o próprio Evangelho de Maria Madalena não menciona nada nesse sentido. Outros autores preferem se apoiarem noutro registro que o autor do Evangelho de Filipe menciona, onde lê -se que Maria Madalena era a companheira do Salvador. Como se sabe, a língua que Jesus falava era o Aramaico, língua comum falada pelos habitantes naquela época, e em aramaico o termo "companheira" significava efetivamente "ESPOSA", e não companheira na acepção que se utiliza no dia-a-dia hoje.
Mais uma vez, o texto do Evangelho de Maria Madalena não aponta nada nessa direção. Devo ressaltar que um número infinitamente grande de autores acreditam que o texto do Evangelho de Maria Madalena teria sido compilado por ela – como se fosse um diário – como era hábito dos discípulos e apóstolos. O fato de não haver nenhum original de ambos os manuscritos e das cópias em existência terem sido compiladas no mínimo dois séculos depois da morte de seus personagens principais, se abre uma brecha imensa para tantas especulações.
O Evangelho de Maria Madalena foi durante muito tempo desacreditado, porque até então não existia em parte alguma referência a respeito desse texto. Todavia de forma inacreditável um outro manuscrito, só que desta vez em grego, foi encontrado no lixo. Era a prova que os historiadores queriam para confirmar suas teorias. O texto grego teria sido escrito entre os séculos II e III d.C.
A partir deste novo achado, o Evangelho de Maria Madalena passou a ser visto como autêntico. De fato, esse manuscrito do Evangelho de Maria Madalena faz parte dos mais antigos registros cristãos descobertos em Nag Hammadi em 1945.
Devo confessar que, o fato dos evangelistas canônicos sempre mencionar aqui e ali Maria Madalena, não deixa dúvida de que ela era realmente uma pessoa muito presente no dia- a- dia de Jesus Cristo, apesar do fato da igreja rotulá-la como prostituta

mais tarde. Fortunadamente, o texto de Nag Hammadi do Evangelho de Maria Madalena apresenta essa mulher sob uma nova ótica. O texto apresenta Maria Madalena como discípula de Jesus, assumindo o apostolado após a morte do Mestre.

Maria Madalena teria recebido ensinamentos da parte de Jesus os quais não foram dados aos demais discípulos, para que após a morte dele, ela assumisse o apostolado. Os egiptólogos vão mais além, afirmando, às vezes, com base em outras referências históricas que Maria Madalena teria liderado o primeiro movimento religioso feminista do primeiro século. Segundo estes mesmos egiptólogos Maria teria tido um papel de fundamental importância para a fundação da igreja de Cristo, superior ao trabalho de Pedro.

É importante notar que, no Evangelho de Filipe, ele descreve uma dura oposição da parte do apóstolo Pedro contra as ideias de Maria Madalena. A liderança espiritual por parte de Maria Madalena não durou muito tempo, porque outro movimento encabeçado pelos seguidores de Pedro já preparava o caminho do apostolado de Pedro como chefe da igreja. Com o enfraquecimento de Maria Madalena ela foi posteriormente rotulada como prostituta pelos seus algozes. Embora não haja qualquer prova concreta de que ela fosse realmente uma prostituta essa ideia segue até hoje bem viva e aceita por um bom número de teólogos. Como se sabe, historicamente a mulher tem sido marginalizada, por conseguinte nessa época não foi diferente. Alguns críticos dos textos bíblicos afirmam não haver provas suficientes para a aceitação do apostolado de Maria Madalena, uma vez que nos evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos e João não existem quaisquer referências a despeito de Maria Madalena ter seguido Jesus como sua discípula. Mas uma coisa é bastante obvia, o fato de Maria Madalena ter visto Jesus ou ele ter aparecido para ela após a sua ressurreição primeiramente não deve ser esquecido. Nesse caso fica óbvio que Jesus tinha mesmo um sentimento especial por Maria Madalena. Seria bestial supor que Jesus teria lhe escolhido por acaso para dizer aos seus discípulos que ele havia ressuscitado.

O Evangelho de Maria Madalena foi um dos diversos documentos excluídos no Concilio de Nicéia por ordem do Imperador Constantino para apagar os vestígios da relação existente entre Jesus e Maria Madalena. E, é nessa época que se inicia de fato o processo para banir Maria Madalena para sempre. A igreja de Constantino primeiro considerou o texto como herético e depois o excluiu do cânon bíblico, mas isso não foi o bastante para apagar os vínculos que Maria Madalena tinha com Jesus e que tinham sido difundidos nos últimos 300 anos.

Em vista disso, a Igreja do século VI[40] empreendeu uma dura campanha para arranhar a imagem daquela que havia sido incumbida de dar continuidade da mensagem do Reino de Deus.

Os lideres religiosos daquele tempo acharam por bem sustentar que o escolhido para dar continuidade no apostolado de Cristo foi Pedro, e a origem da autoridade de Pedro como chefe da igreja se baseia no relato do evangelista canônico Mateus no capítulo 16. Os celebres tradutores da versão secular em língua inglesa King James traduziram os versículos 18 e 19 assim como segue:

" 18.And I say also unto thee: That thou art Peter; and upon this rock, I will build my church; and the gates of hell shall not prevail against it.
19.And I will give unto thee the keys of heaven: and whatsoever thou shalt bind on earth shall be bound in heaven: and whatsoever thou shalt loose on earth shall be loosed in heaven"[41]

No versículo 18 Jesus diz que Pedro é "pedra" e que sobre esta pedra "Pedro" construirá sua igreja. E, Assim acrescenta no versículo 19 que dará a Pedro as chaves do Reino dos Céus. Infelizmente os dois versículos acima do capítulo 16 do Evangelho de Mateus suscitam algumas dúvidas. Alguns teólogos acreditam que o texto se trata de uma adição feita por um copista por ordem da igreja para garantir que a autoridade de Pedro como cabeça da igreja não fosse mais tarde questionada.

---

[40] Precisamente no ano de 591 d.C. sob a batuta do Papa Gregório

[41] 18. E eu também lhe digo que tu es Pedro e sobre esta pedra, eu edificarei minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão sobre ela.
19. E eu te darei as chaves do Reino dos Céus, de maneira que o que ligares na Terra seja também ligado nos céus e o que desligares na Terra seja desligado nos céus.

Convém lembrar que, os manuscritos antigos sofreram vários processos de adulteração no decurso dos séculos. Como dito em capítulos anteriores, inúmeras traduções modernas omitem muitas palavras, versículos e até mesmo capítulos inteiros que constam nos manuscritos antigos mais aceitos, do mesmo modo também apresentam muitas adições que não aparecem nos papiros mais confiáveis. Nesse mesmo capítulo 16 do evangelho de Mateus em uma tradução feita por um grupo de eruditos da International Bible Society conhecida como NIV pode se observar nitidamente duas adições, as quais não fazem parte de alguns dos manuscritos mais antigos. Trata-se do versículo 2 e 3 que também aparece em outra tradução bilíngüe árabe-francês publicado em cooperação entre a Sociedade Bíblica Libanesa, Beirute, Líbano e Sociedade Bíblica Francesa, França.

O curioso é que nesse capítulo que Pedro recebeu as chaves do Reino dos Céus de Jesus, quando reconhece que Jesus é o Cristo, filho do Deus vivo, Jesus lhe diz que a revelação que Pedro recebera era da parte de Deus. Não é paradoxal que no versículo 23 Jesus tenha lhe dito:

Va-t'en loin de moi, Satan! Tu es um obstacle sur ma route, car tu ne penses pas comme Dieu, mais comme les êtres humains.[42]

Isso causa certa estranheza, porque após Pedro receber uma revelação de Deus, Jesus Cristo diga a ele - afastai de mim, Satanás! Tu es um obstáculo em meu caminho, pois tu não pensas como Deus, mas como os seres humanos. A grosso modo, pode se dizer que tudo leva a crer que os versículos 18-19 também foram adicionados.
Portanto é a primeira vez que a palavra IGREJA aparece nas Escrituras. E, com isso a autoridade de Pedro é estabelecida de forma indelével na história da igreja, e por essa razão, passaram a caluniar incessantemente Maria Madalena como prostituta, que paulatinamente foi sendo esquecida pelos seus seguidores séculos afora. É licito dizer que apesar da perseguição implacável da

[42] Para trás de mim, Satanás! Tu es um obstáculo em meu caminho, pois tu não pensas como Deus, mas como os seres humanos.

Igreja ela nunca foi totalmente esquecida. Por algum motivo inexplicável a maioria dos cristãos sempre a viram com bons olhos. E, talvez por essa razão o homem sertanejo que é muito sensível a veja quase como uma santa. Há no folclore popular inúmeras lendas sobre ela. Mas, em especial há uma canção caipira que descreve o carinho que muitos sentem por ela – O berrante de Madalena. Nesta canção ela é a santa protetora dos boiadeiros que desce do céu num misterioso disco voador para salvar a boiada por ordem do nosso SENHOR. E, mais: ela ressuscita os cinco boiadeiros que morrem no estouro da boiada no pé da grande Serra dos Cristais. Na verdade, o milagre de Madalena é um sonho de um boiadeiro que reconhece Madalena como sua santa protetora. Desse modo, o Evangelho de Maria Madalena descoberto em Alkimim no Egito só vem confirmar uma coisa que o "feeling"[43] caboclo já havia percebido.

[43] Sentimento

CAPÍTULO XXIII
Do Evangelho de Filipe

A sabedoria dos mais velhos nunca deve ser desprezada, principalmente, se essa pessoa, for seu próprio pai. Meu pai um sertanejo da terra de Graciliano Ramos sempre me dizia que, mais importante do tudo aquilo que se sabe, é aquilo no que se acredita. A pesar de todo o conhecimento adquirido ao longo de uma vida, pode ser ilusório afirmar que isso ou aquilo é realmente verdadeiro. Nem toda a teologia do mundo pode comprovar a existência de Deus, ainda que alguns teólogos arrozoam ter chegado tão perto. Mas ainda assim, não podem afirmar categoricamente.

Nesse caso, todo o conhecimento é inútil, todavia quando se acredita nesse conhecimento, tudo faz sentido por mais ilógico que possa parecer. Penso que este conceito seja aplicável a todos os autores que defendem a relação marital de Jesus com Maria Madalena sua discípula. Se tal argumento fosse verdadeiro á luz da lógica a relação de Jesus Cristo como filho de Deus teria ficado profundamente arranhada perante seus fiéis apóstolos. Talvez, seja esta a razão do movimento gnóstico ter sido seriamente combatido pelas autoridades eclesiásticas da época. O Evangelho de Filipe fruto deste movimento é um dos muitos papiros encontrados na região do alto Egito conhecida como: Nag Hammadi, a delinear minuciosamente um Cristo-Homem, diferentemente do Cristo-Deus do Novo Testamento.

Num esforço de profunda loucura muitos eruditos bíblicos são unânimes em apontar o texto de Filipe como autentico. Seria lúdico, se não fosse ridículo, a tese sustentada pela autora Margaret Starbird[44] de que Jesus teria se casado, ás escondido do rei Herodes Antipas com Maria Madalena numa cerimônia simples entre amigos íntimos e familiares, na casa de um leproso. Nesse ponto, parece a meu entender que, a autora dá maior ênfase

[44] The Gospels and the Holy Graal

no seu conhecimento, do que naquilo que ela supostamente acredita. Os autores que beberam da mesma fonte, não é de se estranhar que tenham chegado à mesma conclusão. O manuscrito em cópta do Evangelho de Filipe é uma cópia de um texto grego, tanto assim que não são poucos os autores que crêem que essa seja a língua original na qual o texto foi efetivamente compilado. Porém, existem autores do mesmo peso que divergem sobre o tema, segundo eles o documento teria sido escrito em sírio por volta de 180 a 250 A.D.

Ora, o certo é que, apesar de todas as investigações arqueológicas e históricas o documento original não existe. A cópia em cópta é parte do trabalho dos monges gnósticos que teria escondido o documento junto com outros textos como: Apócrifo de João, Apocalipse de Adão, Atos de Pedro e Evangelho de Tomé. Não é difícil imaginar que a fonte inspiradora para Magaret Starbird seja esses textos apócrifos. No entanto, nenhuma certeza pode ser dada da relação marital de Jesus com Maria Madalena, já que o próprio relato de Filipe não diz isso textualmente, tampouco nenhum outro livro apócrifo que se tem conhecimento afirma isso.

O que o texto deixa claro é que, Jesus beijava Maria Madalena na boca e que ele tinha por ela um amor incondicional. É uma lástima que nenhum outro evangelista tenha mencionado algo desta natureza, a malgrado de Maria Madalena ter sido uma personagem muito frequente dos evangelhos do Novo Testamento. Outro argumento usado por autores para assinalar a forte ligação de Jesus á Maria Madalena se baseia no costume judaico que proibia que um judeu fosse solteiro e mantivesse o celibato. Segundo eles Jesus não teria sido indiferente a tradição judaica que estava profundamente ligada a sua formação. Incontestavelmente o documento tem profundo valor histórico, uma vez que, quem o escreveu demonstrou conhecer os evangelhos canônicos citando os ao longo de seu trabalho de compilação.

O manuscrito segue mui de perto o estilo literário da Bíblia Canônica, mas difere no tocante ao sistema empregado para criar o texto. Quero dizer, o documento se apresenta como uma coletânea de parábolas, diálogos e exegese, bem como uma tentativa de interpretar as palavras de Jesus. Segundo o autor

Wesley W. Isenberg, [45]nove citações encontradas no manuscrito são, na verdade, interpretações das próprias palavras de Jesus que fazem parte dos evangelhos canônicos. Na opinião deste conceituado autor o tema principal do documento é, sem dúvida, o sacramento gnóstico cristão.
É importante notar que, embora a maioria dos historiadores religiosos afirme que o texto é de origem gnóstica como a conceituada Dra. Elaine H. Pagels, Ph.D pela universidade de Harvard e autora de vários livros sobre religião não existe uma convergência neste sentido. Gilles Qispel, historiador Holandês, uma autoridade no assunto, asseverou categoricamente que o texto não era de forma alguma gnóstico contrariando a opinião do tradutor francês Jean Doresse que havia afirmado anteriormente que se tratava de um documento de movimento gnóstico. É bom lembrar que o historiador Qispel foi um dos primeiros a estudar o Evangelho de Tomé que apresenta a mesma origem: Nag Hammadi. Esse mesmo historiador trabalhou arduamente no museu cópta no Cairo, Egito ao lado de outros colaboradores de igual peso como Henri-Charles Peuch e Pahor Labib em 1956 traduzindo os manuscritos em copta da coleção de Nag Hammadi.

Suponho que a proeminente figura da comunidade teológica Dra. Pagels cometeu um erro crasso ao incluir o Evangelho de Tomé e o Evangelho de Filipe na sua obra - Os Evangelhos Gnósticos[46] se esquecendo de uma das premissas mais básica de que nenhum texto que afirme a santidade e a reencarnação pode ser considerado como fruto do pensamento Gnóstico. Com certa relutância devo concordar que, ainda assim, sua obra é Must-to-read como dizem os anglofonos, aos interessados no tema. De resto, cabe ressaltar que a tradução inglesa do Evangelho de Filipe por Wesley H. Isenberg parece ser a mais apropriada pelo estilo e clareza do texto.

[45] The Apocriphon Gospels
[46] The Gnostic Gospels

CAPÍTULO XXIV
Do evangelho apócrifo de S. Tomé

As inúmeras versões e traduções existentes atualmente do evangelho apócrifo de S. Tomé foram feitas a partir de três papiros gregos e um manuscrito em cópta língua do antigo Egito. Os textos em grego são mais antigos do que o manuscrito em copta. Visto que, os papiros gregos teriam sido compilados por volta do II século A.D. e o manuscrito egípcio descoberto por acaso em Nag Hammadi em 1945 corresponde ao ano 350 A.D. O estudo sistemático por parte dos eruditos e versados em papirologia demonstrou que existem diferenças substâncias em ambos os textos que se originaram pelo intenso processo de cópias realizado já no liminar do ano 300 A.D.

Por outra parte, os especialistas na língua do antigo Egito descobriram após vários estudos que o manuscrito em cópta apresenta inúmeras correções. Devido ao estado fragmentado dos papiros não se pode data-los com precisão. Segundo alguns especialistas dos textos heréticos dos primeiros séculos da Era Comum, o evangelho de S. Tomé teria sido escrito entre 50 a 140 A.D., no leste da Síria. É voz corrente que, Tomé era uma figura apostólica muito influente nesta região. Posto que o nome Dídimo Judas Tomé a quem se credita à autoria deste evangelho só era conhecido também nesta parte do Mundo.

O certo é que, não se pode afirmar com exatidão que Tomé teria sido de fato o autor do texto apócrifo que leva seu nome. Na opinião de alguns autores mais ortodoxos parece pouco provável que o incrédulo discípulo Tomé tenha escrito este evangelho entre o ano 70 e 80 d.C. como afirmam alguns autores.

Pareceu-me curioso o lembrete feito pelo tradutor João Ferreira de Almeida ao traduzir João 14.22 onde se encontra entre parênteses, a ressalva Judas (não o escariotes). Por algum motivo o evangelista João preferiu distinguir Dídimo Judas Tomé do traidor. Fica óbvio que os evangelistas temiam interpretações errôneas *a posteriori* dos seus relatos. Tal fato pode ser

claramente observado também no evangelho de Lucas, onde Maria da pequena vila de pescadores de *Magdala* recebeu o nome de Maria Madalena, de maneira que não fosse confundida com as demais, assim como ela, também seguiam Jesus Cristo: Maria irmã de Lazaro e a sua própria mãe Maria. Muitos versados no Novo Testamento afirmam com veemência em seus debates fervorosos e artigos que Tomé era o irmão gêmeo de Jesus Cristo. A base para tal argumentação repousa sobre o nome do apostolo quando traduzido para as línguas faladas na época. No inicio do primeiro século três idiomas eram falados pelo povo da palestina, o aramaico, o hebraico e o grego.

No entanto, por grupos diferentes, sendo que o aramaico era a língua geral do povo, mas concomitantemente se usava o grego dos comerciantes e o hebraico pela elite burguesa intelectual judaica. Portanto, as variantes do nome de Tomé encontradas nos manuscritos refletem nitidamente o processo cultural dos primeiros cristãos. Mas o nome traduzido aponta sempre para a mesma direção em que se apoia a tese de Judas ser o irmão legítimo de Jesus com Maria e Jose carpinteiro, contrariando todos aqueles que dangerosamente apontam Judas como irmão, porém, do primeiro casamento de José.

O termo Tomé em português é uma variante do nome do apostolo em hebraico que significa gêmeo. É bem provável que Jesus Cristo chamasse o seu apostolo de Judas Teoma que em aramaico a língua de Jesus também significa gêmeo. Em João 11.16 aparece outra variante para o termo gêmeo só que desta vez em grego: Dídimo. Quase todos os tradutores do Novo Testamento em diversas línguas mantiveram o termo Dídimo sem tradução, como fez o celebre João Ferreira de Almeida. A meu juízo, pareceu-mo um erro gravíssimo, uma vez que, se o leitor não conhece o grego do Novo Testamento, logo não saberá que Judas, o chamado Dídimo é o irmão gêmeo de Jesus.

Em que pese à ótima qualidade da tradução deste celebre tradutor português o uso do termo me pareceu intencional. Os evangelistas Marcos e João fazem uso dos termos Judas Tomé sempre concomitantemente, o que leva a crer que, já na época em que os manuscritos dos evangelhos foram compilados se temia futuras interpretações errôneas advindas dos três Judas que viviam entre

eles. Dentro do contexto histórico bíblico se pode observar três personagens cujos nomes era Judas, o incrédulo Judas Tomé, o traidor Judas Escariotes e Judas Tadeu.

O primeiro personagem, Judas Tomé, a quem se credita outros escritos rotulados como apócrifos pela igreja de Constantino sobre a vida de Jesus como - O Evangelho da Infância de Jesus - teria recebido a mensagem do próprio Senhor Jesus. Essa visão do texto gnóstico contraria brutalmente a imagem que se tem de Tomé no texto canônico. No tocante, ao enigmático traidor Judas Escariotes pouco se sabia sobre este personagem tão odiado no mundo cristão até a descoberta de Nag Hammadi.

No entanto, sabe se que sua trajetória vai além daquela descrita pelos evangelistas dos evangelhos canônicos, ele teria escrito também um evangelho que foi considerado espúrio pelo concílio de Nicéia. O único autor dos três que aparece no Novo Testamento é Judas Tadeu o apostolo que pregou o Evangelho do Reino de Deus nas províncias do Império Persa ao lado de outros fies seguidores. São Judas Tadeu como aparece nas Bíblias em português escreveu uma epístola exortando os cristãos a continuarem na batalha pela fé. Ele usufruía boa reputação dentro da igreja primitiva admoestando a todos para não serem punidos como aqueles de Sodoma e Gomorra.

Com relação, ao número de tradutores que se dedicaram na tradução do texto cópta sádico do evangelho de Tomé é infinitamente absurdo. Muitos destes homens verdadeiros especialistas na língua egípcia fizeram o possível para extrair de forma clara o verdadeiro significado real do texto, mas nem todas as traduções são realmente fiel ao texto original, repetindo os mesmos erros dos tradutores da Bíblia canônica.

Contudo, existe boas traduções como a de Bentley Layton em sua obra -The Gnostic Scriptures[47]- trabalho de um gênio excepcional na arte de traduzir. Muito embora seu estilo peculiar na forma organizacional dos textos dessa obra, faz dela um objeto de estudo essencial aos interessados nos textos apócrifos. Ao optar pela organização dos textos segundo as "escolas" da época Bentley

[47] As Escrituras Gnósticas

layton foi realmente feliz, uma vez que, assim seu trabalho lapidado se diferenciou dos demais.
Em 1958 o francês Jean Doresse publicou sua belíssima tradução para a língua francesa, a malgrado da linguagem artificial empregada no texto. Por outra parte, o texto apresentado por Lambdin é deveras apropriado pelo uso de uma linguagem fácil e menos dura do que a forma empregada por Schroedel. A tradução de Marvin Meyer e Steven Patterson a qual me pareceu mais adequada ao publico brasileiro que se arrisca na língua de Shakespeare foi produzida por um grupo de estudiosos sob a batuta de Robert W. Funk autor do livro- The five Gospel[48]- representam o esforço destes eruditos em reproduzir uma tradução que seguisse fielmente o estilo grego, inclusive substituindo o coloquialismo grego pelo inglês, coisa que não agradou os mais ortodoxos. Talvez porque o autor colocou o evangelho de Judas Dídimo Tomé no mesmo patamar dos outros quatro textos canônicos.

[48] Os Cinco Evangelhos

CAPÍTULO XXV
Do Evangelho Secreto de São Marcos

O conhecimento empírico sempre foi uma nobre ferramenta nas mãos daqueles que buscaram compreender a dinâmica das coisas universais. Esse espírito empírico naturalmente se torna o combustível para se manter na órbita dos objetivos até que se atinja um certo grau de erudição. Nesse contexto vê-se o brilhantismo de renomadas autoridades sobre certos temas que parecem ter atingido o mais alto grau de erudição sobre os demais seres humanos e por conta disso, parecem donos da verdade, como o bispo Clemente de Alexandria.

Historicamente sabe-se que os eclesiástas dos primeiros séculos do cristianismo sempre defenderam suas próprias verdades e foi nesta época que o bispo Clemente teria escrito uma carta alertando um de seus colaboradores chamado Teodoro sobre três versões do evangelho de São Marcos totalmente distintas: O texto evangélico original, o texto do evangelho canônico e o texto do evangelho secreto, sendo que o primeiro manuscrito seria o texto original que deu origem ao evangelho canônico do Novo Testamento, e o último uma versão ampliada com conteúdo herético dos textos com a mensagem evangélica original de Mateus e que apesar disso, havia certas verdades as quais nem todos os homens deviam saber.

Então, nesse contexto surge o Evangelho Secreto de Marcos, esse texto segundo o autor da carta seria uma versão do texto original ampliado somente para não-leigos que era mantido secretamente dentro da igreja. O texto secreto de Marcos teria, se é que esse manuscrito realmente existiu um dia, uma revelação que destruiria totalmente a figura de Jesus perante seus seguidores quase 150 anos após sua morte, se fosse mal interpretada, porque este evangelho secreto faz alusão a práticas homossexuais que Jesus teria tido com o jovem que é descrito no evangelho canônico de Marcos 14:51-52.

Esse episódio mencionado pelo evangelista Marcos sempre intrigou os teólogos que nunca conseguiram entender por que um jovem quase nu, usando somente um lençol diáfano de linho seguia Jesus no momento da prisão. A multidão armada que foi enviada pelos lideres religiosos para prender Jesus também tentou aprisionar o jovem que fugiu correndo nu, deixando o lençol para trás. Veja como Marcos descreve esse episódio no texto canônico:

"And there followed him a certain young man, having a linen cloth cast about his naked body; and the young men laid hold on him: And he left the linen cloth, and fled from them naked" (KJV).

Não seria nenhum exagero afirmar que essa narrativa se encaixa perfeitamente no texto apócrifo mencionado pelo bispo Clemente. O autor do Evangelho Secreto de Marcos ou o próprio Marcos, como presume o bispo Clemente, dá a entender que Jesus ressuscitou um jovem de Betânia pela intercessão de sua irmã a Jesus, mas que pelo contexto parece não ser Lazaro que é mencionado somente por João, e sim o jovem nu da cena da prisão de Jesus. O texto secreto diz que depois da ressurreição do jovem ele e sua irmã levaram Jesus a casa deles porque eles eram muito ricos. E, depois disso Jesus pediu que o jovem o encontrasse 6 dias mais tarde. É estranho que esse encontro tenha se realizado á noite com o jovem vestindo somente uma túnica de linho branco, como o próprio texto revela.

O autor acrescenta que Jesus passou á noite ensinando ao jovem os mistérios do Reino de Deus. Na verdade esse parece ser o motivo do texto ter sido rotulado como secreto, porque o autor diz que aquele era o jovem que Jesus mais amava, portanto não seria João como relatado noutro evangelho. Mile Folower em seu artigo identifica 5 personagens que possivelmente seriam a mesma pessoa .i.e., o jovem nu que Jesus amava do Evangelho Secreto de Marcos. O primeiro seria o jovem de Betânia que este evangelho cita, o segundo seria Lazaro que era de Betânia mencionado no texto canônico de São João, o terceiro o jovem do Getsêmani Marcos 14:51-52, o quarto seria o jovem rico em

Marcos 10:17-31 e o ultimo o jovem que estava no túmulo de Jesus, Marcos 16:5, quando Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé encontram um jovem vestido de branco ao lado direito do Túmulo aberto.

Creio que essa ideia ainda hoje é altamente inflamável pelo seu teor homoerotico, em função de que diversas autoridades do Novo Testamento acreditarem que esse texto secreto mencionado pelo bispo Clemente realmente existiu. É ainda mais surpreendente a tese defendida pelo teólogo Helmut Koester afirmando que o evangelho canônico de Marcos do Novo Testamento foi construído sobre o texto secreto de Marcos suprimindo o conteúdo erótico do texto.

A história do Evangelho Secreto de Marcos veio à tona em meados do século passado quando o famoso teólogo americano Morton Smith descobriu por acaso essa carta do bispo Clemente num monastério ao sul de Jerusalém, mais que até hoje e contestada pelos mais gabaritados estudiosos clementinos. Diversos autores clementinos negam que tal epístola foi realmente escrita pelo bispo de Alexandria, até porque o texto encontrado pelo Dr. Smith seria uma cópia do século XVIII d.C., à vista disso, os eruditos mais ortodoxos acreditam que a carta foi forjada pelo teólogo em busca de notoriedade.

Mas, há àqueles que acreditam na autenticidade da carta, a malgrado do texto nunca ter sido realmente disponibilizado para uma avaliação mais detalhada. Seja como for, a meu entender, o texto clementino será impactante, às gerações de seguidores do cristianismo, tanto que durante o pós-texto dessa obra as citações secretas de Marcos foram excluídas, entretanto achei por bem acrescenta-las nesse capítulo como as encontrei em uma tradução em alemão do autor Wieland Willker sob o titulo- *Der Brief des Clemens von Alexandrien an Theodorus.*[49]

Portanto, os dois fragmentos abaixo, são tudo o que restam do Evangelho Secreto de Marcos compilado no final do I século do

[49] Carta de Clemente de Alexandria a Teodoro.

cristianismo provavelmente e citado na carta do bispo Clemente. Presume- se que a primeira passagem estaria inserida no capítulo 10 entre os versículos 34-35 e a segunda mais curta no mesmo capítulo no versículo 46 do texto canônico de São Marcos. Embora meu alemão seja rudimentar, estou certo de que, meu esforço em ler Thomas Mann e Günther Grass no original no passado, agora me permita fazer uma tradução pelo menos compreensível ao leitor de parte do texto secreto mencionado pelo bispo Clemente. No texto alemão de Wieland Wilker lê-se como segue:

“E[50] ele foi para Betânia, e lá estava uma mulher cujo irmão havia morrido. 2 E ela se aproximou de Jesus ajoelhou-se diante dele e disse-lhe: Filho de Davi tende piedade de mim. 3 Mas os discípulos a repreendeu. 4 E Jesus se irritou com eles e foi ao jardim onde o túmulo do irmão dela estava. 5 Então Jesus se aproximou do túmulo e rolou a perda que fechava o túmulo.6 Ele entrou imediatamente onde o jovem estava e esticou sua mão e o levantou segurando nas mãos dele.7 O jovem o adorou a primeira vista. 8 E saindo do túmulo eles foram à casa do jovem, pois ele era rico.9 E seis dias mais tarde Jesus o chamou . 11 E quando caiu à noite o jovem foi ter com ele vestido somente com uma túnica sobre seu corpo nu. 12 E ele ficou aquela noite com Jesus e então Jesus o ensinou sobre os segredos do Reino de Deus. 13 De lá ele se levantou e foi para o outro lado do Jordão.

---

[50] "Und sie kamen nach Bethanien, und eine gewisse Frau, deren Bruder gestorben war, war dort. Und herzu kommend, warf sie sich vor Jesus nieder und sagte zu ihm: 'Sohn Davids, habe Erbarmen mit mir.' Aber die Jünger wiesen sie zurück. Und Jesus, der in Wut geriet, ging mit ihr in den Garten, wo das Grab war, und sogleich wurde ein lauter Schrei aus dem Grab gehört. Und näher tretend, rollte Jesus den Stein vom Eingang des Grabes weg. Und sogleich ging er hinein, wo der Jüngling war, streckte seine Hand aus und zog ihn hoch, indem er dessen Hand ergriff. Aber der Jüngling, als er ihn ansah, liebte ihn und fing an, ihn anzuflehen, daß er bei ihm sein möge. Und sie gingen aus dem Grab heraus und kamen in das Haus des Jünglings, denn er war reich. Und nach sechs Tagen sagte ihm Jesus, was er tun solle, und am Abend kommt der Jüngling zu ihm, ein leinenes Tuch über [seinem] nackten [Körper] tragend. Und er blieb diese Nacht bei ihm, denn Jesus lehrte ihn das Geheimnis des Reiches Gottes. Und von da erhob er sich und ging auf die andere Seite des Jordans zurück."

“E[51]a irmã do jovem que Jesus amava, sua mãe e Salomé estavam lá, mas Jesus não as recebeu.

---

[51] "Und die Schwester des Jünglings, den Jesus liebte, und seine Mutter und Salome waren dort, und Jesus empfing sie nicht".

Do Evangelho Segundo Pedro

Banido para sempre do canôn bíblico o Evangelho de Pedro foi esquecido séculos afora. Todavia, um manuscrito compilado por volta do século VII descoberto por arqueólogos franceses no túmulo de um monge cristão em 1886 reacendeu a curiosidade dos mais renomados linguistas e arqueólogos em volta deste achado. É bom dizer que, o Evangelho de Pedro era um manuscrito conhecido pelos Pais da Igreja e excluído da Bíblia canônica pelo Concílio de Cartago realizado em 397 da Era Comum, quase Cem anos depois do bispo Serapião de Antioquia ter permitido o uso do texto nas sinagogas em Rosso e Cicília.

Mais tarde, o mesmo bispo foi obrigado a rever sua posição sobre o evangelho, apesar de reconhecer que o manuscrito representava os ensinamentos do Senhor Jesus, continha ensinamentos hereges que tentavam a todo custo minar a doutrina verdadeira de Cristo, tanto que ele reafirmou em sua carta a confiança nos evangelhos que estavam sendo anunciados segundo a doutrina dos apóstolos. E mais: acrescentou que nem todos os escritos que circulavam com o nome dos discípulos eram realmente do punho deles.

Os hereges usavam o nome dos discípulos e apóstolos para dar maior credibilidade ao texto. O texto original ainda é tema de debate quanto sua possível data de compilação pelas mais gabaritadas autoridades em documentos apócrifos que o datam como do ano 70 a 150 A.D. A imagem do apóstolo Pedro como se vê nos seus livros sempre me intrigou sobremaneira tanto que um amigo do Cairo me enviou uma missiva com o texto grego do Evangelho de Pedro que pude traduzir graças ao auxilio das gramáticas de S.J. Samuel e John H. Dobson, logo após o “Bug do Milênio” ter sido esquecido totalmente.

Tal feito me fez lembrar da máxima: Todo esforço será recompensado - isso porque, devo confessar, me senti como o brilhante egiptólogo inglês Howard Carter ao encontrar o sarcófago do faraó Tutancamon no Vale dos Reis em 1922 no momento em que muitos arqueólogos diziam que nada mais poderia ser descoberto naquele sitio arqueológico. Ora, a leitura do texto grego traz á tona uma imensa riqueza de significados, que nem o mais brilhante linguista conseguiria extrair em uma tradução por mais habilitado que fosse. Na realidade, o manuscrito do Evangelho de Pedro é uma cópia incompleta que o monge do mosteiro de São Pacômio não teve tempo suficiente para terminá-la.

Mesmo assim, essa cópia é surpreendentemente reveladora porque o evangelista Pedro reconhece Maria Madalena como discípula do SENHOR, desmentindo a popular versão dada pela igreja de que ela era uma prostituta. Não é de se estranhar que, a Dra. Karen L. King tenha chegado à mesma conclusão que muitos teólogos chegaram que o rotulo de "Prostituta" foi fruto da ficção teológica. Na obra da Dra. King intitulada - Evangelho de Maria de Magdala: Jesus e a Primeira mulher apóstola[52]- ela traduziu o evangelho a partir do Papiro Berolineses, considerando o documento como o único evangelho escrito por uma mulher. E mais: destaca o papel de líder religiosa visionária combatida pelo apóstolo Pedro. Tanto o Evangelho de Maria Madalena como o Evangelho de Pedro mostra claramente o papel proeminente que Maria Madalena tinha perante os autores dos textos bíblicos durante os primeiros 300 anos do cristianismo. Na Palestina nessa época, é importante destacar, que muitos dos relatos sobre Jesus circulavam no anonimato ou com pseudônimos, talvez seja essa a razão, como mencionado acima, de inúmeros textos como o nome dos apóstolos de Jesus como os evangelhos apócrifos.
Pela narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo conforme o Evangelho de Pedro parece fundamentar a tese de diversos estudiosos sobre a independência de Pedro com relação aos demais evangelhos canônicos, que na opinião de outros

[52] The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the first woman apostle

historiadores teriam servido de fontes para o evangelista Pedro compilar seu próprio evangelho. Por conseguinte, sabe se que mesmo antes dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João compilarem seus relatos sobre Jesus existia a tradição oral dos acontecimentos sobre a paixão, morte e ressurreição, a fonte primária do relato de Pedro. Embora o evangelista Pedro tenha se esforçado ao máximo para detalhar o episódio da ressurreição miraculosa de Jesus, alguns pontos são bastante obscuros no seu relato.

Mas incontestavelmente o texto é revelador, primeiro porque apresenta o rei Herodes como aquele que ordenou que Jesus fosse crucificado, o que tira o peso das costas de Pilatos. Segundo porque revela o nome do centurião Petrônio que vigiava o sepulcro é que ele presenciou a ressurreição de Cristo ao lado de seus soldados e alguns anciões que estavam com eles. Uma leitura critica do manuscrito mostra nitidamente que o texto representa a mesma tônica dos quatro evangelhos historicamente consagrados, contudo o autor reconhece Maria Madalena como discípula do Senhor, fato ignorado totalmente pelos evangelistas do Novo Testamento.

Destaco abaixo em vermelho a partir do texto grego conforme Pedro escreveu: Maria a Madalena, discípula do Senhor.

“Ορθρου δε της κυριακης *Μαριαμ η Μαγδαληνη, μαθητρια του κυριου*, φοβουμενη δια τους Ιουδαιους, επειδη εφλεγοντο υπο της οργης, ουκ εποιησεν επι τω μνηματι του κυριου α ειωθεσαν ποιειν αι γυναικες επι τοις αποθνησκουσι και τοις αγαπωμενοις αυταις”[53]

Creio que para uma boa parte dos católicos esta nova visão de Maria Madalena não chega ser surpreendente, porque ela sempre foi uma personagem presente nos relatos dos autores do Novo Testamento.

---

[53] ... ao romper da aurora do dia do Senhor, Maria a Madalena, discípula do SENHOR, foi ao tumulo para fazer as coisas que as mulheres estavam habituadas a fazer aos mortos que elas amavam, mas que não havia feito antes porque temia os judeus que estavam cheios de ódio.

Com efeito, para outros menos liberais esta nova concepção do papel de Maria Madalena como discípula e mestre dos apóstolos seria uma alogia. A malgrado do texto ser considerado espúrio parece-me que ele e deveras coerente pelo espaço que essa mulher, sem importância aparente, e citada pelos evangelistas como a primeira pessoa encontrar o sepulcro aberto, o próprio evangelho petrino cita o mesmo episódio. Nesse evangelho também assim como nos canônicos, os autores procuram tirar a culpa de Pilatos pela execução de Jesus, mas Pedro vai mais além revelando o rei Herodes Antipas como responsável como dito acima.

No trecho do texto grego abaixo de Pedro destaco em vermelho dois pontos importantes que difere da versão canônica. O evangelista Pedro menciona José de Arimatéia como amigo de Pilatos, portanto José pede o corpo de Jesus a Pilatos para ser enterrado, mas é o rei Herodes que permite que o corpo seja retirado da cruz por José de Arimatéia. Ao passo que, o relato de Mateus 27:57 diz que José era um homem rico da cidade de Arimatéia e, é o próprio Pilatos que permite que o corpo seja levado por José. Já o segundo evangelista do Novo Testamento descreve José de Arimatéia como um ilustre membro do Sinédrio que também recebeu a autorização de Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Em Lucas 23:50 José de Arimatéia é um senador e o evangelista João o menciona como um mero discípulo de Jesus.

É estranho que os evangelistas do Novo Testamento desconhecessem que José de Arimatéia era amigo de Pilatos. Nesse ponto, o Evangelho de Pedro parece mais coerente que os demais, porque se José fosse um homem rico ou membro do Sinédrio, certamente Pilatos o conheceria e poderiam ser mesmo amigos como Pedro relatou. Embora haja uma convergência entre eles de que José de Arimatéia era discípulo ou amigo de Jesus, não faz sentido à omissão deste vínculo que José tinha com Pilatos, porque todos eles são unânimes asseverando que Pilatos entregou o corpo de Jesus para que fosse sepultado.

(...) Εσηκει δε εκει **Ιωσηφ ο φιλος Πειλατου** και του κυριου, και ειδως οτι σταυρισκειν αυτον μελλουσιν ηλθεν προς τον Πειλατον και ητησε το σωμα του κυριου προς ταφην[54].

[54] (...) mas José o amigo de Pilatos estava lá e sabendo que eles iriam crucificá-lo, foi até Pilatos pedir pelo corpo do Senhor para que pudesse ser enterrado.

O suposto evangelista canônico São João ao escrever sobre a vida de seu Mestre Jesus Cristo, menciona no capítulo 3 que havia entre os fariseus um homem, cujo nome era Nicodemos, um dos principais dos judeus, que reconheceu a autoridade de Jesus como mestre da parte de Deus. Então Jesus revela a Nicodemos que quem não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus. Esse personagem esquecido pela igreja também teria escrito um evangelho sobre o julgamento de Jesus pelo procurador Pôncio Pilatos.

O Evangelho de Nicodemos representa um importantíssimo documento sobre três personagens que presenciaram o sofrimento do filho de Deus, e que segundo o texto seriam as pessoas mais gabaritadas para testemunhar em favor de Jesus Cristo como o verdadeiro Messias profetizado pelos profetas. O primeiro deles Pilatos sempre lembrado pela igreja romana e certamente tão conhecido como o próprio Cristo, e descrito como um inocente pela morte de Jesus, e que muitas vezes, fez o possível para soltá-lo. Não há mister de dizer que, os evangelistas do Novo Testamento também procuram isentá-lo da responsabilidade pela crucificação do filho de Deus.

A célebre cena de Pilatos lavando as mãos perante os judeus como forma de tirar a sua culpa por derramar o sangue de um inocente é inconcebível à luz da lógica pelo seu papel como representante local do Imperador. Mesmo quando quis absolver Jesus usando o costume judaico de soltar um prisioneiro na Páscoa pode ser considerado um atenuante. Na verdade, Pilatos usou um “truque” porque ele sabia que Barrabás era um herói para aqueles judeus enfurecidos. É curioso que tantos os autores canônicos do Novo Testamento como no Evangelho apócrifo de Pedro e no próprio Evangelho apócrifo de Nicodemos Pilatos seja visto como inocente. O autor do Evangelho de Pedro ou o próprio

Pedro culpa o rei Herodes pela execução de Cristo, os outros dois evangelhos, transferem a culpa diretamente aos Judeus.

O segundo personagem deste tripé é o judeu Nicodemos, o suposto autor do evangelho que leva seu nome, o mesmo que Jesus reconhece como uma autoridade importante em Israel no capítulo 3:10 do Evangelho segundo João. Em seu texto Nicodemos sai em defesa de Jesus como um homem justo e estando no momento do interrogatório de Jesus ao lado de Pilatos pede para testemunhar sobre as acusações que os judeus faziam contra Jesus.

Da tradução em inglês de Alexander Walker interpretei o seguinte: - "Disse Nicodemos: Eu disse isto aos anciões e aos pastores e Levitas e toda a multidão que estava reunida na sinagoga.

O que vocês procuram fazer a este homem? Esse homem realizou muitos milagres e coisas estranhas que nenhum outro fez ou seria capaz de fazer. Então dexai-o ir, e não desejem mal algum contra ele. Se os milagres que fez, for da parte de Deus, eles permaneceram. Entretanto se forem da parte dos homens, acabaram em nada. Pois, na verdade quando Moises foi enviado ao Egito por Deus realizou muitos milagres, como Deus o ordenou que fizesse perante o Faraó rei do Egito. E, lá estavam também os servos do Faraó Genes e Jambres que fizeram alguns milagres, mas os egípcios viam - os como deuses. Visto que os milagres deles não vinham de Deus, eles e aqueles que acreditaram neles foram destruídos. Agora libertem este homem, pois ele não merece morrer".

É valido ressaltar que o testemunho de Nicodemos representa uma das testemunhas de defesa de Jesus que estavam acompanhando o interrogatório anonimamente. Na versão dos fatos relatados por São João não há testemunhas de defesa, parece que somente Pilatos via Jesus como inocente naquele momento. Posto que o autor do Evangelho de Nicodemos descreve claramente que o paralítico que Jesus curou em Lucas 5: 17-26, o cego em João 9:6,

o leproso em Mateus 8:1-4 e a mulher enferma que tocou as vestes de Jesus em Mateus 9: 20-22 pedem ao procurador Pilatos para dar seus testemunhos de que eles foram curados por Jesus, não faz sentido os evangelistas do Novo Testamento terem omitido este fato. Se somente o testemunho da mulher enferma fosse omitido seria compreensível, uma vez que, os judeus não aceitavam uma mulher como testemunha.

Sobre José de Arimatéia os escritores do Novo Testamento são muito vagos, pouco se sabe sobre a vida dele no contexto canônico. Fortunadamente, o Evangelho de Nicodemos e um suposto texto escrito pelo próprio José de Arimatéia o apresentam como uma figura de alta relevância na vida de Jesus. Ademais, tanto os textos canônicos como os apócrifos sobre José de Arimatéia descrevem o mesmo episódio em que ele é o responsável pelo sepultamento do Jesus crucificado, mas o que os evangelistas da Bíblia não dizem, e que por esse motivo ele foi preso pelos judeus sob as ordens de Anás e Caifás para que fosse morto no primeiro dia da semana, visto que sua prisão ocorreu no sábado dia sagrado para os judeus, se morto fosse não poderiam enterrá-lo.

Contudo, na noite da ressurreição de Jesus, ele foi ter com José e o libertou, o texto vai mais além diz que Jesus entrou na prisão, segurou José pelas mãos e o beijou. Depois disso, Jesus perguntou-lhe se ele o reconhecia. José de Arimatéia disse que não, então Jesus lhe disse:- Eu sou Jesus aquele que tu enterrastes na sexta- feira. Chocado José não acreditou e acrescentou que se ele não visse o túmulo no qual ele havia colocado, não acreditaria. Nesse ínterim, Jesus o leva ao sepulcro e Jose vê o túmulo aberto e os lençóis no qual ele havia posto sobre Jesus. Então José creu e Jesus o levou para a cidade de Arimatéia e mais tarde Nicodemos e José dão testemunho da ressurreição perante Anás e Caifás.

Em suma: o Evangelho de Nicodemos retrata principalmente o julgamento de Jesus a 2ooo mil anos atrás que, a meu ver, não foi diferente dos julgamentos atuais. Foi um julgamento cheio de contradições, onde se percebe que as autoridades da época, não se

preocuparam nenhum pouco com a verdade, tomando decisões erradas. Logo após a ressurreição àqueles que viram Jesus ressuscitado foram subornados por Caifás e Anás para não dizerem nada sobre o que eles haviam presenciado. O próprio procurador Pilatos quando soube pelos guardas que Jesus havia ressuscitado, os orientou para não dizer nada a ninguém sobre o ocorrido.

Do ponto de vista histórico, esse documento e profundamente esclarecedor por detalhar os aspectos do interrogatório, morte e ressurreição, bem como a figura destes três personagens que são centrais no desenrolar da crucificação do rei dos judeus. É bom lembrar que esse texto apócrifo cita o nome dos malfeitores que vieram de Jericó para ser crucificado o lado de Cristo; Dimas e Gestas eram ladrões e assassinos que apavoravam os judeus naquele tempo. Boa parte dos historiadores modernos versados nesse assunto esta convicta de que, o Evangelho de Nicodemos se originou a partir dos evangelhos sinópticos, pelo menos a primeira parte conhecida como Atos de Pilatos que foi mencionado pelo teólogo Tertuliano ao se referir a um suposto relatório escrito por Pilatos ao imperador Cláudio sobre a sentença injusta que ele proferiu sobre uma pessoa divina.

O brilhante tradutor Tischerdorf[55] dividiu o Evangelho de Nicodemos em duas partes distintas, a primeira descreve a paixão de Cristo e a segunda parte menciona um episódio posterior à ressurreição conhecido como Descida de Jesus ao inferno. Segundo alguns teólogos a primeira parte teria sido compilada entre 150 a 200 da Era Comum, até porque o texto representa uma versão oficial, que provavelmente foi elaborada pelos escribas do Palácio em Jerusalém. No tocante a segunda composição que descreve a descida de Jesus ao inferno há vozes gabaritadas que sugerem a primeira metade do quarto século, isso porque eles discordam de certos eruditos que afirmam que o texto original foi escrito em hebraico por Nicodemos.

[55] Constantino von Tischerdorf

Convém dizer que, o titulo de Evangelho de Nicodemos tem suas raízes na idade média quando ambos os textos começaram a circular em vários idiomas. Até então, as duas composições circulavam independentemente.

1. Após a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, Bartolomeu foi ter com o Senhor e o questionou, dizendo: Senhor, revele a mim os mistérios dos céus.
2. Jesus respondeu e disse-lhe: Até que eu abandone este corpo, não poderei dizê-las a ti.

Estas são as palavras inícias do autor do Evangelho segundo Bartolomeu escrito por volta do ano 200 A.D. O manuscrito original em grego não existe mais, porém, como a maioria dos livros tanto canônicos como apócrifos, muitas cópias foram sendo produzidas durante séculos, fortunadamente, algumas podem ser objeto de estudos pelos grandes papirólogos e historiadores nos mais conceituados museus mundo afora. As cópias disponíveis atualmente com maior reputação entre os estudiosos são do IV século para o texto grego e VI ou VII para a cópia latina.

O texto do Evangelho segundo Bartolomeu, cujo verdadeiro autor é desconhecido, representa mais uma das inúmeras tentativas de respaldar o papel proeminente que outros discípulos de Jesus tiveram, tanto no convívio com Jesus Cristo, como pregando o evangelho do Reino em outros lugares, fora da Palestina. Como se sabe, Bartolomeu era um dos doze discípulos escolhidos por Jesus Cristo mencionado pelos autores dos evangelhos sinópticos, e também mencionado em Atos dos Apóstolos.

Teria nascido em Caná, na Galiléia, próximo a Nazaré, foi apresentado a Jesus por Filipe a despeito de todo o seu ceticismo no Cristo. O discípulo Bartolomeu, segundo se observa em alguns documentos antigos teria pregado o evangelho na Índia, Irã, Síria e na Grécia ao lado do companheiro Filipe e teria morrido em Albanopoles, Armênia.

Ele foi decapitado por ordem de Astiages, irmão do rei Polímio por volta do ano 51 da Era Comum. Embora o texto não tenha sido escrito pelo próprio Bartolomeu, alguns teólogos acreditam que ele foi à fonte que o autor usou para compilar o manuscrito pouco tempo depois da morte de Jesus ainda na segunda metade do I século.

O tema central do evangelho construído sobre o personagem Bartolomeu parece ser os mistérios que envolvem Jesus no momento da crucificação, haja vista que, Bartolomeu confessa ao próprio Cristo que viu os anjos descendo do céu para adorá-lo e que o viu desaparecer da cruz, enquanto ele o observava de longe. No contexto do evangelho esse episódio se refere à Descida de Jesus ao Inferno também mencionada no Evangelho de Nicodemos.

É de salientar que o autor descreve a descida de Jesus ao inferno atendendo ás suplicas do arcanjo Gabriel para retirar Adão e todos aqueles que estavam com ele naquele lugar. Do ponto de vista teológico tal afirmação chega ser um disparate, porque em nenhum momento os evangelistas dos textos canônicos fazem alguma alusão a algo desta natureza. O ingesante esforço do autor do Evangelho de Bartolomeu parece ter sido descomunal para eternizar a imagem do seu personagem. Apesar do texto apresentar aspectos surreais, boa parte da temática desenvolvida pelo autor, é análoga aos demais evangelhos e outros escritos da época.

No entanto, o curioso é que o autor deste evangelho confunde Maria Madalena como a mãe de Jesus, talvez pelo fato de que a vocábulo *MAGDALA* em aramaico quer dizer cabeleireira, e por sua vez, Maria mãe de Jesus teria sido uma cabeleireira, como demonstram alguns documentos históricos. Mas, em se tratando dos documentos históricos como única fonte legítima para tal observação, fica mais difícil ainda ter uma resposta definitiva, pois à medida que se averiguam esses documentos, eles parecem apontar para muitas direções.

Haja vista que, os primeiros cristãos desconheciam totalmente o significado do termo, e por essa razão talvez, o vocábulo tenha se firmado como um topônimo, como se vê no quarteto evangelista do Novo Testamento, tanto que os tradutores da Bíblia canônica consagraram o vocábulo como o nome da cidade onde ela nascera. Existe outra versão sobre a personagem Maria Madalena igualmente intrigante defendida por alguns autores liberais, de que ela seria irmã de Lazaro e Marta, sendo uma rica fidalga dona do castelo de Magdala.

No entanto, o evangelista João no capítulo 11 diz que Maria, Marta e Lázaro são do povoado de Betânia. Logo, Maria Madalena ou de Magdala não poderia ser a mesma Maria irmã de Lázaro, se ela fosse de uma vila chamada Magdala. Por outro lado, parecer haver fortes indícios que apontam Maria, a irmã de Lázaro, como a provável prostituta da qual a Igreja fala. Em nenhum momento os evangelistas canônicos dizem que Maria Madalena era de fato uma Prostituta. Mas, o sinopista Lucas menciona no capítulo 7: 36-39 que uma certa mulher pecadora ungiu Jesus Cristo com um frasco de alabastro com perfume. O fariseu que havia convidado Jesus para jantar na casa dele ficou chocado porque ela era uma mulher muito conhecida na vila pela sua vida pecaminosa.

Embora, o médico Lucas não tenha dito textualmente que ela era uma "prostituta" o texto parece dizer exatamente isso nas entrelinhas. Os tradutores da Versão King James traduziram Lucas 7:39 da seguinte forma:

v.39. Now when the Pharisee which had bidden him saw it, he spake within himself, sayning, This man, if he were a prophet, would have known who and what manner of woman this is that touchet him: for she is a sinner.

A tradução me levar a crer que, pela descrição que o autor faz desta mulher, ela era realmente uma prostituta. Só que nem o historiador Lucas nem os tradutores da KJV dizem isso. Por essa razão, tive o zelo de averiguar várias outras traduções que

apresentam leituras diferentes, todavia os tradutores da versão bilíngüe árabe-francesa me pareceram mais coerentes com a idéia que o fariseu tinha daquela mulher. Compare:

v.39. Quand le Pharisien qui avait invite Jésus vit cela, il se dit en lui-même: Si cet homme vraiment un propheté, il saurait qui est cette femme que lui le touche et ce qu'elle est: une femme de mauvraise réputation.

Além do mais, os eruditos da tradução bilíngüe dizem no final do versículo 39 que ela era – une femme de mauvraise réputation – isto é, uma mulher de má reputação. Já os eruditos do Mr. Lancelot dizem que - *she* is a *sinner*, i.e., ela é uma pecadora.

A idéia de uma mulher com uma má reputação no século I só faria certo sentido se ela fosse efetivamente uma adultera ou prostituta, ao passo que, não me pareceu adequado o termo "pecadora" porque de certa forma essa palavra não tinha à época a conotação que tem hoje. É óbvio que o pecado dela era a fornicação. Então, é provável que, a pecadora de Lucas - é Maria a irmã de Lázaro descrita pelo historiador São João evangelista. Nos dois primeiros evangelhos canônicos seus autores narram esse mesmo episódio dizendo que Jesus foi ungido em Betânia por uma mulher ou uma certa mulher na casa de Simão, o leproso. Não é curioso que somente João que não é um dos sinopistas saiba o nome desta mulher que os demais tiveram um certo "pudor" ao descreverem esse fato sobre ela.

Por outro lado, se os estudiosos que defendem a tese de que nenhum dos primeiros três evangelistas viveram no tempo de Jesus estiverem com a razão, é compreensível que eles não soubessem o nome da mulher, uma vez que, eles relatam uma história que teria ocorrido no mínimo uma geração antes que seus evangelhos fossem compilados. Poucos estudiosos negam que o evangelho histórico de João não foi escrito por ele. Nesse

caso, o autor é o primo de Jesus – João, filho de Zacarias e Isabel o qual vivenciou o dia -a- dia da pregação do Messias.

Posto assim, é provável que ele tenha presenciado a cena de uma “pecadora” ungindo Jesus com o jarro de alabastro de perfume que Marcos se refere no capítulo 7: 37, porém João diz textualmente que essa “certa mulher” se chamava Maria. Após aquilatar os relatos que os evangelistas canônicos fizeram sobre a pecadora do jarro de alabastro e Maria Madalena descrita no Evangelho de Filipe a conclusão não poderia ser mais óbvia. A poderosa influência espiritual que Maria Madalena passou a exercer após a morte do Mestre como sua discípula maior que chegou a se enraizar até o século III foi aniquilada totalmente pela Igreja na sua ardilosa campanha difamatória contra ela.

Os vínculos que Jesus tinha com Lázaro e suas irmãs, mostra claramente que Jesus nutria um sentimento especial pela família de Lázaro, talvez porque sua ligação com Maria fosse muito mais próxima do que se imagina. Devo concluir que como Jesus pregava o amor e a tolerância, não é de se estranhar que ele tenha se apaixonado por uma prostituta. O escritor sueco Pär Lagerkvist prêmio Nobel de literatura em seu famoso romance Barrabás[56] diz que uma das prostitutas que conhecia Jesus disse que Jesus lhe havia dito que até mesmo as prostitutas iriam para o céu. A Igreja não inventou uma prostituta, de fato, ela já estava lá no Novo Testamento só que não era Maria Madalena.

Naturalmente que no decorrer dos séculos houve um “ajuste” para que Maria madalena fosse rotulada como prostituta e, por conseguinte fosse esquecida. Desnecessário dizer que, os eclesiástas do I século sabiam do perigo que essa duas Maria representavam para o futuro do Cristianismo que vinha sendo construído segundo os ditames do apóstolo durão Pedro. Assim, 300 anos mais tarde a Igreja resolveu o problema, ou

[56] Publicado em 1951.

como diria os polidos teólogos de Cambridge “ *killed two birds with one*”. Isto é, Maria de Betânia se tornou uma personagem coadjuvante quase que sem importância no texto canônico e Maria madalena a escolhida por cristo para dar continuidade no seu ministério foi rotulada como a prostituta Maria que certamente era bastante conhecida à época de Jesus.

Os Nazarenos descendentes da Casa de Davi formavam um pequeno grupo religioso do qual a família de Jesus fazia parte, que habitavam a vila de Nazaré. Bom esclarecer que Jesus era chamado de nazareno, não pelo fato de ser de Nazaré, mas por ser um membro deste grupo, que foi paulatinamente aniquilado após a invasão dos romanos na Palestina, com a colaboração do rei Herodes, que aos poucos foi removendo a liderança governamental e espiritual de Israel. Depois da suposta morte de Jesus, Tiago seu irmão assumiu a liderança dos discípulos e se tornou bispo da igreja de Jerusalém e cabeça dos Nazarenos.

Então, eles teriam compilado seu próprio texto segundo sua doutrina, talvez o primeiro documento evangélico da história da igreja - o Evangelho dos Nazarenos. Esse manuscrito dos Nazarenos teria sido escrito em aramaico pelo apóstolo Mateus a partir de fragmentos compilados por outros discípulos de Jesus, logo após a morte do Mestre circa de 35-40 d.C. Nesse caso, como defendem alguns teólogos este documento produzido por Mateus originalmente em aramaico seria, efetivamente o texto original do evangelho canônico deste autor, que segundo os papirólogos foi escrito por volta do ano 80 d.C. Isso porque o primeiro evangelho do Novo Testamento teria sido compilado em grego por Mateus sintetizando o texto em aramaico. Mas há aqueles que são totalmente avessos a essa visão.

Vê-se que, como sempre, as opiniões são bastante divergentes com relação à origem do texto, sem falar no próprio autor que muitos teólogos gabaritados negam veementemente que o coletor de impostos Mateus jamais escreveu tal evangelho.
É de destacar que o Evangelho dos Nazarenos, se realmente existiu algum dia, se perdeu no tempo, e por isso existem tantas

especulações sobre o assunto. Além do mais, o histórico de vários teólogos e tradutores, apesar de toda erudição sobre o tema, não quer dizer que esse ou aquele manuscrito foi mesmo compilado por um determinado autor, tendo em vista que os manuscritos antigos nunca foram assinados por nenhum deles. Não é de hoje que muitas observações feitas por renomados estudiosos modernos são ridicularizadas a cada nova obra que vem à luz. O próprio São Jerônimo, uma das maiores autoridades sobre a igreja que viveu no século IV parece ter confundido o evangelho herético dos Hebreus com o Evangelho dos Nazarenos, ou pelo menos ele não estava muito certo quando escreveu seus comentários sobre os mesmos.

Apesar disso, não se pode ignorar principalmente àqueles autores dos primeiros séculos do Cristianismo, o único inconveniente é que, assim como os modernos, eles tinham suas próprias ideologias e muitos deles influenciados pelas mais diversas correntes do pensamento da época. Percebe-se isso nos comentários de Orígenes, Eusébio e São Jerônimo sobre o Evangelho dos Nazarenos, mas é graças a eles que se pode conhecer um pouco sobre este evangelho perdido, do qual só existe nas citações destes autores da igreja primitiva.

Nos comentários do tradutor da Vulgata Latina sobre o Evangelho de Mateus ele menciona que encontrou no Evangelho dos Nazarenos o termo hebraico *"maçar"* que significa "do amanhã" de modo que o sentido do termo utilizado pelos nazarenos seria "o pão nosso do amanhã, i.e, do futuro dá-nos hoje". Essa observação pode ser comparada com o texto canônico de Mateus 6:11 e.g:

"Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia". Essa pequena mudança no texto canônico pode parecer irrelevante, todavia mostra claramente que os manuscritos da Bíblia sempre foram alvo daqueles que defendiam suas próprias concepções ideológicas como foi frisado em capítulos anteriores. Noutra parte dos seus comentários São Jerônimo menciona uma passagem neste

evangelho que apresenta paralelos com o evangelho canônico de Mateus, onde se lê no capítulo 6 versículo 5 - "Como pode dizer ao seu irmão: 'Deixa-me tirar o cisco do teu olho' quando há uma viga no seu - Nesse caso ele acrescenta que estava escrito no Evangelho dos Nazarenos que Jesus disse: Se vos estando em meu peito, não fizerem a vontade do meu pai que esta no céu, eu os arrancarei fora".

Ademais, há outros paralelos, os quais podem ser conferidos detalhadamente na tradução de Philip Vielhauer e George Ogg na obra - New Testament Apocrypha[57], posto que não há absolutamente nada do gênero publicado no Brasil.

.

[57] Novo Testamento Apócrifo

Um monge de Mioma, Gaza ensinava que segundo o Evangelho dos Hebreus quando Cristo quis vir ao mundo dos homens, Deus o bom pai chamou a Força Poderosa que habitava com Ele no céu, a qual se chamava Miguel, e entregou-lhe Cristo aos seus cuidados. Então o poder desceu sobre a Terra e foi chamado a partir de sua descida de Maria, e Cristo estava em seu ventre e habitou nele sete meses. Depois disso, Maria deu à luz ao menino Jesus que foi crescendo em estatura e escolheu seus discípulos. Mas tarde Ele foi crucificado e Deus o levou novamente ao céu. A meu entender, depois de ter quase exaurido o neocórtex cerebral traduzindo esta passagem, cheguei a conclusão de que, de todas as citações dos autores cristão dos primeiros 4 séculos da E. C essa e a mais folclórica do que sobrou do suposto Evangelho dos Hebreus.

O texto original desse evangelho foi escrito em aramaico com letras hebraicas por volta do 80 d.C no Egito, mas lamentavelmente o manuscrito original se perdeu no tempo. Todavia, existem muitas citações como a do Bispo de Jerusalém Cirilo cerca de 350 d.C., que prova que este suposto documento intitulado Evangelho dos Hebreus realmente existiu. Há outras citações, as quais fazem referencia ao mesmo texto que teria sido usado por um grupo denominado - Nazarenos. Alguns autores cristãos deste período afirmam que esse evangelho era, na verdade, o original do Evangelho de São Mateus.

Apesar disso, as maiores autoridades mundiais sobre os livros apócrifos afirmam que este evangelho e totalmente independente dos evangelhos do Novo Testamento. Ron Cameron conceituado autor sobre o assunto tem a mesma opinião, porém não pode assegurar com certeza, se o que se perdeu também apresenta essa

mesma independência, já que não existe nem original nem cópias do texto.

É de salientar que, o tradutor Jerônimo afirma ter descoberto uma cópia do texto em aramaico na biblioteca de Cesárea, na Palestina da qual ele teria feito uma versão para o grego e mais tarde a traduziu para o latim. Infelizmente nenhuma destas cópias, se realmente existiram escaparam à dura perseguição do clero até os dias de William Tyndale e Martinho Lutero. Ademais, existem outras citações como a de Orígenes em seu comentário sobre o evangelista Mateus. Ele menciona que em um certo evangelho conhecido como Evangelho segundo os Hebreus um homem rico havia perguntado a Jesus o que ele deveria fazer para viver para sempre. Assim Jesus teria dito que ele deveria observas as leis dos profetas, como ele disse que ele já a observava, então Jesus pediu que ele vendesse seus bens e distribuísse aos pobres sua riqueza, pois estava escrito na lei: "Amarás o teu vizinho como a ti mesmo, pois muitos dos teus irmãos, filhos de Abraão, estão morrendo de fome e tua casa esta farta e ainda assim tu não lhes dá nada. Em seguida Jesus teria dito ao seu discípulo Simão filho de Joana que estava sentado ao lado dele que era mais fácil um camelo[58] passar no buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu".

Essa cena se repente nos evangelhos sinópticos de Marcos 10:17-24 e Lucas 18:18-30, mas com pequenas nuances descritivas. Independentemente de que tenha sido a fonte deste relato, fica claro que a ideia foi acatada por estes autores, a fim de que, a distribuição das riquezas fosse mais justa. O personagem canônico João Batista também é mencionado no Evangelho segundo os Hebreus, no momento em que a mãe de Jesus e seus irmãos desejam ir ao encontro dele para que Jesus seja batizado.

È bom notar que nesse evangelho Jesus apresenta certa resistência em relação ao batismo para a remissão dos pegados. Jesus teria dito a sua mãe Maria que ele não tinha cometido pegado algum

---

[58] Corda usada para amarras os navios no tempo de Jesus.

para ser batizado, a menos que ele tivesse pecado por ignorância, que segundo a tradição judaica era um dos pecados gravíssimos. Mas apesar disso, Jesus Cristo foi batizado por João o Batista e o poder desceu sobre ele segundo a vontade de Deus.

Outro paralelo entre o evangelho de Mateus e o Evangelho dos Hebreus é a parábola dos talentos, como se vê, em Mateus 25:14, mas que é narrada de forma distinta. No contexto os servos ao receberem os Talentos agem de maneira oposta, o primeiro deles gasta o que recebeu com bebidas e mulheres, sendo encarcerado pelo gesto lamentável, o que difere de Mateus onde o primeiro recebe cinco talentos e entrega o dobro ao homem rico. O segundo por sua vez esconde o dinheiro que lhe foi confiado, sendo somente admoestado pela atitude comodista ao devolver a mesma soma. Segundo Mateus o servo que enterrou o dinheiro foi lançado nas trevas e seu talento foi dado àquele dos dez talentos. Com efeito, o autor do Evangelho dos Hebreus também menciona um servo que multiplicou a somo que recebeu, assim como Mateus.

O episódio da aparição de Jesus após a ressurreição também aparece nas citações que fazem alusão a este evangelho, por conseguinte, aqui o personagem é outro, Tiago o suposto irmão de Jesus. Os livros dos evangelhos canônicos mencionam Maria Madalena como a primeira pessoa a ver o Cristo ressuscitado, como se lê, em Marcos 16:9. Deve-se notar que a parição de Jesus a Tiago ocorreu segundo o autor, porque Tiago havia dito que não comeria, tampouco beberia até que Jesus Cristo ressuscitasse dos mortos. Logo que Jesus ressuscitou, Ele foi ter com Tiago, à mesa dividiu o pão e tomou vinho com ele. À vista disso, Jesus teria lhe dito: Meu irmão, coma teu pão, pois o filho do homem ressuscitou dentre aqueles que estavam dormindo.

Alguns historiadores modernos presumem que o destaque dado a Tiago nesse caso pelo autor do evangelho se deve ao fato de que ele foi o fundador da igreja em Jerusalém. Convém lembrar que, ele é autor de um dos livros do Novo Testamento - A Epístola de Tiago.

Εγενετο τις ανηρ ονοματι Ιησους, και αυτος ως ετων τριακοντα, ος εξελεξατο ημας. και ελθων εις Καφαρναουμ εισηλθεν εις την οικιαν Σιμωνος του επικληθεντος Πετρου, και ανοιξας το στομα αυτου ειπε· Παρερχομενος παρα την λιμνην Τιβεριαδος εξελεξαμην Ιωαννην και Ιακωβον υιους Ζεβεδαιου, και Σιμωνα, και Ανδρεαν, και Θαδδαιον, και Σιμωνα τον Ζηλωτην, και Ιουδαν τον Ισκαριωτην, και σε τον Ματθαιον καθεζομενον επι του τελωνιου εκαλεσα, και ηκολουθησας μοι. υμας ουν βουλομαι ειναι δεκαδυο αποστολους, εις μαρτυριον του Ισραηλ.

Traduzir nem sempre é uma tarefa fácil porque, às vezes, o significado de uma palavra em outra língua pode variar enormemente, e por essa razão, muitos tradutores são totalmente contrários a traduções *ipis litteris*. Com isso me incluo neste grupo que defende o processo de tradução não-literal, de maneira que, as particularidades de cada língua impossibilitam uma tradução fiel palavra por palavra. Ademais em mais um ingesante esforço do neocórtex cerebral traduzi respeitando o vernáculo o trecho grego acima da obra *Panarion* de Epifânio de Salamise como base à explicação do Evangelho dos Ebionitas que farei neste capítulo. Logo que verti as primeiras palavras do grego koiné do texto Panarion, constatei que se tratava do mesmo episódio dos sinópticos consoante à escolha dos doze apóstolos de Jesus Cristo.

Lê-se igual relato em Marcos 3:13-19 e Lucas 6:12-16, onde os nomes dos apóstolos também são mencionados. Por esse motivo, alguns estudiosos modernos mencionam que o Evangelho dos Ebionitas, cujo titulo original também é desconhecido, seria o evangelho dos doze apóstolos, como alguns fragmentos em citações do bispo Epifânio, parece indicar a meu julgamento. Nesse ponto, a escolha dos doze apóstolos segundo o autor do

Evangelho dos Ebionitas teria ocorrido conforme a tradução abaixo.

Apareceu um homem chamado Jesus com circa de 30 anos, que nos escolheu. E, quando Ele veio a Cafarnaum, foi à casa de Simão, chamado Pedro e estando lá abriu sua boca e disse: Quando eu passei o Lago Tiberias escolhi João e Tiago filho de Zebedeu, também Simão, André, Tadeu, Simão o zelote e Judas Iscariotes e tu Mateus o escolhi quando estavas em sua mesa como coletor de impostos e tu me seguistes. Vós, portanto, desejo que sejais meus doze apóstolos para dar testemunho em Israel.

O texto grego acima faz parte do livro sobre heresias escrito pelo bispo São Epifânio intitulado Panarion compilado por volta de 375 d.C., nele o bispo de Salamise menciona mais esta fonte extraconônica sobre a vida de Jesus. Trata-se do Evangelho dos Ebionitas, uma seita judaico-cristã que floresceu nos primeiros séculos do Cristianismo. Na verdade, esse evangelho seria uma forma reduzida do evangelho original escrito em letras hebraicas por São Mateus, tanto que alguns pais da igreja confundiram este texto com o Evangelho dos Hebreus pela sua semelhança de doutrina, porém com aspectos mui distintos um do outro. Não fossem as citações do bispo Epifânio o evangelho teria desaparecido para sempre, uma vez que, não existe mais manuscrito original ou cópias.

Conceituados autores divergem quanto a provável dada de compilação do original, sendo que a data mais provável seria o final do primeiro século, porque os Ebionitas pré-datam os evangelhos sinópticos. O bispo palestino Epifânio de Salamise contemporâneo de São Jerônimo rotulou os Ebionitas como um grupo herético que usava o Evangelho de Mateus mutilado forjando suas doutrinas. Os Ebionitas negavam o nascimento virginal de Jesus, afirmando que Jesus era filho carnal de José e Maria, no entanto ao ser batizado o homem Jesus foi escolhido como filho de Deus. Na narrativa dos Ebionitas Jesus foi batizado por João Batista no Rio Jordão e o Espírito Santo desceu sobre Ele como uma pomba. Neste ponto o evangelho é semelhante à

descrição feita pelo evangelista do Novo Testamento Mateus. É importante frisar que, no entanto João batista e descrito como vegetariano. Boa parte do conteúdo dos sinopistas figura nos relatos dos Ebionitas, pode-se lê nas citações feitas por Epifânio também o mesmo episódio mencionado em Marcos 3:31-35, Lucas 8:19-21 e no próprio Evangelho de Mateus 12:46-50 sobre a família de Jesus.

Em suma, para evitar mais devaneios precoces de minha parte, com relação ao evangelho perdido dos Ebionitas, devo lembrar aos interessados no tema que na obra publicada em 1924 por Montague R. James acha-se uma tradução elucidativa de envergadura inigualável dos fragmentos publicados pelo bispo palestino Epifânio de Salamis no livro Panarion. Lamentavelmente até onde sei, não existe nenhuma tradução em língua Portuguesa do Evangelho dos Ebionitas.

O teólogo Clemente de Alexandria (150-215) cita em sua obra passagens deste evangelho que teria sido escrito na primeira metade do primeiro século no Egito, o texto original provavelmente em grego teria desaparecido pouco tempo depois. Todavia, graças ao instinto investigativo deste grande teólogo se pode conhecer parte do conteúdo do texto, mas infelizmente pouco pode ser dito sobre a mensagem central deste evangelho perdido. Contudo, a partir das citações feitas por Clemente, Epifânio e Hipólito sobre o texto considerado herético que foi usado pelas igrejas egípcias até o final do século IV d.C. algumas observações podem ser feitas. Neste evangelho Salomé surge como discípula de Jesus Cristo e personagem central na construção do texto. Essa mesma personagem surge no Evangelho da Infância de Jesus segundo Tomé como a parteira que teve a mão carbonizada ao tocar a virgindade de Maria após dar à luz ao menino Jesus.

Ela havia dito que se ela não pusesse o seu dedo na genitália para averiguar, de modo algum acreditaria. O evangelista Marcos do Novo testamento canônico menciona Salomé como uma das mulheres que compraram aromas para embalsamar o corpo de Jesus, mas que ao lado de Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago encontraram o túmulo aberto, Jesus já havia ressuscitado. Por outro lado, os demais evangelistas canônicos não citam o nome dela ao relatarem o mesmo episódio, à vista disso, fica muito difícil imagina-la como uma discípula de Jesus. Analogamente, a meu juízo, quando se faz um paralelo entre os evangelhos canônicos e os apócrifos, se percebe uma visão mui simplista dos autores canônicos, seus relatos são muito contidos e menos detalhados do que os apócrifos, por isso são tão harmônicos. Mas ainda assim são falhos. Ao se traduzir o pensamento do autor do Evangelho dos Egípcios vê-se nitidamente uma repulsão as

relações sexuais e o aparecimento da doutrina que defende o celibato fruto das correntes gnósticas da época.

A temática da sexualidade desenvolvida no texto implica no surgimento de um sexo único como fim às aflições humanas. Haja vista que Salomé pergunta a Jesus até quando os homens morrerão e a dura resposta de Jesus foi até quando as mulheres derem à luz. Convém lembra que esse conceito se desenvolve em sua plenitude no dialogo entre Jesus e sua discípula Salomé. Em suma, Tito Flavio Clemente parece ser a fonte principal para se resgatar esse evangelho perdido pelo menos em parte, ademais sua genialidade incontestável pela criação da escola teológica de Alexandria e por ele ter sido um defensor dos valores cristãos, o que ele mencionou são provas irrefutáveis para a confirmação de que o texto do Evangelho dos Egípcios realmente existiu, ainda que nem ser quer um único fragmento do documento original foi descoberto nos últimos 1900 anos. É bom lembrar que além desse evangelho egípcio grego existe outro evangelho egípcio em copta, fruto do movimento cristão copta do segundo século, o qual apresenta um conteúdo totalmente distinto do primeiro. Por esse motivo, acho importante aqui aclar o conceito do significado da palavra “evangelho”.

Na verdade, nunca existiram dois ou mais evangelhos, até por que desde tempos imemoriais o termo grego “Euanguelion” se refere a uma única mensagem principal o- Evangelho do Reino- portanto houve uma ampliação do conceito, posto que os quatro evangelhos canônicos na verdade apresentam a mesma visão, como se pode ver pelos sinópticos. Deve-se a Papias, bispo de Hierópoles, Frigia por volta 150 d.C a aplicação do termo evangelistas. O plural grego- Euanguelia- passou a ser aplicado desde então. Todos estes evangelhos tanto canônicos como apócrifos são, naturalmente ampliações da tradição oral que existia bem antes que um único papiro fosse compilado. Se esse ou aquele escrito representa uma corrente ideológica, ainda assim nenhum nega há existência humana de Cristo. É bom lembrar que o conceito da divindade de Jesus foi introduzido pelo apostolo

Paulo e que só foi definitivamente aceito pelos cristãos primitivos sob imposição do Imperador Constantino no século IV d.C.

Numa noite quente destas do inverno amazônico comecei a trabalhar na tradução do Evangelho de Barnabé a partir do texto traduzido para a língua inglesa em 1907 por Lonsdale e Laura Ragg, naturalmente que a tradução feita às pressas resultou num grande alfarrábio, mas que viabilizou a produção e a elaboração desta pequena analise sobre o conteúdo do texto. Devo confessar que este evangelho escrito pelo suposto Barnabé histórico é realmente impressionante pelo fato de ser um trabalho bastante confuso, creditado a um autor que teria provavelmente convivido com Jesus nos últimos anos de sua pregação. Por conta disso, o manuscrito abre margens as mais diversas fontes especulativas do mundo erudito, posto que as divergências sobre o tema são incomensuráveis e apontam para muitas direções; por assim dizer, não há uma posição definida se o manuscrito de São Barnabé realmente existiu.

Com relação ao texto em italiano existente, parecer haver uma certa unanimidade de que o texto foi produzido no período medieval por um autor contrário as doutrinas do apóstolo Paulo. Isso decorre do fato de que o autor ignora textualmente a relação cordial existente entre o apóstolo Barnabé e o apóstolo Paulo, como se verifica, no texto canônico dos Atos dos Apóstolos. O histórico Barnabé, na verdade, se chamava José, um levita de Chipre que vendeu um campo que possuía e entregou o dinheiro aos apóstolos e por esse motivo, os apóstolos deram-lhe o nome de Barnabé, que quer dizer, Filho da Consolação, como traduziu os tradutores da Bíblia King James Version[59], a qual sempre uso como referência no escopo deste trabalho. Parece pouco provável que São Barnabé tenha escrito esse evangelho, de modo que, o que se sabe sobre ele e Paulo no texto canônico contraria completamente as ideias desse manuscrito.

[59] Versão Rei Jaime/Tiago.

No livro Atos dos Apóstolos da Bíblia canônica Barnabé aparece como defensor de Paulo perante os demais apóstolos, como se lê, no capítulo 9 versículo 27. Ora, Paulo foi um terrível algoz dos primeiros seguidores de Cristo antes da sua conversão. Sabe-se que ele foi a Damasco, onde foi convertido e batizado para prender e levar a Jerusalém todos aqueles que ele encontrasse, homens e mulheres pelo caminho seguindo Jesus Cristo. Sem embarco, na viagem a Damasco Jesus teria conversado com ele no caminho sobre o motivo da sua perseguição aos discípulos e seus seguidores. Depois desse incidente, Paulo começou a pregar sobre o Filho de Deus nas sinagogas em Jerusalém, más os discípulos, a princípio não acreditaram em sua conversão, somente com a interseção de São Barnabé e que ele foi aceito. No mesmo livro no capitulo 11 e versículo 26 São barnabé vai a Tarso procurar Paulo, criando uma díade para pregarem o evangelho em Antioquia, para onde ele havia sido enviado após a morte de Estevão.

Apesar da miopia secular de muitos estudiosos sobre o assunto, se o texto escrito por Lucas- Atos dos Apóstolos- se for de fato verdadeiro, então fica evidente que o Evangelho de Barnabé, se de fato existiu como dito acima, não foi escrito pelo Barnabé histórico, as evidências internas no livro Atos dos Apóstolos falam por si só. Ao se aquilatar as evidências do fragmento italiano medieval do Evangelho de Barnabé, pode-se notar nitidamente que o manuscrito foi compilado por um escriba árabe com o intuito de difundir a visão islâmica sobre Jesus. Isso mostra claramente porque o mundo islâmico ou boa parte dele acredita que o Evangelho de Barnabé é mesmo autêntico, no entanto, apesar do texto salvaguardar a importância de Maomé sobre Jesus, o autor cometeu um erro grasso, afirmando que Maomé é o Messias, coisa que o Alcorão não diz.

Outrossim, existem diversas outras contradições textuais que provam o total desconhecimento do autor da realidade dos cristãos do tempo de Jesus, bem como da geografia local. O suposto Barnabé menciona Jesus como “A voz do que clama no deserto” e não João Batista como relata o evangelista canônico

João. A meu ver, a descrição mais curiosa do texto se refere á prisão e crucificação de Judas no lugar de Jesus, pareceu-me um esforço patológico do autor para descredibilizar a versão canônica da paixão de Cristo. Por outra parte, de fato, é uma idéia bastante curiosa que merecer uma certa dose de reflexão. É muito difícil imaginar que Deus tenha sido tão incessível aos apelos de Jesus que parecia a cada minuto querer fugir da sua triste sina. Basta lembrar que do alto de sua angústia pregado no madeiro Jesus gritou pedindo socorro.

O historiador Mateus relata isso no capítulo 27:46. Jesus disse: *Eli, Eli, lama sabachtani.*[60] Doe me os ossos acreditar que Deus tenha ignorado o desespero de Jesus e levado seu projeto maluco de salvar a humanidade até as últimas consequências.
A fim de que o dileto leitor possa tirar suas próprias conclusões acrescento abaixo esta parte da narrativa como se lê na copia no Museu de Viena, Áustria.

1. No momento em que os judeus se preparavam para ir prender Jesus no Jardim das Oliveiras, ele foi arrebatado ao terceiro Céu.
2. Porque ele não morrerá até o fim do mundo e crucificaram Judas no lugar dele.
3. Deus permitiu que o discípulo traidor se parecesse aos judeus até o ponto de que seu rosto parecesse ao de Jesus, e por isso os judeus o prenderam e o entregaram a Pilatos.
4. Aquela semelhança era tão grande que até mesmo a virgem Maria e os apóstolos foram enganados por ela.
5. E, no dia que se publicou o decreto do Grande Sacerdote, a virgem Maria voltou a Jerusalém com Tiago, João e eu (Barnabé).

O texto deixa claro que Judas foi preso e julgado como se fosse Jesus pelos sacerdotes anciões. Embora Judas tenha negado veemente que ele não era Jesus os judeus não acreditaram nele, afirmando que assim como ele havia enganado o povo com os

[60] Meu Deus, Meu Deus, porque tu me desamparaste.

seus falsos milagres, ele estaria tentado se passar por Judas. O autor acrescenta ainda que Judas estava tão parecido com Jesus, que nem Maria mãe de Jesus e os discípulos perceberam que o traidor estava sendo crucificado no lugar de Jesus.
Esse trecho do Evangelho de Barnabé por si só mostra claramente de como o autor tinha uma mente poderosa e criativa. Penso que nem o lunático cineasta Steven Spielberg, tampouco o polêmico Mel Gibson ou até mesmo o autor Dan Brown seriam tão criativos a ponto de imaginar tal cena.

A malgrado de boa parte dos teólogos do mundo árabe, aceitar o texto medieval do Evangelho de Barnabé como autentico, não há uma convergência no tocante de quem realmente escreveu o texto. Alguns teólogos de dentro do Vaticano creditam o texto espúrio do Evangelho de Barnabé a um escriba árabe desconhecido. O calhamaço resultante da tradução do texto inglês de Lonsdale e Laura Ragg pendurado no meu Office/rancho como se fosse um romance de Cordel me fez compreender porque os teólogos do Vaticano defendem essa tese. O primeiro versículo diz que antes que Jesus fosse preso e crucificado Ele foi levado ao Céu.
A idéia de que Jesus não foi crucificado é uma crença consolidada no mundo islâmico, como descreveu o Dr.M.H. Al Johani no seu livro The Thuth about Jesus.[61] No entanto defende que outra pessoa teria sido crucificado no lugar do Cristo. Ele diz que os interpretes do Alcorão até sugerem alguns nomes, mas que o Livro Sagrado dos muçulmanos não menciona nada desse tipo. O versículo 2 do Evangelho de Barnabé menciona que Judas foi crucificado no lugar de Jesus. Apesar da estranheza que tal idéia pode causa no mundo cristão esse argumento não chega ser um disparate. Penso que se tal idéia tivesse passado por um momento sequer pela cabeça dos teólogos do concilio de Nicéia do século IV teria sido muito mais fácil sustentar a idéia de que Jesus Cristo era efetivamente o Filho de Deus. Nunca consegui engolir o deprimente episódio de Cristo sendo aviltado na cruz por um bando de soltados romanos enfurecidos, e por essa razão, a versão do autor do Evangelho de Barnabé parece ser pelo menos mais

[61] A verdade sobre Jesus

condizente com tudo aquilo que o Alcorão diz do Messias. E, isso me remete ao capítulo 4:157 do Alcorão que eu havia lido algumas semanas antes de traduzir o texto do casal de estudiosos Raggs.

O capítulo mencionado acima do Alcorão diz: “e os judeus se gabam dizendo: Nos matamos Jesus Cristo, o filho de Maria, o mensageiro de Allá, mas eles não o mataram, nem o crucificaram...”.

O fato é que o Alcorão no ocidente é quase um livro desconhecido e, portanto essa ideia de que Jesus não foi realmente crucificado nem passa pela cabeça da maioria dos católicos e protestantes. Como sempre, a história verdadeira quando é contada aparece mesclada com a realidade e ficção e neste caso não tem sido diferente.

CAPÍTULO XXXIV
Do Evangelho de Judas

A história da vida de um dos mais odiados personagens bíblico pode – se dizer que começou a ser traçada muito antes da escolha dele como um dos doze discípulos. Ele havia sido predestinado para trair Jesus de modo que se cumprisse as Escrituras, conforme predito em uma profecia descrito no livro Atos dos Apóstolos escrito por Lucas. A traição de Judas não pode ser vista como um ato fruto da sua vontade. Ele foi escolhido como parte do plano de Deus, afim de que Jesus Cristo pudesse morrer pelos pecados da humanidade. Aparentemente um personagem com um papel pequeno no drama de Cristo, mas que sem ele o Novo Testamento não faria o menor sentido. Judas não era nenhum imbecil pelo que se percebe nos relatos dos evangelistas. Ele era uma espécie de tesoureiro do ministério de Jesus, portanto uma pessoa de caráter acima de qualquer suspeita. Se ele tivesse qualquer desvio de comportamento notadamente ele não teria sido escolhido como tesoureiro de Jesus.

E, mais: os demais discípulos não o aceitariam em tal função. Note que havia entre eles um ex-coletor de impostos chamado Mateus que, via de regra, deveria ser o mais gabaritado para exercer esse cargo. De repente a vida daquele que, até então, tinha sido um bom discípulo como os demais - vira um inferno como narra o evangelista Mateus no capítulo 26: 17-25.

É interessante notar que Jesus parece desconhecer que Judas foi designado para trai-lo. Do contrario, ele não teria dito: “Mas ai daquele que trai o Filho do Homem! Melhor lhe seria não haver nascido”. Judas nascera para isso. Não é paradoxal que Jesus não consiga ver o óbvio que Judas escariotes fazia parte do plano de Deus para a paixão, morte e ressurreição dele. No capítulo 27:1-10 Mateus descreve o episódio do suicídio de Judas, e mais uma vez, nas entrelinhas se percebe que pela profecia de Jeremias a

morte de Judas depois que Jesus fosse condenado era dada como certa. As narrativas da traição e suicídio de Judas sempre foram um gargalo ao meu limite de tolerância as verdades até então estabelecidas.

Por isso, o exaustivo processo de leitura e releituras das passagens que envolvem este personagem no Novo Testamento me levaram a concluir que - Judas foi um mero instrumento nas mãos de Deus para que o destino de Cristo fosse cumprido. Sem isso também não teria sido possível o êxodo de si para o Pai e para os outros até a solidão extrema do abandono na cruz do qual se refere o brilhante teólogo italiano Bruno Forte.[62] Aliás, sem esses acontecimentos o Cristianismo também não faria o menor sentido. Basta lembrar que o Evangelho de Barnabé diz que Judas foi crucificado no lugar de Jesus, isso implica dizer que, não houve ressurreição. Se não houve ressurreição o Cristianismo é só antropologia. Por conta disso, um bom número de conceituados teólogos já ficou de cabelos brancos tentando posicionar este intrigante personagem na história. As ideologias sempre impediram que esses eruditos versados no assunto chegassem a algum lugar. Essa história que se arrasta já há tantos séculos deve dar uma nova imagem para Judas Escariotes no decorrer deste século.

Com efeito, este personagem que tem sido historicamente injustiçado deve agora ser visto com outros olhos a partir da descoberta de um manuscrito intitulado Evangelho de Judas. Na verdade trata-se de um codex escrito em copta encontrado numa tumba no Egito em 1970. Naturalmente que o papiro descoberto não é o original escrito em grego por volta do ano 180 d.C descrito pelo implacável bispo Irineu. Mas uma cópia copilada pelos cristãos coptas egípcios no século IV. Santo Irineu tinha conhecimento de um documento escrito por uma comunidade que acreditava que a verdadeira espiritualidade só poderia ser alcançada pelo que eles denominavam "gnose" tanto que menciona no trabalho "Contra as Heresias" que esta seita gnóstica

[62] L'essenza del cristianesimo

havia escrito histórias fantasiosas num papiro que eles denominavam Evangelho de Judas.

A conceituada autoridade em estudos da cultura copta da Universidade Claremont, o professor aposentado James Robinson garantiu a autenticidade do papiro copta em 1983.
Tudo o que o texto diz sobre Judas, não me causou estranheza nenhuma, até por que era perfeitamente previsível que a comunidade cananita gnóstica retratasse Judas de uma forma bastante diferente daquela que se vê nos evangelhos canônicos. Contudo, boa parte do texto traz a mesma tônica relatada no Novo Testamento como a descrição da prisão de Cristo, o ódio das autoridades romanas contra a pregação de Jesus Cristo e como Judas recebeu o dinheiro para entregar o Cristo. No entanto, a nuance que se dá a imagem de Judas é totalmente outra. Ele não é um homem insensível aos moldes dos irmãos de José que o venderam para a caravana de Ismaelitas que iam para o Egito. Pelo contrário, o texto diz que Judas Iscariotes é bom e que apenas está servindo a Deus. Nem de longe lembra a imagem de vilão que permeia a cabeça dos cristãos em todo o mundo. No texto Judas é um herói, um discípulo especial que foi escolhido para participar do projeto de Cristo. Assim, ele não trai o amigo e mestre, mas cumpre uma missão divina. Basta mencionar que, no texto canônico da Bíblia Sagrada o termo empregado no original - Jesus não é traído, mas entregue.

No Evangelho de Judas o autor diz que Jesus instruiu Judas para que lhe entregasse aos romanos. Segundo o texto Jesus Cristo teria dito:

“Tu serás o apóstolo amaldiçoado por todos os outros. Judas, tu sacrificarás este corpo de homem que me veste”.

São João relata no capítulo 13 e versículo 27 o momento em que Jesus instruiu Judas a entregá-lo.

“And after the sop Satan entered into him. Then said Jesus unto him, That thou doest, do quickly”.[63]

Desnecessário dizer que o texto da versão secular King James da Bíblia Sagrada parece denunciar à mesma coisa do evangelho copta de Judas Iscariotes. Judas não agia segundo sua vontade, mas movido por uma força alheia a sua vontade.
Há um bom número de versados no assunto que dão um outro norte para esse personagem tão odiado que os eruditos da National Geographic tentam agora reabilitá-lo. Existe uma tese amplamente divulgada entre os estudiosos do Novo Testamento de que Judas Iscariotes era, na verdade, um espião, que se infiltrou no grupo do Nazareno para rastrear os passos de Jesus e seus seguidores, que à época eram vistos como um bando de fanáticos, semelhantes àqueles de Antônio Conselheiro mencionados pelo pré-modernista Euclides da Cunha no livro “Os Sertões”. Basta dizer que as autoridades romanas não davam a mínima para as “bobagens” que Jesus dizia.
O erro de Jesus que acabou levando o à morte, a meu juízo, foi o episódio da purificação do templo descrito por Mateus (21:12-17), Marcos (11:15-19) e Lucas (19:45-49). Nesse momento Jesus cruza o caminho do ambicioso Caifás. Os autores canônicos dizem que quando Jesus chegou a Jerusalém, ele entrou no templo e expulsou os que estavam comprando e vendendo. E, mais: derrubou as mesas com as mercadorias e proibiu que se carregassem mercadorias pelo templo. Isso foi certamente à gota d’água para que o sumo Sacerdote Caifás pressionasse Judas para entregar Jesus nas mãos dele. Não é demais lembrar que, os soldados levaram Jesus diretamente ao palácio de Caifás. Posto que Judas Iscariotes seria aparentado de Anás e Caifás, como argumentam alguns autores. Assim sendo, as 30 moedas de prata que Judas recebera pelo preço de sua traição, naturalmente fazia parte daquilo que ele recebia para “vigiar” Jesus.

No mundo pós-ideológico essa teoria parece fazer mais sentido, mas no tempo dos autores bíblicos certamente essa ideia nunca

[63] Depois que Judas comeu o pão, Satanás entrou nele. Então Jesus lhe disse: O que deves fazer, faça logo.

passou pela cabeça de nenhum deles. Não há no Novo Testamento qualquer indício de algo dessa natureza, apesar do primeiro evangelista afirmar que houve sim uma conspiração (Mateus 25:14-16). Por fim, cabe-me lembrar que o verdadeiro ódio que os cristãos sentem hoje por Judas Iscariotes foi gerado pela dramática descrição que os evangelistas fizeram da cena da crucificação de Jesus. Mas apesar da forma brutal que Jesus foi executado para seus contemporâneos aquela cena horrível não teve o mesmo impacto que ela tem hoje. Muitos cristãos modernos pensam que a crucificação foi um ato extremo que os judeus elaboraram para matar Jesus. No entanto, convém mencionar que a crucificação era um método romano de execução. Contudo, essa alegação não tira a culpa de Judas, mas com uma certa dose de reflexão, pode-se ver nitidamente que a crucificação de Jesus foi uma coisa banal para os romanos. Basta ler o que diz o primo evangelista de Jesus no capítulo 19 versículo 18. Os tradutores da famosa versão espanhola Rainha Valéria verteram o texto grego nos seguintes termos:

"Y allí le crucificaron, y con él a otros dos, uno a cada lado, y Jesús en médio".[64]

A malgrado de São João não ter sido claro o suficiente com relação aos dois homens que foram crucificados com Jesus, os demais evangelistas sinópticos afirmam que eles eram ladrões. Então, fica claro que Jesus sofreu a mesma punição dada aos demais criminosos do Império Romano. Sua pena por dizer ser o filho de Deus não foi nem maior nem menor do que as aplicadas até então.

Os dois criminosos que foram crucificados ao lado de Jesus como dito no capítulo do Evangelho de Nicodemos eram Dimas e Gestas dois malfeitores que apavoravam os cidadãos de Jericó. Eles foram levados a Jerusalém para serem crucificados na entrada da cidade juntos com Jesus. Todos os que entravam em Jerusalém já estavam habituados em ver cadáveres pendurado

[64] E ali o crucificaram, e junto com ele outros dois, um de cada lado e Jesus no meio deles.

no madeiro que serviam como um alerta àqueles que ousassem desafiar o poderio romano. Dimas o ladrão bonzinho era uma espécie de Robin Hood, mas Gestas era assassino, seu crime que o levou a execução foi por ter profanado o templo e molestado a filha do sumo sacerdote Caifás.

TERCEIRA PARTE

Poucos autores ao longo dos últimos dois milênios estudaram o caso de Jesus Cristo como um personagem qualquer daqueles que aparecem nos livros de história. Duas vertentes tem sido aplicadas no âmbito das pesquisas quanto a sua historicidade: ou Ele é um ser Divino ou um Mito – quase nunca uma figura comum. Daí a fragilidade de qualquer texto por mais robusto que seja em evidências documentais que negue sua existência Real como figura meramente humana no Novo Testamento. O triunfo da Doutrina Ortodoxa proposta pelo Cristianismo Paulino foi alcançado quando no Concílio de Éfeso em 431 A.D. Jesus é elevado a categoria de um deus universal. Do ponto de vista da mitologia sua queda se dá quando os iluministas resolvem ignorar as implicações da vida e obra de Jesus narradas pelos evangelistas rotulando- o como um personagem fictício sem a devida envergadura dos deuses mitológicos que povoavam a mente humana muito antes do suposto nascimento excepcional de Jesus de uma virgem chamada Maria. Os métodos modernos de investigação e a acessibilidade as fontes históricas dos pesquisadores romanos e judeus do tempo de Jesus permitem atualmente coloca-lo no seu devido lugar como um homem real que ousou enfrentar o poderoso Império Romano com sua mensagem bastante ingênua de justiça social. A acusação dos principais lideres religiosos que recai sobre Jesus é a de incitar a população contra a ordem pública, motivo pelo qual ELE é crucificado segundo os textos bíblicos se passado pelo Rei dos Judeus. E, é exatamente dessa acusação que Pilatos tenta exonera-lo durante o julgamento dizendo reiteradas vezes que Jesus é inocente, Lucas 23: 4.

Embora o julgamento de Jesus Cristo perante Pilatos faça parte da dramaturgia no N. T., ele de fato não ocorreu como Anás e o Sumo Sacerdote Caifás esperavam, visto que J.C. escapou da cruz ainda vivo por meio de um plano diabólico orquestrado pela mulher de Pilatos que aparece nos evangelhos apócrifos como

Claudia Procula e José de Arimatéia amigo pessoal dela. Para demonstrar como se desenrolou toda a trama da Falsa Crucificação de Cristo esta obra se apoia nos próprios textos bíblicos, aprocrifos e os anais dos historiadores contemporâneos de J.C. como: Josefo, Eusébio de Cesaréia, Caio Tácito, Seutônio e Filo, entre outros, os quais já foram mencionado na primeira e segunda parte dessa obra como referência a esta terceira parte.
A literatura canônica e extra-canônica dos primeiros séculos d.C. serve aqui de pano de fundo para o enredo que levou Jesus Cristo a crucificação no fadigo ano de 33. A autoridade dos evangelhos tinha sido questionada ao longo dos séculos por teólogos e pesquisadores do ocidente e principalmente por aqueles eruditos que negavam o Cristianismo como religião fundada ou estabelecida por um Deus com duas naturezas; uma humana e outra celestial no papel de Jesus até a descoberta dos documentos do Mar Morto e da biblioteca de Nag Hammadi – que apesar de contraditórios dão sustentação pelo menos da existência do Jesus histórico e da suposta condenação que o levou a ser crucificado. Os defensores da nova fé que aparecem com a suposta morte de Jesus pregado na Cruz na entrada de Jerusalém entre dois ladrões tinham como argumento o culto que surgiu por conta Dele e a teimosia de seus discípulos que insistiam na sua ressureição, porque também presumivelmente tinham sido testemunhas oculares de sua aparição milagrosa três dias após a dramática cena da crucificação. Já os adversários naquele tempo (muitos deles judeus) desconfiavam de Jesus e seus milagres e, por conseguinte, também negavam sua identidade divina, e talvez seja por essa razão que eles pediram sua cabeça durante o interrogatório no "Praetorium" de Pilatos em Jerusalém já que ele administrava aquela região a partir da cidade de Cesaréia. Vê se que o julgamento civil de J.C. se dá em duas etapas bastante conturbadas. A primeira pelos próprios judeus Anás seu genro Caifás. A segunda pelos romanos sob a batuta de Pilatos que tenta trocar Barrabás de Jopa por Jesus Cristo como forma de agradar sua esposa que estava com ele naquela ocasião em Jerusalém e o próprio povo Judeus, Lucas 23:18. Barrabás é um dos personagens mais sem graça da Bíblia. Ele havia sido preso como um assassino desalmado que apavorava a administração

provincial romana em Jopa uma cidadela ao sul da Judéia - com atos de guerrilheiro. Então, porque motivo o povo teria escolhido ele ao invés de Jesus, se o interrogado também não fosse naqueles dias de igual importância e tivesse um grupo ainda menor de moribundos como seguidores. A historicidade do povo palestino no período de invasão e domínio romano durante mais de dois séculos traz a tona uma época de forte tensão e revoltas politico-religiosas que desencadearam na maior crise social, onde a pobreza extrema afetava diretamente grande parte da população nos dias de Jesus. A decadência cultural e religiosa que levou ao desmantelamento do estilo de vida do povo Judeus que clamava por justiça social no tempo de Jesus Cristo teve inicio no ano 66 a.C. com a conquista da região da Judéia pelo exercito de Pompeu. Mas o fato é que, a degradação social havia começado bem antes com o processo de helenização no embate religioso entre judaísmo e o culto aos deuses pagãos gregos. A revolta dos Macabeus em 165 a.C. restabeleceu os territórios ocupados pelos gregos permitindo a reconstrução cultural e religiosa dos judeus. No entanto, a politica hostil adotada pelo grupo Asmoneu levou o a decadência tempos depois, caindo nas mãos dos Selêucidas. Marco Antônio já sob domínio romano cerca de 37 a.C devolveu o trono para um rei edomita-judeu dando início a dinastia herodiana. Esse pano de fundo é importante aqui para validar o desfecho macabro do episódio que fico conhecido na Bíblia como Massacre dos Inocentes comandado pelo rei Herodes narrado por Mateus que tem como consequência futura a execução de J.C. também sob alegação de que ele era o Rei dos Judeus. Herodes havia sido coroado como rei dos Judeus pelo senado romano mesmo sendo de origem edomita-romana. Quando soube que um novo rei judeus nasceria em Belém de Judá mandou executar todas as crianças menores de 2 anos da vila conforme Mateus 2: 16-18 a fim de que não fosse destronado posteriormente por um rei legítimo oriundos das tribos de Israel. Esse episódio abre um leque de questões que permite uma melhor compreensão, política, cultural e ética no contexto religioso dos contemporâneos de Jesus. Isto é, Jesus nasce num momento turbulento da história para a Palestina quando o poder alternava entre reis locais de origem supostamente judaica e procuradores romanos como o

próprio Pilatos. As crenças e as práticas religiosas apresentavam forte conexão com os partidos políticos dos Saduceus, Fariseus e Essênios ou Nazarenos do qual alguns documentos extra-canônicos dá a entender que a família de Jesus participava e que Jesus Cristo também era militante. Apesar das opiniões diferentes sobre o grau de participação de J.C. no âmbito político, o fato de haver entre seus escolhidos Zelotes, mostra nitidamente que no mínimo ele era simpatizante dos movimentos revolucionários. Tal fato tem implicações gravíssimas no contexto dos evangelhos porque quando ELE é preso no jardim do Getsêmani no Vale do Cédron, Simão Pedro, estava armado com uma espada contrariando a teologia Cristã da imagem de Jesus como líder de um grupo de discípulos pacifistas. De acordo com o texto canônico de João o soldado do templo denominado Malco tem sua orelha cortada por um golpe de espada. Tendo em vista a pequena importância que os evangelistas sinóticos dão ao fato de um dos membros da equipe missionária de Jesus usar armas fica evidente que eles tentaram apagar as pistas que podiam ligar Jesus aos Sicários também. Em particular, esse evento nunca foi esmiuçado a fundo pelos Pais da Igreja primitiva justamente pelas implicações politicas contidas no texto joanino tanto que até hoje a maioria dos cristãos rejeitam quaisquer associação partidária de Cristo. Pelo contrário, é precisamente por esse motivo que a figura de Jesus surge em Antióquia como fundador da religião Cristã e não de um partido político, como era de se esperar, contra Roma. É por essa razão também que o grande público da bíblica não consegue entender a brutalidade aplicada pelos romanos contra Jesus no roteiro do Novo Testamento. Entretanto, ao longo deste capítulo perceber-se-a que não foi bem assim. Para os romanos daqueles dias a suposta crucificação foi apenas mais uma execução banal aplicada a um criminoso qualquer. O evento no qual ELE foi crucificado ao lado de dois ladrões corrobora exatamente com o tipo de punição estipulada a Jesus Cristo perante um júri popular. A originalidade desse estudo esta no exame inicial do caso de Jesus com atenção especial no seu curriculum vitae não como uma divindade, mas como um rebelde comum que lutava contra as mazelas políticas do seu tempo. Além do mais, as frequentes referências dos autores do Novo

Testamento ao regime opressor estabelecido pelos romanos na Judéia, mostram que não há como negar que a pregação de Jesus estava direcionada a combater o avanço imperialista na sua região, particularmente porque ele chegou a conclusão de que não só o Judaísmo estava em perigo, mas a autonomia do seu povo. Com o resultado desta nova perspectiva, a simbologia da expulsão dos vendedores do Templo narrada por João 2: 18-21 pode ser compreendida pelos chefes dos sacerdotes como uma afronta pessoal que tem seus reflexos também na cena da crucificação mais tarde. Com a analise do caso de Jesus a partir desse prisma também á luz da criminologia se tem aí o resultado de causa-efeito. Isto é, Jesus foi condenado pelo ato de expulsar os cambistas do Templo é não pelo fato de se dizer Filho de Deus, Rei dos Judeus ou que ia estabelecer um novo reinado que viria da parte de Deus. O poderoso Império Romano não dava a mínima para as bobagens que Jesus andava dizendo sobre o fim do Mundo e a restauração do reino de Israel sob seu comando, ainda mais com a intervenção divina. Basta lembrar que o exercito do Salvador era formada por meia dúzia de gatos pingados de pescadores, um bando de maltrapilhos analfabetos, salvo o caso daqueles que aderiram ao movimento no período próximo a execução de Jesus como: José de Arimatéia, Nicodemos, a esposa de Pilatos Cláudia e o coletor de impostos Mateus. É necessário nesse caso, partir do particular para aquilo que é universalmente conhecido que os evangelhos foram rejeitados pelos Judeus justamente porque Jesus não tinha representatividade nem sua pregação força suficiente para imergir dentro de um cenário de pluralidade religiosa como naqueles dias. É conveniente mencionar que o Cristianismo inicial vem de fora para dentro, ou seja, antes de ser aceito pelos judeus foi primeiro pregado por Paulo aos Gentios Sírios e Romanos que se mostraram mais abertos ao sofrimento de Cristo. O suposto material bíblico produzido por Paulo pré- data os evangelhos e os Atos dos Apóstolos fornecendo uma visão diferente da forma do Cristianismo Petrino pregado em Jerusalém. Por isso, é bom lembrar então que o contexto no qual Jesus aparece é multifacetário. Todo o esforço feito para fornecer um quadro colorido como o dos Cristãos daquela época será inútil se o leitor

analisar o perfil de Jesus Cristo somente do ponto de vista da religião. Neste caso, obviamente, os desdobramentos serão sempre os mesmos defendido por grupos de teólogos que se apoiam na Cristologia. Insistem que Cristo é real e os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos são inspirados tanto quanto o Velho Testamento, e desta forma não podem ser excrutinizados negando a divindade de Cristo na medida em que a identidade cristã proto-ortodoxa foi moldada em função dos escritos daqueles que se achavam próximo de Cristo, e portanto seria uma ideia descabida negar sua existência. Ao mesmo tempo em que a partir de uma perspectiva multi-diciplinar histórica se vê a construção paulatina do personagem de Jesus Cristo como fundador do Cristianismo pelo Imperador Constantino no intuito de unificar seu reino por meio de uma religião comum que extrapolasse as fronteiras entre judeus e romanos. Em pouco tempo de adoção a nova fé, o número de cristãos romanos eram milhares. Foi somente com a instituição do culto em torno de Jesus por Constantino como religião oficial do Império Romano que o Cristianismo renasceu.

O grupo de Cristo era tão miúdo no seu tempo que nem despertou a atenção dos historiadores que até poderiam tê-lo conhecido durante suas andanças como: Filo, Patercolo e Apolônio que viveram entre os anos 20 a.C e morrem entre 30 a 40 d.C. período de sua infância, juventude, pregação, peregrinação e crucificação. De maneira similar, tantos outros como: Plutarco, Caio Plínio, Cláudio Ptolomeu, Floro Lúcio e Apiano de Alexandria que viveram entre o século I e II d.C. não dizem nada sobre Jesus Cristo e seus discípulos simplesmente porque Cristo ficou esquecido por mais de 300 anos, ainda que os apóstolos tenham levado sua mensagem até os gentios.
Esse esboço apresentado até aqui é importante porque ele permite introduzir as peças do quebra-cabeça da cena da crucificação de maneira prática, fugindo da concepção de que tudo sobre Jesus foi forjado, adulterado ou mascarado. Haja vista que existem inúmeras fontes escritas cristã e não cristãs universalmente reconhecidas como legítimas fora do Novo Testamento também. Os efeitos disso correspondem a expor a vida e obra de Cristo

sem a ilusão de estar descobrindo algo inteiramente novo. Pelo contrário, o estudo joga luz sobre a história de um judeu comum, rebelde político, agitador e pregador insensato que há dois milênios tem sido objeto de estudos dos mais gabaritados teólogos e pensadores. Ele fundamentalmente, como nenhum outro personagem na história da humanidade influenciou tanta gente séculos depois do seu desaparecimento do Sepulcro de José de Arimatéia, mesmo sendo um ilustre desconhecido no seu tempo. Flávio Josefo na sua obra História dos Hebreus não disse nada sobre Jesus, nem Eusébio de Cesaréia no seu livro História Eclesiástica, tampouco Caio Tácito em Anais porque o papel de Jesus na vida cotidiana do Império era pequeno demais para ser mencionado nas obras que procuravam registrar a epopeia dos grandes vultos na Palestina. A compreensão total desse fato pode ser extraída do próprio contexto evangélico Marcolino 14:44 que diz que Jesus foi identificado pela guarda romana por meio um beijo dado por Judas Iscariotes como sinal. Esse versículo desmonta qualquer argumento pro-Cristo de sua popularidade, além da escolha de Barrabás durante o julgamento da crucificação mencionado antes ao invés Dele. Se Jesus Cristo fosse tão popular como a Bíblia diz e tivesse muitos seguidores, primeiramente não haveria necessidade de Judas identificá-lo para os soldados no Monte das Oliveiras, já que a entrada triunfal Dele em Jerusalém no início da Semana Santa teria sido seu grande ato público, tornando o conhecido amplamente pelos cidadãos da Palestina. Segundo, sendo Ele filho de José Carpinteiro da casa de Davi, era de se esperar que seu ministério fosse acompanhado de longe pelas autoridades locais pelas implicações da sua linhagem real. O pai de Jesus era um extraordinário fabricante de barcos bem conhecido em toda a Judéia. Seu ofício sendo de grande valia para o comércio marítimo lhe dava fama e dinheiro, razão pela qual pode estudar os filhos, situação bem diferente do resto das famílias judias sob o julgo romano.

O narrador Lucas (4:18-12) diz que Jesus entrou na Sinagoga de Nazaré e leu o trecho de Isaias 61: 1-12 que fala de sua missão. Mas ele não diz que Jesus leu o texto grego da Septuaginta. Esses versículos demonstram que Jesus teve a oportunidade de aprender o grego, coisa que não era acessível aos pobres e humildes como

simples carpinteiros. A língua falada pela população de Nazaré onde Jesus nasceu era o Aramaico, somente os comerciantes e viajantes falavam Hebraico ou grego. Sendo o Aramaico sua língua nativa tudo leva a crer que ele aprendeu Hebraico e grego enquanto viajava com o pai pela região da Galiléia aprendendo o ofício de carpintaria. Os eventos do nascimento, infância, juventude e ministério de Cristo já foram analisados aqui nos capítulos anteriores que contemplam os textos evangélicos e extra-canonicos dos quais os estudiosos da Bíblia discordam em muitos pontos e concordam noutros, sejam eles cristãos ou não, como já foi dito. A maioria dos versados no N.T. geralmente concorda que Jesus nasceu Belém, no ano IV AEC, nunca esteve no Egito nem durante sua suposta fuga ainda menino conforme descreveu Mateus no capítulo 2:13-23, viveu parte de sua vida as margem do Mar da Galiléia ao lado de José Carpinteiro. Seu ministério teve início logo após ser batizado por João Batista nas aguas do rio Jordão. Escolheu um grupo de seguidores os quais o chamavam de Mestre. Reivindicou o trono de Israel que estava sob o controle de Roma. Foi preso e condenado por Poncio Pilatos. Como se sabe, a crucificação de Jesus foi um ato público realizado quando Tibério Claúdio era o Imperador Romano e Pilatos seu representante legal em Cesaréia de onde ele administrava Jerusalém. Lá o rei Herodes em que pese sua crueldade contra o povo tinha um papel figurativo agindo meramente como testa-de-ferro de Pilatos tanto que foi pego de surpresa para executar a dolorosa pena contra Jesus. Ele estava na cidade durante a celebração da Pascoa dos Judeus a convite do rei Herodes, por conta disso o prisioneiro foi levado até a ele também que se incumbiu de executar a sentença seguindo o costume romano. Os evangelistas não tiveram problemas em relatar a crucificação mesmo mais de meio século depois da execução justamente porque os romanos tinha como habito torturar suas vítimas num ritual que obrigava os condenados carregarem suas próprias cruzes até o local do martírio, onde eram pendurados ainda vivos para serem devorados pelas aves e cães que vagaram pelas estradas na entrada da cidade, quando não morriam antes em decorrência do estado severo de desidratação ou por sufocamento pelo próprio peso do corpo, sem falar na dor e desespero de ficar

pregado na cruz, ás vezes, durante dias, o que parece não ter sido o caso de Jesus Cristo segundo as fontes canônicas do Novo Testamento que relatam que o tempo transcorrido entre a crucificação e a retirada Dele da cruz por José de Arimatéia e Nicodemos foi de 6 horas. A chave para o sumiço de Jesus do tumulo é exatamente este curto período de tempo em que Ele permaneceu pregado lá, o que dá sustentação a uma provável farsa montada debaixo do nariz dos romanos para retirar Cristo ainda vivo da cruz. A trama começou ainda durante o interrogatório quando Cláudia a esposa de Pilatos pediu a ele que Jesus fosse solto. Vendo que ele não teve sucesso e ainda por cima foi acusado pelos judeus de não ser amigo de Cesar ao tentar soltar Jesus Cristo, ela presumivelmente teve a ideia de salvar o Salvador de outro jeito. Pouco se sabe sobre a vida dela na corte, mas pelo que parece ela acostumava acompanhar Pilatos nas viagens pela Judéia. Na época da crucificação ela estava também em Jerusalém acompanhando o marido procurador. É provável que ela tenha ouvido falar de Jesus e seus discípulos por intermédio de José de Arimatéia que era membro do Sinédrio e amigo pessoal da família habituado a frequentar a fortaleza de Antônia residência de verão do Procurador. Curiosa pelo que ouviu dizer do homem de Nazaré resolveu segui-lo secretamente temendo represálias por parte de Pilatos em função do cargo que ele ocupava. Não é de se estranhar que a mulher que toca as vestes de Jesus no meio da multidão fosse ela descrito em Lucas 8:40-45 uma vez que nem seguer os seus discípulos a reconheceram. Esta claro que aquela mulher não pertencia a comunidade local sendo este o ponto crucial para se descobrir quem era a mulher que enxuga o rosto de Jesus Cristo no caminho do Calvário também. A literatura cristão da igreja primitiva deu a ela o nome de Verônica sem de fato conseguir identifica-la na tentativa de santificar seu gesto. Seja como for, daí se pode concluir que se trata de Cláudia novamente porque somente uma pessoa conhecida da guarda romana poderia interromper o trajeto na via dolorosa. O raciocínio para compreender como Jesus escapou da cruz vivo pode ser balizado a partir destes dois eventos numa sequencia lógica que implica dizer que o próprio Pilatos participou da trama macabra de forma direta ao liberar o

corpo do crucificado antecipadamente contrariando a lei romana que afirmava que os condenados a crucificação deveriam apodrecer na cruz. É importante dizer quem nem os parentes podiam se aproximar do local de crucificação a fim de evitar choradeiras. Resumindo, a cena de João, a mãe de Jesus e suas amigas Maria Madalena, Maria Cléofas e Salomé ao pé da cruz é uma alegoria para empoderar ainda mais o sofrimento de Jesus nas narrativas do Novo Testamento. Com base nessa ideia fica ainda mais forte os indícios de que Arimatéia e Nicodemos foram ao Calvário para resgatar Jesus sob ordens de Pilatos e Cláudia.

O panorama no qual se dá a crucificação, aconteceu durante as celebrações da Pascoa Judaica, época em que os judeus iam para a cidade de Jerusalém aos milhares de todos os cantos da Palestina para comemorar a data de libertação do Povo Hebreu que haviam sido escravos no Egito 15 séculos ante de Cristo de acordo com o livro de Levítico 23: 5 do Velho Testamento. Nesse contexto não é difícil imaginar que a cidade deveria estar cheia de gente perambulando pelas ruas preocupadas com os festejos que incluíam músicas, danças, vinhos, pães sem fermentos além de carne de cordeiros. A execução de um condenado naquela semana (ainda que ele fosse o tal Jesus) era algo totalmente insignificante para a população em geral. O pulo-do-gato da turma de Jesus para resgatá-lo ainda vivo, é uma brecha na lei segundo o costume judaico que proibia qualquer tipo de trabalho no sábado Santo da Festa dos pães Asmos como se lê no livro de Exôdo 12:16. Valendo-se disso, Arimatéia pede a Pilatos para retirar o corpo de Jesus da cruz para sepultá-lo, o qual lhe foi entregue (Mt. 27:58). A parte mais complicada da trama se desenvolve exatamente aí nesse ponto porque os corpos dos condenados a crucificação não eram retirados da cruz de acordo com a lei romana, posto que já estavam fora dos muros da cidade e não havia necessidade de retirá-los e jogá-los no Vale de Hinnom, como se fazia com os indigentes e outros infratores menores que morriam sob tortura dentro de Jerusalém. O caso de Jesus foi pontual, pois Cláudia interviu novamente em favor de Jesus. Lembre-se que, quando Jesus caiu na sexta estação da ***via crúcis*** – ela se aproximou dele e enxugou seu rosto que segundo reza a lenda, ficou impresso no pano. Este incidente fazia parte da dramatização para soltar Jesus,

a despeito dele não saber de nada que aconteceria durante a crucificação até aquele momento. Neste interim, ainda que apressadamente ela lhe conta como se dará seu resgate da cruz. São estas as três intervenções diretas que são encontradas nos evangelhos canônicos que levam a ela, embora seja mencionada uma única vez como a mulher de Pilatos em (um arquétipo de primeira Dama dos tempos modernos) Mt. 27:19. Esta passagem é iluminadora porque desemboca em uma evento aparentemente sem gravidade no contexto do Novo Testamento. O fato da mulher de Pilatos pedir aos soldados para enxugar o rosto do condenado que passou batido pelos escritores e teólogos da Igreja todos estes séculos devido a casualidade do ocorrido ou porque nunca ninguém conseguiu identifica-la como a mulher do procurador. Mas, não foi bem assim. Tudo havia sido premeditado de maneira meticulosa por Cláudia e sua equipe ainda durante o julgamento. Bom ainda frisar que a execução de Jesus representa um caso típico de condenação antecipada que envolve traição, falsas testemunhas, corrupção e suborno por parte dos religiosos. Não é de se estranhar que Arimatéia tenha usado dos mesmos expedientes para facilitar o suposto sepultamento de Jesus Cristo no jazido de sua família. Portanto, seguindo as recomendações de Cláudia, o grupo de amigos de Jesus composto J. Arimatéia, Nicodemos e alguns beatos descem o crucificado que se fingia de morto após dizer que tudo estava consumado como sinal para eles entrarem em cena Lc. 23:46. Pode parecer ilógico defender tal ideia, mas basta ler o evangelho de João 19:33 que diz:

“Chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água”.

Este versículo também constitui mais uma peça do “script” que reforça a tese de que Jesus saiu vivo do Calvário. Esta afirmação de que nem um osso do réu foi quebrado se trata de mais um dos arranjos dos evangelistas tentando assegurar o cumprimento da profecia de Zacarias no Velho Testamento na pessoa de Jesus, que bem ou mal seguia o roteiro das escrituras hebraicas. Ainda assim, se pode especular que o tempo que Ele permaneceu na cruz fora razoavelmente curto, não havendo tempo para nenhum tipo

de agressão física contra ele, além dos insultos da parte dos soldados. Mais a frente no mesmo versículo João diz que Jesus foi transpassado por uma lança por onde saiu agua e sangue, provavelmente no ato da entrega do corpo. Apesar disso, nenhum órgão vital parece ter sido atingido pelo que se vê nas entrelinhas. A visão cinematográfica de Jesus Cristo ensanguentado tem um viés contraditório porque a crucificação não provocava derramamento de sangue. Os cravos eram pregados evitando se as regiões vascularizadas dos pés e das mãos a fim de que o crucificado não morresse instantaneamente, como se sabe, a crucificação não era exatamente um método de execução, mas de tortura que levava a morte com o passar do tempo. A coroa de espinhos e as chibatadas ao longo das dez estações da via dolorosa não lhe causaram nenhum banho de sangue. Há um clareamento nítido nesta passagem que permite qualquer individuo, por mais pio que seja, visualizar Jesus vivo a caminho de Emaús que ficava a cerca de 7 quilomêtros do gólgota mesmo após tamanho flagelo algum tempo depois. Os evangelistas mesmo sustentando que Jesus já estava morto quando foi retirado da cruz por Arimatéia deixa escapar uma pista da farsa da crucificação ao fazer menção da quantidade enorme de mirra e aloés utilizada para envolver o copo de Cristo, que por sinal era uma mistura caríssima usada para embalsamar defuntos conforme a tradição judaica. Por outro lado, é bom que se diga que os judeus usavam a mirra e aloés na composição de cicatrizantes e anti-inflamatórios também. Aquela grande quantidade de óleos e aromas de aproximadamente 33 quilos usados para emolar o corpo de Jesus, embora tenha passado desapercebido por Maria Madalena e a outra Maria mãe de Tiago que ajudavam o grupo de Jesus preparar seu corpo para o sepultamento, tinha uma função diferente para Arimatéia e Nicodemos. Toda essa substância curativa estava sendo utilizada para salvar a vida de Jesus cicatrizando suas feridas. Se nenhum osso lhe fora quebrado, se nenhum órgão vital foi danificado pela lança, 6 horas na cruz, por certo não lhe tiraram a vida. Não há como negar que o trabalho realizado pelo fariseu Nicodemos ao limpar e estancar o sangue que saia pela abertura provocada pela lança teve papel fundamental para a pronta recuperação de Jesus após seu resgate

da cruz, pois os fariseus eram exímios conhecedores de ervas com poderes medicinais habitualmente utilizadas nos rituais de purificação. Desde que eles fundaram sua agremiação religiosa 200 anos antes do nascimento de Jesus exerciam também a função de curandeiros locais por serem fieis depositários da tradição oral da Torah, a qual contem a descrição de plantas que lhes serviam como remédios. No livro de Marcos 15:23 acha-se escrito que os soldados deram vinho misturado com mirra para Jesus beber. Trata-se de mais um versículo iluminador no contexto da Paixão de Cristo porque traz à tona parte do espetáculo da crucificação. A mirra é uma resina amarga extraída da espécie *Cammiphora* citada diversas vezes nos livros do Velho Testamento como: Exôdos 30:23; Salmos 45:8 e Provérbios 7:17 entre outros servindo com aromatizante natural pela sua grande quantidade de substâncias voláteis além do uso frequente como anestésico. A mirra que chegava a Jerusalém na forma de óleo vegetal vinha das regiões áridas e semiáridas do norte da África com preços exorbitantes. Embora o texto Marcolino dê a entender que a mistureba de vinho e mirra ao pé da cruz pertencesse aos guardas romanos, na realidade não era bem assim. O alto custo da bebida demonstra a improbabilidade de tal afirmação, mas que o material foi levado lá por Nicodemos para anestesiar as lesões de Jesus até que ele fosse transportado para local seguro, a fim de que seu corpo pudesse ser tratado adequadamente. Foi exatamente isso que ocorreu na descrição subjetiva de João 19: 42 que diz que o sepulcro novo de J. de Arimatéia ficava perto do gólgota onde Jesus estava. Os jazidos escavados nas rochas, principalmente das famílias ricas como a de Arimatéia tinham o formato de uma sala, que neste caso serviu como ambulatório improvisado para Jesus. O encaixamento dessa peça aí reforça ainda mais os passos seguintes do grupo de Jesus Cristo no seu inesperado salvamento, de maneira que as propriedades terapêuticas das plantas bíblicas eram bem conhecidas das mulheres que acompanhavam Jesus de Nazaré e seus discípulos. Desse modo, foram elas que preparam a mistura de mirra com aloés (*Aquilaria*) que aparece uma única vez na Bíblia no texto Joanino 19:39 justamente no suposto preparo do corpo de Jesus de Nazaré para o sepultamento, mas que na realidade estava vivo. Mais uma peça desse quebra-cabeça

secular pode ser extraída na narrativa de São Marcos 15:44 que fala do estranhamento de Pilatos sobre a morte repentina de Cristo na cruz o que dá mais uma vez sustentação a possibilidade concreta de um período maior de sobre vida de um crucificado, quando se fala de outros métodos cruéis de execução da antiguidade. Portanto, considerando – se o curto tempo de permanência de Jesus na cruz, do ambulatório ficar no jardim do Calvário (o sepulcro), mais a quantidade esajerada de substâncias sedativas e cicatrizantes usadas no seu funeral, se pode afirmar agora que não há nenhum aparato teológico capaz de derrubar os indícios que apontam para uma falsa ressureição.

O exército de Jesus composto por doze discípulos havia debandado na noite de sua prisão temendo retalhações severas contras eles pelas autoridades romanas, então, coube a Arimatéia e a Nicodemos também a tarefa de remover Jesus vivo na madrugada de sábado para domingo para um local seguro. Na dramatização de São João das aparições pós-morte que se dá no capítulo 20 de seu evangelho há mais um sinal claro de que não houve ressureição. A melhor explicação para esta alegação se encontra no versículo 27 do mesmo capítulo que trata da incredulidade de Tomé quando Jesus pede a ele que toque suas chagas para verificar se ele havia ressucitado de fato como diziam seus companheiros. O detalhe importante aí é que isso se dá 8 dias após a cena da ressurreição confirmando que Jesus ainda estava com suas chagas abertas, o que pressupõe um estágio de cicatrizamento normal dos humanos, não se tratado de ressureição divina, uma vez que, ressureição propriamente dita, significa restauração. Se Jesus foi restaurado no domingo, logo não poderia, pelo menos em tese, do ponto de vista da soteriologia reestabelecer sua condição de torturado uma semana depois. Os eventos anteriores a sua manifestação a Tomé com os pés e as mãos ainda com os sinais dos pregos indicam que Maria Madalena e seus outros discípulos o viram naquela aparição dominical uma semana antes *in corpore sano*. As discrepâncias textuais entre os autores do Novo Testamento são comuns em todos os seus livros, motivo pelos quais a passagem Bíblica Joanina 20: 27-29, que diz: Não sejas incrédulo, mas crente. Bem-aventurados os que não viram e creram, faz parte dos

arranjos do evangelista para dar sustentação a ressureição de Cristo. A segunda parte deste versículo, naturalmente, revela uma mera alegação, dada sem qualquer evidência pelo quarto evangelista da ressureição a fim de assegurar a credibilidade dos relatos das aparições anteriores. O mais importante é que esse trecho do evangelho especificamente abre uma brecha maior para a analize do pedido dos Sacerdotes e Fariseus a Pilatos para enviar soldados para vigiar o local para onde o corpo de Jesus havia sido levado. A guarda do túmulo e o suborno dos soldados faz parte só da narrativa de São Mateus 27: 62-66 e 28: 11-15 que por sua vez, tem implicações severas pela falta de elementos comprobatórios de que tal pedido tenha ocorrido, já que os sinopistas não mencionaram nada desse tipo, e portanto, a inserção desses versículos devem ser compreendido como parte do esforço pro-evangelho do autor que não estava no local dos fatos, se valendo apenas da tradição oral dos eventos no mínimo meio século depois dos acontecimentos. A cena da ressureição sem esta fundamentação seria vazia por si só pela falta de uma única testemunha, por isso, o autor do primeiro evangelho põe a guarda romana na cena do "túmulo vazio" com a intenção de se ter uma versão oficial que não poderia ser ignorada simplesmente ou refutada mais tarde. O caso do suborno oferece detalhes coerentes com o que pode ter ocorrido de fato, com o sumiço do corpo de Jesus ainda na noite de sábado. Arimatéia teria subornado os soldados para anunciar a ressureição de Jesus aos judeus e romanos enquanto ele levava o seu Salvador vivo para Galiléia por ironia do destino. Houve aí, então, uma inversão dos fatos pelos religiosos locais tentando responsabilizar os discípulos do suposto morto pelo sumiço dele. Esta alegação poderia ser facilmente derrubada pelos indícios da fuga extantânea do exército de Cristo mesmo antes do seu julgamento a partir de uma investigação mínima pelas autoridades romanas. A forma demagógica que São Mateus expõe os versículos de 11 á 15 do capítulo 28 denota que os sacerdotes e fariseus continuaram agindo mesmo após ter entregue Jesus para se julgado por Pilatos. Mais uma vez, a tentativa dos lideres religiosos de criminalizar os seguidores de Cristo pelo roubo do seu suposto cadáver reforça a

ideia de que Ele saiu do sepulcro de Arimatéia ainda na noite da crucificação.

Este fato por si só já esclarece porque Maria Madalena foi a única a vê-lo vivo ainda em Jerusalém. Diante disso, é infinitamente improvável que os discípulos de Jesus tenham lhe ajudado a fugir ou cooperado na farsa da crucificação. Isso pode ser confirmado pelo versículo 17 do capítulo 28 que diz que ele foi visto pelos seus onze discípulos ressurreto num monte na região da Galiléia que Mateus não indica aqui no seu evangelho, talvez por se tratar do mesmo lugar em que Jesus teria realizado a segunda multiplicação dos pães a qual ele já havia mencionado antes no capítulo 15: 29-39, isto é próximo às margens do Mar da Galiléia. A Bíblia não fala quanto tempo se passou entre a ressureição e a sua primeira aparição ao seu grupo de discípulos porque o significado simbólico da cronologia das datas bíblicas faz parte também dos muitos arranjos de seus autores para justificar o cumprimento desta ou daquela profecia em determinado evento como e o caso da ressureição (aparição) de Jesus no terceiro dia predita no Velho Testamento. Para isso, Jesus refresca as ideias de seus escolhidos dizendo que tudo estava escrito nas Leis de Moisés, nos Salmos e profetas, Lucas 24:44. Note que são 40 dias de aparições também até sua alegada ascenção ao Céu, Atos 1:3-9. Esse número redondo já havia surgido antes na narrativa dos sinopistas que ficou conhecido como o episódio da tentação de Cristo no deserto. Sem falar que esse número também esta relacionado com os 40 anos que Povo de Israel viveu no deserto desde a fuga do Egito até Canaã. É de supor então que Jesus perambulou durante alguns dias de um local para outro se escondendo entre a primeira aparição a Madalena e aos dois homens ainda no domingo de Pascoa a caminho de Emaús, período suficiente para que suas feridas fossem cicatrizadas permitindo lhe alcançar algum tempo depois (talvez 40 dias) a Galiléia onde ele se apresentou aos onze discípulos conforme havia dito a Madalena que lhe servira como emissária da ressureição. Na primeira epistola de Paulo aos Corintos se lê que Jesus apareceu para 500 irmãos, dos quais muitos ainda estavam vivos quando ele escreveu sua carta segundo Lucas, o biografo de Paulo. Esse registro de I Cor. 15:16

é fundamental aqui para entender a movimentação de Jesus durante os 40 dias pos-ressureição. A melhor maneira para isso é seguir a cronologia dos eventos de acordo com o Novo Testamento que diz que Jesus apareceu para Maria Madalena em Jerusalém, a dois homens em Emaús, aos onze discípulos às margens do Mar da Galiléia, aos 500 irmãos em Cafarnaum e depois para Paulo de Tarso em Damasco. Tendo em mente que Damasco era a cidade mais populosa da Síria, não é difícil imaginar porque Jesus correu para lá ou para Tarso. Jesus não pode voltar para Nazaré porque ele havia sido rejeitado pelo grupo de nazareno do qual sua família fazia parte. Não poderia ir também para Carfarnaum porque lá havia muitas pessoas que poderiam reconhece-lo em razão da suas pregações habituais nas sinagogas, bem como também a casa de Pedro. Então, pode-se afirmar que Jesus foi levado ainda ferido para Emaús que ficava distante de Jerusalém somente 11 quilômetros para lá se recuperar, assim sendo, por essa motivo ele foi visto por Cléofas, talvez alguns dias mais tardes enquanto andava por aquelas "bandas" em razão do povoado ser naquela época um local arrazado com um pequena população de esquecidos, em que pese ter sido uma cidade importante um século e meio antes de Jesus se refugiar por lá. É bom acrescentar que Lucas 24:29 não fala nada das chagas de Cristo e ainda diz que Jesus sentou-se à mesa com os homens de Emaús naquela noite e depois desapareceu. Mais um indício surge quando após ter sido reconhecido por Cléofas e outros seguidores seus que o encontraram em uma casa em Emaús, sugere que ele resolveu fugir para uma outra cidade da província da Galiléia que não fosse Cafarnaum rumo ao Deserto da Jordânia que ficava na fronteira com Israel. A aparição as 500 pessoas pode ter sido em Betsaida ou Betânia ou em qualquer uma das mais 200 cidades da região anexada a Galiléia por Herodes Antipas e foi mencionada pelo evangelista no N.T., talvez por ter sido um lugar bem conhecido dos Cristãos do século I. É provável que Jesus foi visto por muitos na sua rota de fuga por viajar pela margem norte do Mar da Galiléia parando em Betsaida onde morava os irmãos Filipe e André que faziam parte do seu grupo. A primeira coisa a ser observada é que essas aparições supostamente pós-ressureição também faziam parte da

trama para amedrontar os romanos e os religiosos judeus que apoiaram a crucificação do Cristo, por isso, é mais certo afirmar que as 500 pessoas eram de Betsaida localizada alguns quilômetros de Cafarnaum. Isto significa que o roteiro da fuga era tão obvio que Jesus nem se deu ao trabalho de evitar os amigos. Isto ilustra bem porque Jesus foi visto pela última vez em Betânia há 6 quilômetros de Jerusalém. Lá morava Lázaro que segundo o evangelho de João 11: 40-43 havia sido ressucitado por Jesus no inicio de sua pregação. É razoável pensar que Lázaro e suas irmãs fossem pessoas muito conhecidas naquela cidade, por isso, o evangelista o escolheu como uma das figuras folclóricas dos milagres. Seja como for, a fuga de Jesus não teria sido possível sem a ajuda dele para Damasco, já que os discípulos de fato haviam fugido, como dito antes. Então, é legítimo pensar que a casa de Lazaro foi a última parada de Jesus antes da atravessia do Deserto da Jordânia em direção a Damasco na Síria porque a dinâmica da movimentação constante de Jesus demonstra claramente que ele estava fugindo. De deserto Jesus entendia muito bem, basta lembrar novamente o episódio de sua tentação no deserto da Judéia que é semelhante em alguns aspectos ao da Jordânia por onde vagou 40 dias. Por ele, Jesus pode chegar a Síria seguido a antiga estrada romana conhecida como Via Traiana até Damasco que ficava a mais de 200 quilômetros de Jerusalém para encontrar Paulo de Tarso amigo de Lázaro.
O encontro de Paulo com Jesus faz parte de um pequeno esboço do médico Lucas para introduzir no Novo Testamento a possibilidade da conversão dos gentios ao Cristianismo Paulino. Lá no capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos acha-se referências ao evento que dão conta de que Jesus surge em espirito como uma luz vinda do céu, diferentemente das outras aparições físicas. O texto diz que Paulo viu e conversou com Jesus numa visão, mas os que estavam com ele só ouviram sua voz. Depois disso, Paulo ficou cego durante três dias. Mais uma vez, a misteriosa simbologia numérica bíblica surge de forma análoga ao evento da ressureição. Não por mero acaso, mas como instrumento de apoio a pastoral Paulina. Paulo de Tarso é um dos personagens mais emblemáticos do N.T. depois de Jesus em função da sua personalidade forte. Paulo era Judeu pelo que consta em

Pilipenses 3: 5-6 e perseguia a Igreja de Cristo conforme ele próprio declarou em I Cor. 15:9. Estas duas passagens bíblicas fornecem os elementos necessários para comprovar que Paulo, realmente participou de maneira ativa e direta no embrólio da fuga de Cristo. Ele era Judeu e era Mercenário. Um dos pilares da pregação paulina e o arrependimento que o levou a conversão. Mas aqui a conversão dele não deve ser compreendida como um evento que se deu de fato pela fé na ressureição, porém como um indulto a sua conduta hostil contra um inocente. Quando ele soube por intermédio de Lázaro que Jesus havia escapado ileso da crucificação e estava a caminho de Damasco, ele se propôs a cooperar na fuga. Essa mudança repentina de comportamento se deve circumstancialmente ao apelo de Lázaro que o convenceu da injustiça cometida pelo tribunal romano. Paulo era um sujeito poderoso habituado a lidar com as autoridades locais sendo uma pedra fundamental no tabuleiro da farsa da crucificação de Cristo. Ele era também um viajante acostumado a sair de Jerusalém pela Via Traina cruzando o deserto da Jordânia até Damasco, ou seja, era o tipo ideal para dar cobertura a Jesus durante uma provável perseguição pelas tropas romanas. Essa visão à luz do Novo Testamento é potencialmente problemática porque Paulo teve papel fundamental na difusão do Cristianismo conforme se lê no livro Atos dos Apóstolos durante suas três viagens missionárias enquanto estava alojado em Antioquia, além da última viagem a Roma após sua prisão em Jerusalém. É interessante notar que Paulo passa de Perseguidor a Perseguido no contexto canônico simplesmente para dar mais credibilidade aos evangelhos que foram escritos algumas décadas depois da sua suposta conversão. Há um punhado de discrepâncias na pregação paulina que apontam para um personagem que foi introduzido no Novo Testamento por ser uma figura cosmopolita bastante conhecida no tempo de Jesus, mas que de fato nunca fez parte do apostolado de Cristo como missionário. É comum na Bíblia a materialização de alguns indivíduos marginalizados assumido posição de destaque em virtude de sua popularidade. Sabe- se que a maioria dos autores cujos nomes aparecem nos livros bíblicos não escreveram nenhuma daquelas páginas. Para fazer isso, os escribas responsáveis por copiar os pergaminhos e papiros antigos,

introduziam nomes de personagem que fizeram de alguma forma parte da vida local que caberia muito bem no contexto histórico do povo da Bíblia. Por exemplo, o Evangelho de João parece ter sido o último dos quatro evangelhos escolhidos pelo grupo do Imperador Constantino para compor o Novo Testamento, e por isso, acrescentou – se o titulo "Segundo João" para parecer que o texto foi originalmente produzido por João Batista, primo de Jesus. Mais tarde, os novos editores do N.T. adicionaram ao primeiro evangelho o titulo "Segundo Mateus" para indicar que ele havia sido escrito pelo coletor de imposto de Cafarnaum conhecido como Mateus, mas que também nuca fora um dos doze escolhidos por Cristo. É provável que houve uma combinação de elementos reais e fictícios na composição do personagem de Paulo pelo autores do Novo Testamento que dão sustentação para se argumentar que pela perseguição implacável que ele sofreu, talvez, as autoridades locais desconfiasse da sua ligação com o sumiço do corpo de Jesus. Assim, não há grandes dificuldades para perceber que Lucas fez um esforço danado para criar o suposto ministério paulino com base nas suas próprias ideias da ressureição de Cristo. Da analise critica das cartas de Paulo se pode vislumbrar um cenário em que o autor vai ao longo dos capítulos municiando seu personagem passo a passo. A conversão de Paulo por si só já causa muita estranheza pelo seu apego exagerado as tradições judaicas que vão totalmente contras os aspectos sociais e culturais de seu ministério cristão. Além disso, é bom pensar que sua pluralidade cultural, talvez não lhe permitisse engolir a história da ressureição como algo real. A evidente correlação entre a mitologia grega com seus heróis pré-históricos que nasciam de virgens, caminhavam sobre as aguas, faziam curas milagrosas e ainda por cima ressurgiam dos mortos, certamente lhe pareceria muito familiar. A hibridização do Judaísmo seria para ele algo intolerável caso o Cristianismo fosse introduzido na Terra Senta, mas o cronista e ensaísta Lucas o converteu num missionário obstinado em troca das benesses da restauração de Israel. Paulo fala sobre sua formação em Atos 22:3 mencionando que era aluno de Gamaliel, ou seja, sua educação seguiu os ritos da escola filosófica dos Fariseus em Jerusalém contaminada severamente pelo helenização constate do Judaísmo.

Estas informações sobre Paulo como um culto mercenário são muito valiosas uma vez que permite restaurar sua imagem dentro do Novo Testamento como alguém capaz de ter de fato levado Jesus até mesmo para Tarso depois do encontro em Damasco. Tal opinião pode ser considerada justificável porque Tarso era uma cidade portuária com uma população enorme de gentios que vinham à Síria de todas as partes do Império Romano sedentos pelo desenvolvimento filosófico das escolas Estóicas. Portanto, a última parada de Jesus na rota de fuga deve ter sido a casa de Paulo em Tarso de onde pode partir em total anonimato para qualquer lugar do Mundo. Paulo era um mercenário romano inescrupuloso que foi enviado a Jerusalém como espião a mando das autoridades de Roma para perseguir não só cristãos, porém todos os tipos de indivíduos que conspirasse conta o Império. É de notar que seu nome e mencionado no N. T., 72 vezes sem indicar uma única linha de que ele tenha conhecido qualquer um dos discípulos e até mesmo Jesus embora morasse na Galiléia também durante a vida de Jesus. Tudo isso porque Lucas queria que seu personagem não tivesse ligação nenhuma com a turma de Jesus. Sua ida para Tarso deve ter ocorrido presumivelmente para estudar já que aquela cidade havia superado os grandes centros de ensinos da Grécia e Egito como Atenas e Alexandria, não que ele houvesse nascido lá, como Lucas sugere em Atos 21:39. De maneira geral, é muito difícil determinar o tamanho da participação e envolvimento de Paulo na conspiração para salvar Jesus, mas não há como negar que ele esteve metido até o pescoço na fuga de Jesus da casa de Lázaro em Betânia para Damasco e posteriormente para Tarso pelo próprio desenrolar do que é dito por Lucas nos Atos dos Apóstolos. As viagens de Paulo permite criar um roteiro de fuga para Jesus de forma descarada que Lucas preferiu chamar de Viagens Missionárias. Como se pode ver, no livro de Atos dos Apóstolos as supostas viagens de Paulo representam o roteiro pelo qual Jesus seguiu para encontrar parte de seu grupo que havia sido desbaratado com sua prisão, e o primeiro deles foi Pedro que estava escondido em Antioquia. É voz corrente entre os mais gabaritados estudiosos do N.T., que os discípulos de Jesus não fundaram nenhuma igreja conforme esta escritos em Atos, mas que pequenas comunidades começaram a

se organizar nos lugares onde muitos discípulos viveram muitos anos depois da morte deles, talvez um século depois da crucificação de Cristo. Os próprios discípulos diretos de Jesus não tiveram tempo, tampouco imaginaram criar ou fundar uma nova religião em torno de Cristo, basta para tanto lembrar que o cristianismo surge como religião durante o império de Constantino. Pedro negou Jesus três vezes de acordo com Marcos 14: 66-72, o que de cara demonstra que ninguém seria louco o bastante para fundar uma igreja Cristã enquanto a poeira não abaixasse na Palestina, haja vista que os conflitos entre judeus e romanos se estenderam até os dias de Constantino. Isso invalida totalmente a pregação de Paulo também que segundo a Bíblia ocorreu entre os anos de 33 d.C. e 67 d.C. data de sua execução durante o reinado de Nero, então, também é importante frisar aqui que Jerusalém foi destruída totalmente três anos após a morte de Paulo, isto é no ano 70 de acordo com o historiador Josefo como consta no seu livro Guerra dos Judeus escrito por volta do ano 75 d.C.

Portanto, é razoável pensar que até o final do século I ninguém ousou assentar uma única pedra sequer para edificar uma igreja em nome do crucificado de maneira que Paulo também jamais desafiaria o Império Romano por qualquer motivo que fosse, a não ser por dinheiro pelo que se sabe do seu carácter duvidoso. Lucas atribui a Paulo o apostolado de Cristo ridicularizado o próprio papel de liderança de Pedro por motivos óbvios, o que pressupõe que Paulo fosse um figurão notável romano conhecido em toda a Palestina e que já estivesse morto há pelo menos meio século, talvez, quando o evangelista escreveu o livro dos Atos dos Apóstolos. Paulo era um personagem tão real quanto Jesus, todavia sempre defendeu os seus próprios interesses no que tange sua relação como Roma, porém foi se aproximando da história de Jesus na medida em que os arranjos necessários foram sendo feitos dentro do Novo Testamento por ambos serem contemporâneos. É impossível não acreditar nas Epístolas paulinas tão bem elaboradas dentro do pacote teológico desenvolvido por Lucas ao longo de suas treze cartas que dão sustentação ao ministério paulino, mesmo Paulo não tendo escrito uma única linha sobre Cristo pelo que se nota ao verificar que as

Cartas escritas aos Romanos, Coríntios, Gálatas, Tessalonicenses, Efésios, Filipenses, Colossenses, bem como aquelas dirigidas a pessoas como: Filemon, Timóteo e Tito são frutos da propaganda cristã de Lucas, tanto que o debate sobre a autoria paulina se arrasta desde a fundação do Cristianismo até hoje. É fato notório que nenhum pesquisador serio do N.T., acredita na autenticidade das cartas como sendo do próprio punho de Paulo, porque o material documenta situações das comunidades que surgiram em torno dos lugares que os apóstolos viveram, e não do tempo em que eles viveram. Na medida em que se aproxima da mensagem central das cartas, se percebe nitidamente alguém agindo *pro Roma* para o relaxamento da pressão dos judeus e gentios contra Roma. Por conta disso, surge nesse contexto um personagem histórico desnudo de sua religiosidade e espiritualidade muito mais condizente com o seu papel de perseguidor da igreja que não era igreja no sentido denotativo da palavra e dos cristãos que também não eram, de fato cristãos, porém opositores do regime romano. É uma ideia insana imaginar que Paulo, talvez sob ordens de Barnabé, tenha agido como tesoureiro da Igreja de Antioquia responsável por financiar ou fornecer ajuda para aos cristãos, ou melhor, seguidores de Cristo que passavam necessidades em Jerusalém durante a severa crise de fome que se abateu sobre a Judéia pouco tempo depois da suposta crucificação de Jesus. Havia uma grande lacuna a ser preenchida para dar sustentação à teologia Paulina, por essa razão também Lucas elabora seu combo evangélico que vai desde a criação de inúmeras igrejas, pregação missionária de Paulo por diversos lugares fora da Palestina, rejeição a principio pelos discípulos, perseguição e prisão em Jerusalém e finalmente sua aceitação como apóstolo de Cristo, seguido do seu cárcere final em defesa da fé em Roma. A partir desse ponto de vista, não há razão para duvidar que as prisões de Paulo tanto em Jerusalém como em Roma por duas vezes esta associada as supostas aparições físicas de Cristo, porque seria estranho pensar que Paulo não tenha tido nenhum tipo de envolvimento na prisão de Jesus já que ele é citado como perseguidor da igreja na Bíblia. Embora, ele não tenha sido mencionado no contexto dos evangelhos, isso não quer dizer, que sua súbita aparição durante o apedrejamento de Estevão

seja o ponto inicial do contato seu com os Cristãos, Atos 7:57. É possível, naturalmente, que Paulo tenha cruzado com Jesus muitas vezes na região da Judéia antes da crucificação, e talvez até fosse amigo casual de Jesus, pois pelo que se sabe, Jesus acompanhou seu pai José Carpinteiro até o inicio de sua missão uns três anos antes de ser julgado por Pilatos tempo suficiente de pelo menos alguns encontros ocasionais em alguma sinagoga, num mercado local ou na casa de Lázaro. A ligação de Jesus com algumas pessoas influentes aparece, ás vezes, implícita ou explicitamente no contexto do Novo Testamento de forma dúbia. Houve um grande esforço dos autores das Escrituras Gregas de mostrar Jesus ao lado dos mais pobres e humildes, mas ao longo de sua vida de profeta rejeitado vai surgindo aqui e ali gente importante que passa a fazer parte do seu drama como o novo rei dos Judeus como: José de Arimatéia membro do Sinédrio (Lc.23:50), Nicodemos chefe dos Judeus (Jo.3: 1-8), Jairo chefe da sinagoga (Mc.5:22), Lázaro e suas irmãs Marta e Maria ricos comerciantes de Betânia (Lc.16:19-31) e por último, mas não menos ilustre, então, Saulo (At.9:1-9), ou Paulo (At.16:37) seu nome latino por herdar a cidadania romana do seu pai. O largo transito entres Jesus e tais personalidades do seu tempo corrobora ainda mais para pôr Paulo definitivamente no meio da encrenca que Jesus se meteu por imaginar que ele era o tão sonhado Messias profetizado em Isaías (61: 1-2). Ao se dar conta já pregado na cruz da besteira que havia feito lá na sinagoga de Nazaré no início de seu ministério grita desesperadamente: “Eloi, Eloi lamá sabactani?” conforme se lê em Marcos 15:34. Este versículo é uma prova irrefutável das razões que levaram Jesus Cristo a aceitar a ajuda do Paulo em Damasco para se esconder por lá, posto que ele já havia participado da encenação do grupo de Arimatéia descendo da cruz e se escondendo da guarda pretoriana no túmulo vazio, em função da dolorosa descoberta de que ele não era de fato o messias. A crucificação em si para Jesus não era na aquele momento nenhum bicho-de-sete cabeças até ele entrar em pânico na medida em que as horas foram passando. Na cruz, as muitas similaridades do seu caso em relação aos outros “jesuses” que haviam também sido condenados antes dele, talvez, tenha lhe aberto os olhos diante daquele quadro de total abandono no qual

ele se encontrava. Essa frase em aramaico talvez tenha sido seu ultimo argumento na esperança de que as profecias do V.T., se cumprisse nele, usando como seu derradeiro recurso o Salmo 22:1 que o narrador Marcos pensou que tal pedido de desespero viesse da própria boca de Jesus, ou talvez, se trate de mais um de seus arranjos messiânicos. Esta claro pelo contexto de tudo aquilo que é dito por Jesus nos Evangelhos de que ele pensava ser realmente o messias, e por essa razão, ele foi ate o fundo do poço sustentando suas ideológicas contra Roma, nada diferente do haviam feito todos aqueles "jesuses" citados por Josefo.